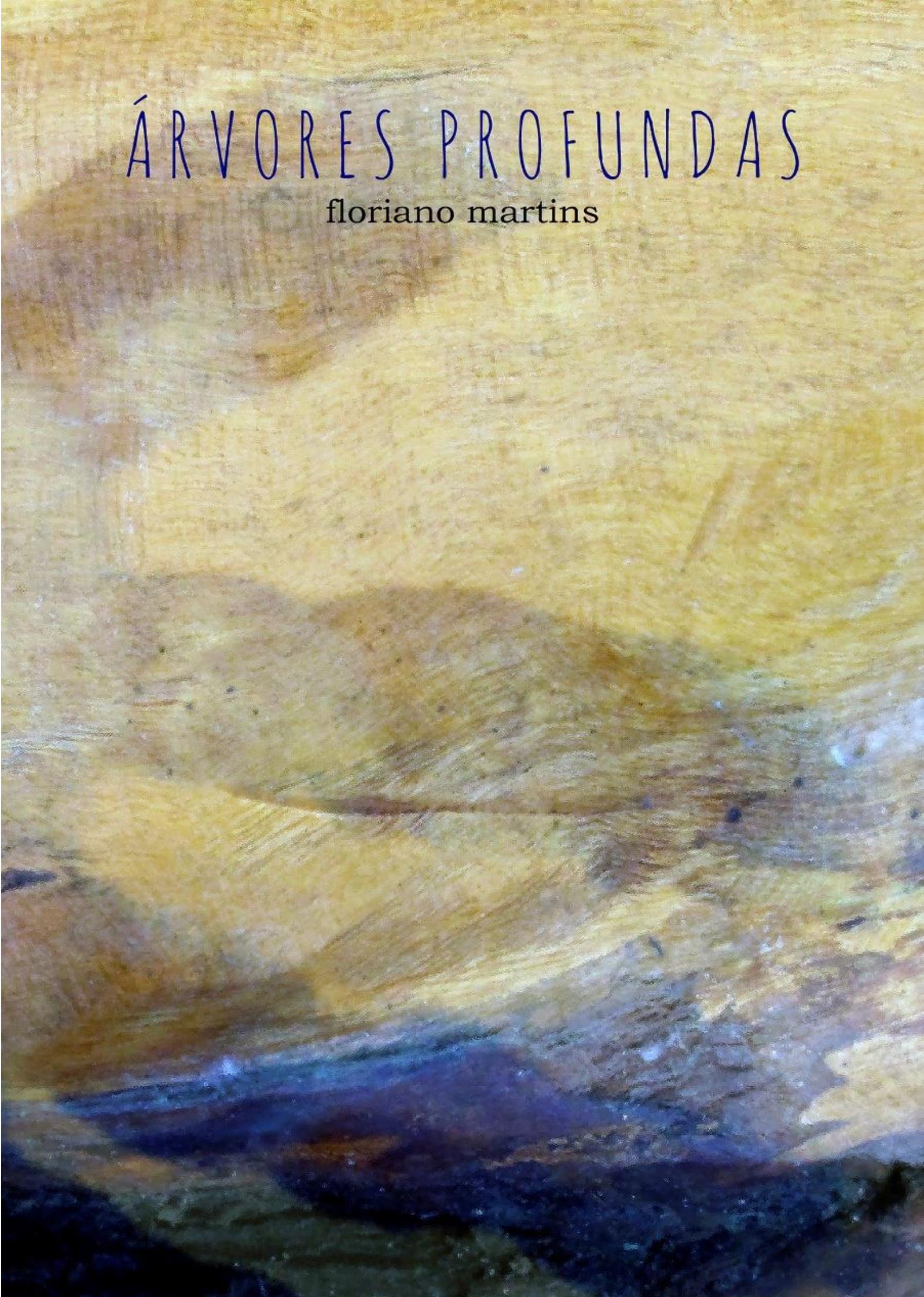
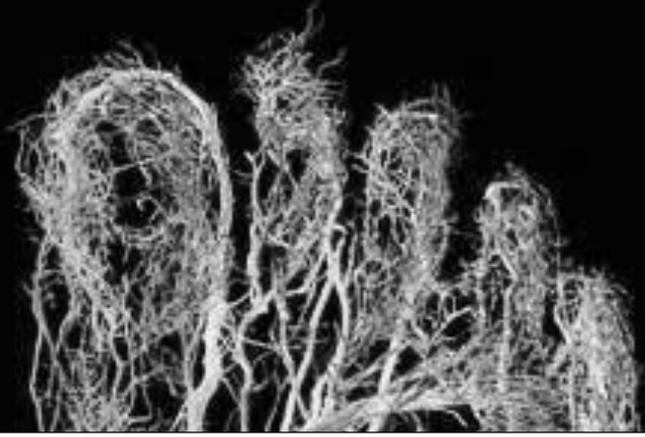


ÁRVORES PROFUNDAS

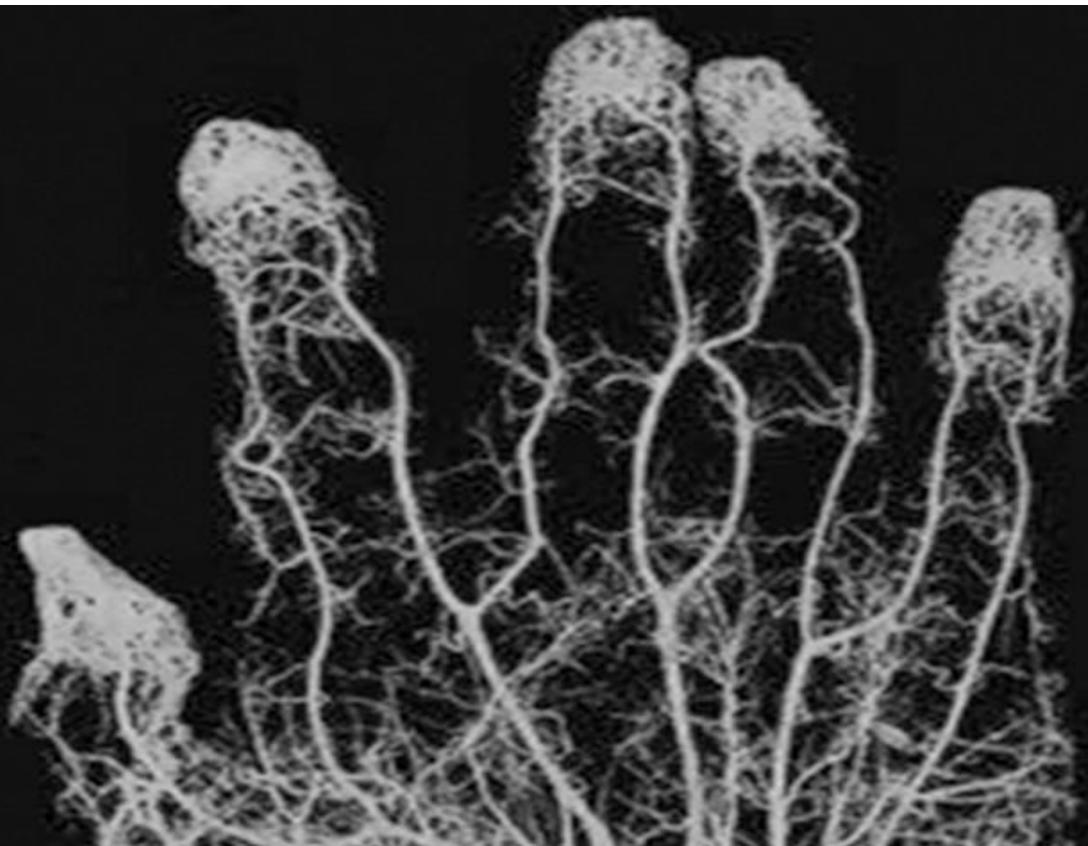
floriano martins



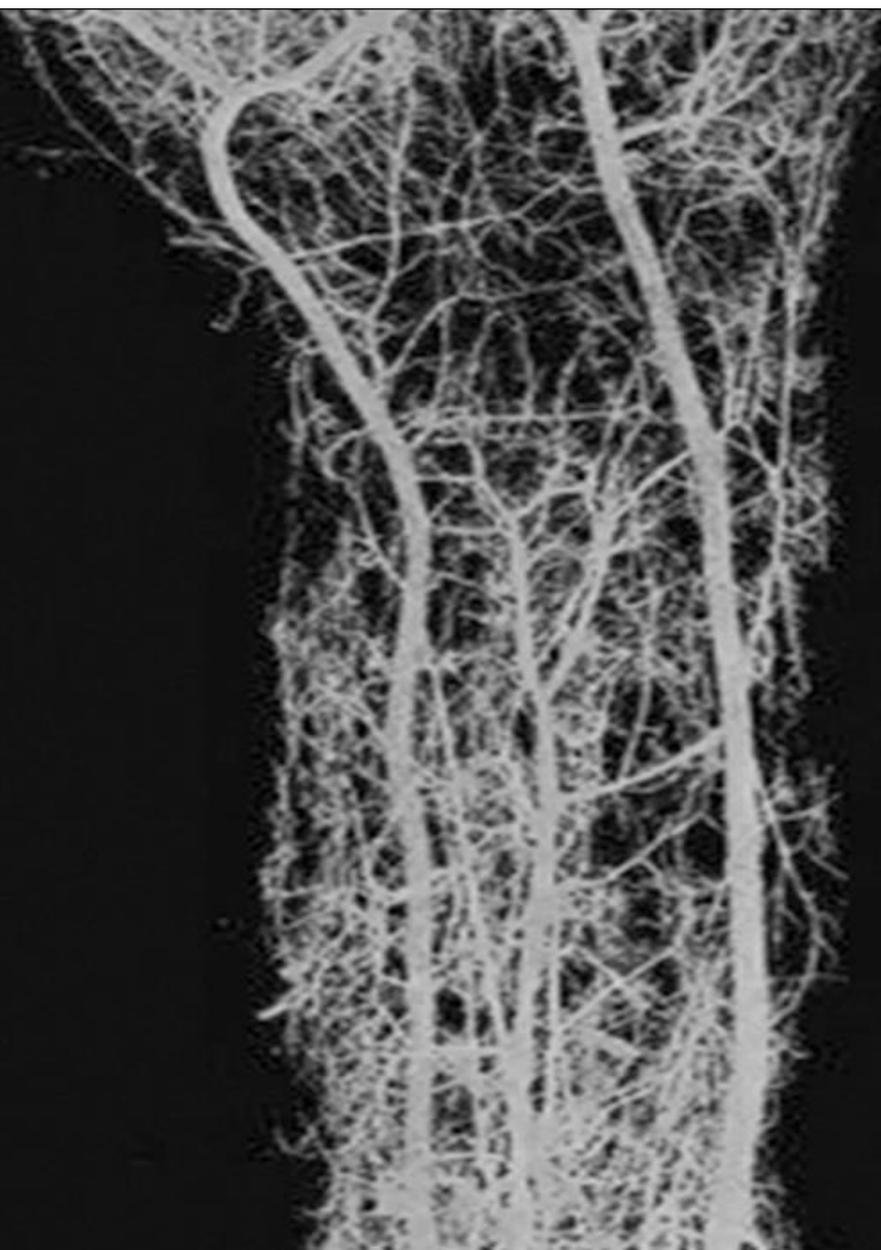


Árvores profundas





Colección Libros Imposibles



Árvores profundas

Floriano Martins

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2025-

Martins Floriano, 1957

Árvores profundas / Floriano Martins

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.

252 pg. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles; 45>

<Digital>

1. Teatro brasileño. 2. Narrativa brasileña. I. Título.

Primera edición, 2025

Colección Libros Imposibles #45

Árvores profundas

© Floriano Martins

Portada & ensayo fotográfico:

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El autor



CINEMA IMAGINÁRIO – A TIGELA DOS PROVÉRBIOS

Em um filme do Wim Wenders, o personagem vivido pelo ator Sam Neill, solta um lampejo revelador em meio a uma conversa: “Só os milagres têm sentido”. Não à toa, o personagem é um *escritor*. Reluto em usar o termo, por desgastada conotação, venha da parte dos excessos de realismo ou das suspeitas de alienação. Tema atualmente piorado pelo antepasto da conveniência, dieta preferida de muitos. De qualquer forma é um termo como outro qualquer. Não limita à vítima ou à divindade. Tampouco lhe salva de qualquer escorrego ou pecado mais grave. E, para muitos, em sociedades que ainda hoje se dilaceram entre um romantismo piegas e a versão brega do utilitarismo, a indagação reincidente ostenta um inconfundível cheiro de naftalina: para que serve um escritor? Como se fizesse parte do *script* logo em seguida indagar pela serventia do político e do líder religioso. No fundo, a pergunta tem a sua graça, a de dismantelar um mecanismo de crença não na utilidade do escritor, mas sim em sua essencialidade, no que ele realmente pensa acerca do que é e do que faz. Descobrimos um santo para cobrir outro. Embora em nenhum dos casos haja santo algum. Fiquemos com os milagres, portanto, esqueçamos os santos.

O primeiro milagre é o da travessia. Há um provérbio iugoslavo que aconselha: *Diga a verdade e saia correndo*. Para aqueles que não gostam de perder a piada, até hoje não se sabe se este provérbio foi a causa real do desaparecimento da Iugoslávia. A travessia é mais do que a celebração dos deslocamentos. Graças a ela embaralhamos as formas, descobrimos outros dentro de nós, nascemos infinitas vezes. E criamos coragem para dizer longe de casa o que sob o teto doméstico nem pensar. Na Europa Murilo Mendes chegou a declarar-se surrealista, por exemplo. No Brasil sabia o risco mortal que isto significava. O chileno Vicente Huidobro encontrou na língua francesa uma forma de livrar-se da influência demasiada da cultura europeia em sua poesia. Ao escrever em francês rompeu o ovo da serpente, descobrindo ali sua força vital. O provinciano é aquele que só diz a verdade em casa? O que não rompe a casca do ovo? O assim chamado *mundo lá fora* acaba por subverter a própria imagem que fazemos de nós diante do espelho. Associamos à ruptura com o pai o princípio da constituição de um novo ser, uma

nova personalidade. Não importa com quem rompemos. Mas quem se põe a pensar isto quando já quase ninguém sabe frigir ovos pela manhã?

O primeiro milagre persiste: o ponto de origem. Os chineses costumavam acreditar que *longa viagem começa por um passo*. Com isto, é possível que nem exista um segundo milagre ou que os milagres não se acumulem. Eles são como a grande casa da singularidade, no sentido de que a cada vida corresponde um único milagre. Vasculhando a biografia dos artistas que desempenharam papel fundamental na progressão do que poderíamos chamar de milagre da criação, a vida deles é tudo menos invejável. Quem desejaria estar ali, em seu lugar? Todos desejam a fama, a glória, o prestígio, a conta bancária bem amparada. A arte nos diverte ou substitui em nós uma verdade que se dita por nós nos obrigaria a sair correndo. A arte é a melhor desculpa que temos para que permaneçamos onde estamos.

É possível que o maior de todos os milagres seja o da descoberta do outro que temos dentro de nós. Aquele que é revelação e confirmação de nossa natureza. Não há significado secundário para ele. Pode ser o amor, a poesia ou a liberdade. Para uns é o amor com que sempre sonhou. Para outros é uma descoberta de doação. Ou esses jardins que saímos visitando por toda parte como se o verdadeiro símbolo da felicidade estivesse em permanente deslocamento. Os gregos costumavam dizer que *um corvo não tira o olho de outro corvo*. Uma metáfora que não se aplica ao homem. De tal maneira que o milagre é quando recebemos um olho. Talvez por haver tido uma vida sempre repleta de música, incluindo aí a amizade com músicos, sempre pensei nela como uma *jam session*. Foi o que mais me atraiu quando descobri os jogos surrealistas. O dilema é que logo descobri também que o milagre era bom, mas o santo não. Não é fácil conviver com poetas. A grande proeza dos poetas é a elasticidade de seu ego. Embora essa firmeza de caráter seja uma virtude humana, é curioso como ela se propaga entre poetas. Quando cruzei a soleira da primeira metade de século vivida fui visitado por dois milagres na poesia. Escrever poemas a quatro mãos sem que o poema em si seja esquarterado pela armadilha do ego. A brasileira Viviane de Santana Paulo vive em Berlim há muitos anos e não a conheço pessoalmente. O mexicano Manuel Íris eu o conheci em um pesado inverno de 15 graus negativos em Ohio. Nem o frio nem a distância deram conta do calor de uma

identificação imediata. No caso de Manuel a intensidade foi tanta que na mistura de português e espanhol escrevemos um livro tomando por base o jazz e fomos pouco a pouco mesclando os dois idiomas descobrindo palavras comuns, em intensa alquimia verbal. Já com a Viviane seguimos degustando nossos abismos mais secretos, uma comunhão sagrada onde os ambientes individuais da escrita se fundem e inventam um outro ser. Dizem os tibetanos que *há três coisas que jamais voltam: a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida*. Porém a memória sempre volta, e traz consigo o martírio do alvo não atingido, da surdez diante do compromisso da palavra dita e dos ardis que tornaram perdidas as oportunidades. Contudo, sempre sobra um pouco de destino no traje da existência.

Há um provérbio brasileiro que diz: *A viagem é mais rápida quando se tem boa companhia*. Como a viagem entre músicos. A viagem mítica, demasiado romântica, como muitos podem pensar, em uma carroça de atores. Quando deixamos o verbo escorrer pela espinha com essa mescla de vertigem e encantamento, o mistério da descoberta, é que preenchemos a vida com toda a força de nosso espírito. Mas quem poderia imaginar uma carroça de poetas? Podemos pensar em um encontro de mágicos, se acaso eles se divertiriam entre si um fazendo o outro desaparecer no fundo falso de seu truque. Mágicos dividem cabine nos acampamentos de um grande circo? O poeta deve preferir a viagem mais longa, sem boa companhia. Cada vez que penso nisto me sinto menos poeta. Ou talvez eu não esteja sabendo escolher bem os meus provérbios.

Eu vi um verbo correndo como se tentasse escapar de uma fábula. Daqui de onde eu o via sabia que não ia a parte alguma. Um tolo enche a própria vida de máximas. Já vi tolos que não sobreviviam sem reproduzir frases de Schopenhauer. Eu sou o tolo que me ponho aqui a cotejar provérbios. É um balaio sem fundo. Tem um que garante que *a prática leva à perfeição, exceto na roleta russa*. Ora, em circunstância alguma o golpe do acaso se deixa dominar. Joguemos dados com Deus a vida inteira e nunca blefaremos o suficiente para adiar o jogo. Porque a vida será sempre a mesa de apostas e não o guichê de pagamento das fichas. Já estamos nos distanciando da poesia? Viemos aqui para falar de poesia? Eu não sei. Eu sempre penso que quando falamos de qualquer coisa que seja indispensável em nossa vida nós estamos falando de poesia. O que é distinto de falar de um poema. A poesia é o que temos dentro e

diante de nós. A travessia, a longa viagem, o milagre. Os poemas nascem de viagens, como qualquer instância da criação. O prumo precário que inventamos na linha do horizonte. O verbo dilatado. A sensação de estrangeiro em qualquer parte. O poeta é aquele que não desiste um só instante de adaptar-se à vida ou o outro que viu no artificio da estranheza um bom negócio? A verdade se queima nas mãos da existência. É uma fadiga da história quando ela aponta o poema como sendo mais importante que o homem. O poema é um valioso reflexo de seu estar no mundo. E quando calha de ser tolo ou indisfarçavelmente pragmático, impossível seguir acreditando que um dado tenha apenas seis faces.

Os provérbios são como pedras de sal postas na língua da história. Até hoje não entendo a razão que levou o espanhol Juan-Eduardo Cirlot a não incluir “provérbio” entre os verbetes de seu dicionário dos símbolos. A arte, a política, a religião, não deram um passo adiante sem o jogo astuto das máximas. *A César o que é de César; A necessidade é mestra; Cada qual tem a idade que parece ter; Mais vale penhor que fiador; Ladrão endinheirado não morre enforcado; Quem só anda na linha o trem atropela* – isto não tem fim. Em adesivos em carros encontramos uma que reza simplesmente: *Deus é fiel*. Nunca saberemos que deus nem a que ou quem propriamente ele é fiel. Sua astúcia inquestionável está na dubiedade. Para elas, *quanto mais se vive, mais se vê*. Para a poesia, quem define a extensão do olhar é a intensidade. Em conversa com a pintora húngara Susana Wald, ela me diz que lamenta que estejamos sempre a justificar o que fazemos, como se a vida nos impusesse outra coisa. A vida somos nós e não nos impomos algo distante de nós. Por que criar uma ideia tão negativa do que somos na vida? Quase sempre estamos curando alguma ferida. A arte, em seu melhor sentido, é um posto de emergência para as almas feridas. Não era para ser engraçadinha como quem vem aqui rir um pouco de tudo. Até seria, desde que cada um levasse a sério essa necessidade de rir um pouco de tudo. Mais um provérbio? Um plano de fuga, que tal? Um sonho. A vida está gravada em nós muito mais a partir do sinal de dor do que propriamente de alegria. O que não me agrada na condição tripartida de um velho amuleto é que à ciência corresponda a dúvida, à religião a crença e à arte o maravilhar-se. Este trevo de três folhas jamais me convenceu. Quando ponho a minha vida em uma

tigela, eu o faço no sentido de que tanto ela seja provada por todos como que também eu me renove ao toque de cada lábio.

Aqui deveria haver um silêncio inquietante na forma de uma pergunta irrelatável: *essa coisa não tem fim?* É verdade. Em qualquer cultura os provérbios ensinam a não demorar muito em voo. É curioso porque aponta na direção de uma presunção de que estamos sempre muito próximos das grandes descobertas, ao mesmo tempo em que pode denunciar um cuidado para que o santo de casa não desista nunca do martírio ao qual devota sua vida.

Se põe a pensar isto quando já quase ninguém sabe frigir ovos pela manhã?

O primeiro milagre persiste: o ponto de origem. Os chineses costumavam acreditar que *longa viagem começa por um passo*. Com isto, é possível que nem exista um segundo milagre ou que os milagres não se acumulem. Eles são como a grande casa da singularidade, no sentido de que a cada vida corresponde um único milagre. Vasculhando a biografia dos artistas que desempenharam papel fundamental na progressão do que poderíamos chamar de milagre da criação, a vida deles é tudo menos invejável. Quem desejaria estar ali, em seu lugar? Todos desejam a fama, a glória, o prestígio, a conta bancária bem amparada. A arte nos diverte ou substitui em nós uma verdade que se dita por nós nos obrigaria a sair correndo. A arte é a melhor desculpa que temos para que permaneçamos onde estamos.

É possível que o maior de todos os milagres seja o da descoberta do outro que temos dentro de nós. Aquele que é revelação e confirmação de nossa natureza. Não há significado secundário para ele. Pode ser o amor, a poesia ou a liberdade. Para uns é o amor com que sempre sonhou. Para outros é uma descoberta de doação. Ou esses jardins que saímos visitando por toda parte como se o verdadeiro símbolo da felicidade estivesse em permanente deslocamento. Os gregos costumavam dizer que *um corvo não tira o olho de outro corvo*. Uma metáfora que não se aplica ao homem. De tal maneira que o milagre é quando recebemos um olho. Talvez por haver tido uma vida sempre repleta de música, incluindo aí a amizade com músicos, sempre pensei nela como uma *jam session*. Foi o que mais me atraiu quando descobri os jogos surrealistas. O dilema é que logo descobri também que o milagre era bom, mas o santo não. Não é fácil conviver com poetas. A grande proeza dos

poetas é a elasticidade de seu ego. Embora essa firmeza de caráter seja uma virtude humana, é curioso como ela se propaga entre poetas. Quando cruzei a soleira da primeira metade de século vivida fui visitado por dois milagres na poesia. Escrever poemas a quatro mãos sem que o poema em si seja esartejado pela armadilha do ego. A brasileira Viviane de Santana Paulo vive em Berlim há muitos anos e não a conheço pessoalmente. O mexicano Manuel Íris eu o conheci em um pesado inverno de 15 graus negativos em Ohio. Nem o frio nem a distância deram conta do calor de uma identificação imediata. No caso de Manuel a intensidade foi tanta que na mistura de português e espanhol escrevemos um livro tomando por base o jazz e fomos pouco a pouco mesclando os dois idiomas descobrindo palavras comuns, em intensa alquimia verbal. Já com a Viviane seguimos degustando nossos abismos mais secretos, uma comunhão sagrada onde os ambientes individuais da escrita se fundem e inventam um outro ser. Dizem os tibetanos que *há três coisas que jamais voltam: a flecha lançada, a palavra dita e a oportunidade perdida*. Porém a memória sempre volta, e traz consigo o martírio do alvo não atingido, da surdez diante do compromisso da palavra dita e dos ardis que tornaram perdidas as oportunidades. Contudo, sempre sobra um pouco de destino no traje da existência.

Há um provérbio brasileiro que diz: *A viagem é mais rápida quando se tem boa companhia*. Como a viagem entre músicos. A viagem mítica, demasiado romântica, como muitos podem pensar, em uma carroça de atores. Quando deixamos o verbo escorrer pela espinha com essa mescla de vertigem e encantamento, o mistério da descoberta, é que preenchemos a vida com toda a força de nosso espírito. Mas quem poderia imaginar uma carroça de poetas? Podemos pensar em um encontro de mágicos, se acaso eles se divertiriam entre si um fazendo o outro desaparecer no fundo falso de seu truque. Mágicos dividem cabine nos acampamentos de um grande circo? O poeta deve preferir a viagem mais longa, sem boa companhia. Cada vez que penso nisto me sinto menos poeta. Ou talvez eu não esteja sabendo escolher bem os meus provérbios.

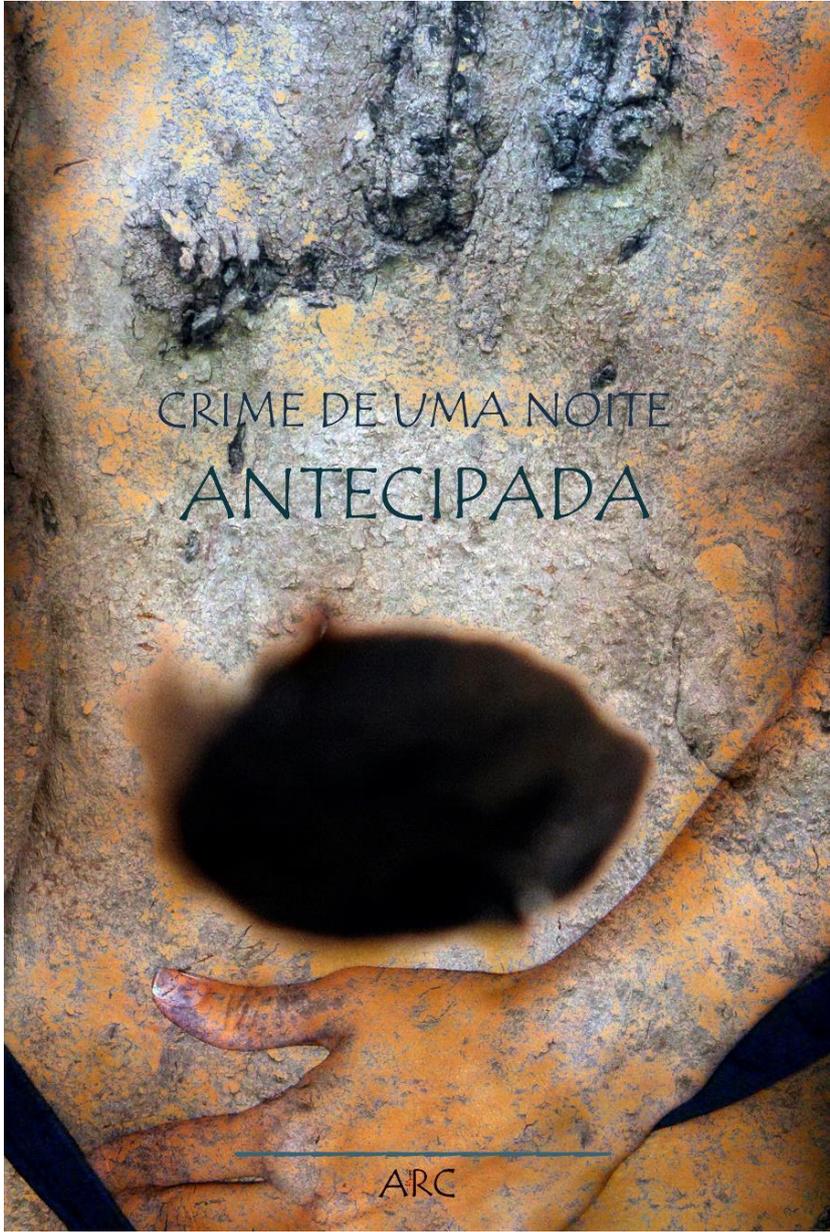
Eu vi um verbo correndo como se tentasse escapar de uma fábula. Daqui de onde eu o via sabia que não ia a parte alguma. Um tolo enche a própria vida de máximas. Já vi tolos que não sobreviviam sem reproduzir frases de Schopenhauer. Eu sou o tolo que me ponho aqui a cotejar provérbios. É um balaio sem fundo.

Tem um que garante que *a prática leva à perfeição, exceto na roleta russa*. Ora, em circunstância alguma o golpe do acaso se deixa dominar. Joguemos dados com Deus a vida inteira e nunca blefaremos o suficiente para adiar o jogo. Porque a vida será sempre a mesa de apostas e não o guichê de pagamento das fichas. Já estamos nos distanciando da poesia? Viemos aqui para falar de poesia? Eu não sei. Eu sempre penso que quando falamos de qualquer coisa que seja indispensável em nossa vida nós estamos falando de poesia. O que é distinto de falar de um poema. A poesia é o que temos dentro e diante de nós. A travessia, a longa viagem, o milagre. Os poemas nascem de viagens, como qualquer instância da criação. O prumo precário que inventamos na linha do horizonte. O verbo dilatado. A sensação de estrangeiro em qualquer parte. O poeta é aquele que não desiste um só instante de adaptar-se à vida ou o outro que viu no artifício da estranheza um bom negócio? A verdade se queima nas mãos da existência. É uma fadiga da história quando ela aponta o poema como sendo mais importante que o homem. O poema é um valioso reflexo de seu estar no mundo. E quando calha de ser tolo ou indisfarçavelmente pragmático, impossível seguir acreditando que um dado tenha apenas seis faces.

Os provérbios são como pedras de sal postas na língua da história. Até hoje não entendo a razão que levou o espanhol Juan-Eduardo Cirlot a não incluir “provérbio” entre os verbetes de seu dicionário dos símbolos. A arte, a política, a religião, não deram um passo adiante sem o jogo astuto das máximas. *A César o que é de César; A necessidade é mestra; Cada qual tem a idade que parece ter; Mais vale penhor que fiador; Ladrão endinheirado não morre enforcado; Quem só anda na linha o trem atropela* – isto não tem fim. Em adesivos em carros encontramos uma que reza simplesmente: *Deus é fiel*. Nunca saberemos que deus nem a que ou quem propriamente ele é fiel. Sua astúcia inquestionável está na dubiedade. Para elas, *quanto mais se vive, mais se vê*. Para a poesia, quem define a extensão do olhar é a intensidade. Em conversa com a pintora húngara Susana Wald, ela me diz que lamenta que estejamos sempre a justificar o que fazemos, como se a vida nos impusesse outra coisa. A vida somos nós e não nos impomos algo distante de nós. Por que criar uma ideia tão negativa do que somos na vida? Quase sempre estamos curando alguma ferida. A arte, em seu melhor sentido, é um posto de emergência para as almas feridas. Não era para ser engraçadinha

como quem vem aqui rir um pouco de tudo. Até seria, desde que cada um levasse a sério essa necessidade de rir um pouco de tudo. Mais um provérbio? Um plano de fuga, que tal? Um sonho. A vida está gravada em nós muito mais a partir do sinal de dor do que propriamente de alegria. O que não me agrada na condição tripartida de um velho amuleto é que à ciência corresponda a dúvida, à religião a crença e à arte o maravilhar-se. Este trevo de três folhas jamais me convenceu. Quando ponho a minha vida em uma tigela, eu o faço no sentido de que tanto ela seja provada por todos como que também eu me renove ao toque de cada lábio.

Aqui deveria haver um silêncio inquietante na forma de uma pergunta irrevelável: *essa coisa não tem fim?* É verdade. Em qualquer cultura os provérbios ensinam a não demorar muito em voo. É curioso porque aponta na direção de uma presunção de que estamos sempre muito próximos das grandes descobertas, ao mesmo tempo em que pode denunciar um cuidado para que o santo de casa não desista nunca do martírio ao qual devota sua vida.



CRIME DE UMA NOITE
ANTECIPADA

ARC



SOBRAS DE DEUS

No hay infierno que no sea la entraña de algún cielo.

MARÍA ZAMBRANO

I – CICLO PRIMEIRO DE SACRIFÍCIOS

Não havia propriamente um cenário. Luzes se misturavam, desconexas. Quadros, esboços, situações cabíveis em divergentes relatos. Indagar sobre o passado era uma abstração beirando o ridículo. Havia um desmazelo na atitude de cada uma daquelas vidas. Um *antes* raras vezes identificado. Assemelhavam-se a uma irrepreensível matéria bruta. Como escrever uma novela a partir daí? Repetir incessantemente cenas, rostos, memória deixando-se envelhecer, tudo se desgastando, aos pedaços e sem um mínimo cálculo? Ou um texto devotado à repetição, porém contra toda forma de ascese? Primícias de nada, céleres afagos da vertigem. Aquelas pessoas não tinham – jamais tiveram? – a pretensão de chegar a condição alguma. Quando muito, o testemunho da própria (e ainda assim vaga) existência, tão logo o tempo escoasse todo um ciclo de sacrifícios, perversões, abandonos. Impossível definir o que poderemos ser aqui. Personagens? Decerto. Porém não elegemos essa via árdua, nem viemos dar nela por não haver outra saída. Nenhum acesso do que se é chega a explicar o que se alcança: abismo, túmulo ou farol. Entre estudos verbais e estados oníricos, nos mutilamos e recriamos, em estúpido e franco desatino. O que esperar de uma novela assim? Nada. Nem se poderia. As novelas não possuem tal função. Não são estorvos ou válvulas de estupro. Os pobres de espírito é que esperam algo de Deus. Talvez um pérfido demiurgo, pelo acúmulo secreto de ignomínias, espere algo do efeito da trama que lhe outorga a crédula horda. Adiantemo-nos todos até uma próxima coxia, a esperar algo, com ar introspectivo, cientes de que o acaso – ou mesmo um simples caso, o fato sem transcendência alguma – nos visita com parcimônia em uma ensolarada manhã de domingo. Sentados, escreveremos uma mesma e atônita novela de nossas vidas. Ensolarados e anônimos, não somos senão mofo e presunção. Uma novela se faz assim? Quem tanto as lê, deverá sabê-lo.

II – CÉUS REMOTOS

Duas ou três ligações. Logo já estávamos no hospital. O largo e minúsculo corpo de Eudoro Antunes lentamente escurecendo sobre o leito. Em meio à agitação de olhares, o derrame agônico dos murmúrios, lágrimas mal dissimuladas, pude entrever seus últimos instantes. Há muito – na verdade – já estava distante de tudo aquilo. Acreditavam todos que seu diálogo único era com a bebida, poucos sabendo tratar-se de outra matéria a solidão. Jamais conhecera pessoa igualmente disposta a fundir-se na experiência alheia. Estranhado, foi destilando mordacidade até encontrar-se com a rejeição. Tio Eudoro sempre aparecia na casa da avó, com a enorme pasta, mostruário de drogas caseiras. Levava consigo o gosto de álcool no hálito.

— *Pequeno, sonhei tanto com alguma mínima forma de transcendência. Mas vou acabar meus dias matando os outros. Vender remédios foi tudo o que pude fazer na vida.*

Na velha cristaleira na sala de refeições havia uma garrafa de licor, cujo conteúdo tio Eudoro cuidava de fazer desaparecer, a cada visita, até que novamente, sem que ele percebesse, a avó o completasse.

— *Sabe o que diabos vejo na bebida? Não, não sabe. Ninguém sabe.*

Outras vezes desatava a falar de amantes que jamais conheceu. *As danadas são como vetustas sombras do desejo.* Da mulher dizia ser a antífrase da razão. Para ter-se com uma não havia maneira mais dada senão desfazer-se da outra.

— *Por vezes penso que fui regurgitado por ambas senhoras, vestais iníquas e estouvadas, safadas bíblicas.*

Todas aquelas pequenas cenas projetadas pela memória foram dissipadas de uma só vez pela súbita dor no braço, uma das tias-avós me retirando do quarto do hospital.

— *Isto não é lugar para uma criança.*

Em casa, Mãe Dolores era a única a me reconfortar. Com ela, criança podia tudo. E não hesitou em me dizer que tio Eudoro havia morrido. Sentei-me a seu lado, no chão, a cabeça baixa, a mão cuidando de algumas lágrimas em meu rosto. Toda a memória voltada para aquele tio, recordando-lhe as palavras:

— *Toma, filho.*

Então fazia com que a moeda desaparecesse de suas mãos. Nada mais havia ali para ser tocado.

— *Tudo o que vemos, Pequeno, é o intocável. Na virtude o que vemos não é senão a impostura, a hipocrisia. A ingenuidade nos chega sempre na forma de ignorância. Um dia compreenderás.*

Tio Eudoro trazia alegria àquela casa. No entanto, todos lhe recebiam com ar suspeito. Por vezes ouvi da boca das irmãs:

— *Dá pena ver um homem tão bom sendo desfeito pela bebida.*

— *Tio, me deixa tentar pegar a moeda outra vez.*

Impossível. Era um sacerdote de meus enlevos. E encantava-me ainda com inúmeras histórias:

— *Um dia o deus do tempo engoliu uma pedra mágica acreditando que lhe fosse o filho. Ao descobrir o engano a cuspiu o mais longe. A pedra converteu-se em um objeto sagrado, cultuado por quantos vissem nela a imagem de uma deusa presciente.*

E logo completava:

— *Que coisa absurda, cuspiu o próprio filho como se fosse um pedregulho...*

E ria o mais que ria.

Na noite em que morreu acordei atormentado por um pesadelo. Muitos dos livros que eu já lera estavam sendo escritos naquele exato momento, os autores espalhados por um lugar sem fim, sentados em pedras, troncos de árvore, agachados, derreados, recurvados, deitados, a escrever as páginas que para sempre me acompanhariam. Fyodor ocupava-se das pesarosas consciências, Hyde disfarçava-se em Stevenson, Swift traçava as andanças de Gulliver, Edmond rasurava e refazia o périplo de Dumas, o enigmático Doyle dissecava o improvável, e todos se embriagavam e riam com estardalhaço. Páginas e páginas se misturavam, germinantes e germinadas, e asfixiava-me um odor múltiplo, híbrido, vindo de todas aquelas garrafas e da tonitruante revoada de risos, esgares, imagens, rapsódias da vertigem, devaneio instigado, suores fétidos, Unkas, Lord Jim, Drácula, páginas e páginas se misturando, Bruce Wayne e Lady Macbeth, anjos caídos nelas, emboscados, trocando bebidas, salseiro de risos, aflitivos engodos, motim, saltério e poções mágicas, roteiros esgarçados, sabás e múltiplos teoremas, meu peito ardendo, arfante, o ar rumorejando, faltando..

— *Chama o médico, rápido. Pequeno está com crise. Deus! Não quero perder mais este filho.*

Ao despertar me deparei com dupla aflição: a da mãe e a de meus pulmões em busca de ar. Desfazia-se ainda, não sem relutância, a angustiante cena em que personagens e autores se mesclavam em um mapa imaginário da memória, entrançados, como paradigmas embaraçosos da própria existência humana.

A luz vinda do teto desfazia com violência todo juízo estético. Não havia senão a perspectiva de morte por asfixia. Todo o meu ser estava possuído por uma quase absoluta falta de ar. Gritava com todo o olhar. E a cada átimo, recolhia insuspeitas fortunas da eternidade, estojos miraculosos do infinito com as ramagens precipitadas sobre o acaso. Tudo ali, como na autópsia de um caracol.

— *Filho, responde!*

A voz da mãe era como o som ferruginoso de pesados ferrolhos sendo destravados. Aos poucos me precipitava de volta, interrompendo o perigo e as impudentes diversões. Redesenhava sombras, contornos, aos poucos os rostos ao meu redor. O do pai nunca entre eles, sempre em suas viagens.

— *Fala comigo, filho!*

Naquela noite não pôde vir tio Domênico, ausente da cidade. Logo trouxeram outro médico, porém já me encontraram nos braços da mãe, reconfortado por seu amor.

3

Não recordo angústia mais latejante provocada pela asma. Ou talvez tenha sido uma ambição maior do espírito. Chafurdar-se em agonia até não poder mais entender a totalidade do céu-templo. Tornar os sentimentos uma intensidade de mal-entendidos. Há uma ironia em tudo isto: o homem se fez um antípoda de si mesmo. Julgamo-nos inconfessáveis. Não há continuidade em nossos feitos. Limitamo-nos à dor da perda momentânea, a um aniquilamento em face do súbito desenlace. Satisfazemo-nos com a melancolia, uma diaconisa da veleidade. Morto tio Eudoro, embaralho toda a minha vida. Torno-me um espectro hipócrita em fulgurante estupidez. O morto conserva o crânio de nuvens, voos de flores, um quartilho de essência a renovar-se, uma cisma, no mínimo. Um morto nunca morre em si. Como espatifar-me em pesadelo em inapreciável jogo

da angústia? Uma operação confusa, a da perda de continuidade. O morto não pode ser a mobília da dor. Não há honradez nisto. Nem mesmo a memória sobrevive a tamanho desleixo.

4

Adorava quando íamos àquela casa. Um sinuoso caminho desenhava-se como a aventura maior em dias tão iguais. Um velho me aguardava para o jogo de cartas. Sempre ouvia a mesma sentença:

— *Não te esqueças, menino: ele não deve ser contrariado.*

Claro estava que o vício maior não era o relacinho, mas antes o ludíbrio. Não podia suportar o mundo sem uma boa trapaça. Certamente havia sido um mestre entre burlões, hábil histrião no remate de ilusões. Com o tempo, já bem velho, dera a cartada final: ensandecia quando contrariado, dava de berrar e jogar ao chão tudo o que encontrasse pela frente. Todos em casa se deixavam levar por aquele último golpe. Nada ou ninguém deveria contrariar o Coronel Argemiro. As mãos trêmulas agiam sem precisão ou elegância. O roubo não era mais ilícito, protegido agora por estatutos ainda mais cínicos.

— *Olhe ali, menino.*

Apontava com o dedo. Ao meu olhar desviado, engordava a mão de cartas. Todos na casa endossavam-lhe a insolência ao converter velhacaria em infância reconquistada. *Naquele tempo, para ele, conquistá-la não foi tão simples*, diziam as filhas, imprudentes. Agora se vingam de tudo. Talvez fosse esta a razão de minha admiração por aquele patife. De alguma maneira eu me divertia sendo trapaceado por meu bisavô.

— *Pronto, pronto. Já chega de jogo por hoje.*

Ir vê-lo era um hábito que preenchia as tardes de sábado. Lindalva era a pessoa mais nova da casa. Cuidava de tudo, da comida e das estranhezas de Argemiro. O velho consumia as horas do dia em um relicário de rabugices e artrites. Fumava desregradamente cigarros sem filtro, e tossia como se expurgasse a própria alma. Logo descobri que até mesmo a patente que ostentava era uma farsa. Não passava de um amalucado chefe de estação ferroviária, que obrigava a todos a chamá-lo de Coronel. Lindalva

dava-lhe banho e o punha na rede, bem penteado. Aquietava-se atento à voz dela, lendo François Villon: *Je plains le temps de ma jeunesse, / Ouquel j'ay plus qu'autre gallé...*

Indaguei-lhe algum dia a razão daquela leitura em francês, alegando não compreender o que diziam os versos.

— *Uma bobagem qualquer sobre a juventude. Tenho tudo isto de memória. Mas gosto de Lindalva esquartejando o ritmo do poema, o olhar mal disfarçando horror e temeridade diante da ingrata tarefa. É com o que mais me divirto. Os poemas já não me interessam tanto.*

Na varanda balançavam-se em cadeiras três de suas filhas. Desfiavam os queixumes de sábado. Ali fui recolhendo sombras, vultos, fantasias, como figuras de um álbum de recortes. Aos poucos tornava-me íntimo de parentes que ainda não havia conhecido. Ouvia contadas histórias de Alfredo Aquilino, o louco irmão, segundo diziam. Entre elas, a dos nós que deu nos cabelos de uma mulher, no ambulatório onde ambos se encontravam, enquanto essa dormia. Chateara-se porque a infeliz não lhe quis ouvir uns poemas. As irmãs desfilavam aflição. Nutriam pelo irmão uma benevolência assustada, sem um zelo mínimo de afago. Eu ria guardado em mim, ansioso por conhecê-lo.

Uma tarde, enquanto ainda ouvia a voz de Lindalva:

*Hé Dieu! Se j'eusse étudié
Au temps de ma jeunesse folle,
Et à bonnes meurs dédié,
J'eusse maison et couche molle
Mais quoy? Je fuyoie l'escolle,
Comme fait le mauvais enfant...
En escripvant ceste parolle,
A peu que le cueur ne me fent.*

Deus deve ter se entretido com os versos de Villon ou a displicência indisfarçável de quem os lia, trotando um francês coxo, e não deu por conta de um verdadeiro ato seu: um homem ateando fogo em si mesmo. Era o que se ouvia:

— *Corre a ver o que se passa com esse cheiro de queimado.*

— *Alfredo, Alfredo, meu irmão!*

Batiam na porta do último quarto ao final do corredor e a fumaça desarranjava o pôr-do-sol. Em meio ao pânico desatado, o que parecia repudiável era a ameaça à parcimônia de uma tranquilidade apeada naquelas tardes. Mas parecia mesmo haver algum fogo.

— *Com que diabos...!*

O Coronel acendia mais um cigarro e resmungava. Era uma correria desmedida. Lindalva tentava acalmá-lo. As três irmãs afligiam-se.

— *Ah meu Deus, o que terá feito ele?*

— *Alfredo, abre essa porta. Abre, por favor.*

Lindalva saltava de seu posto:

— *Melhor chamar seu Conrado. Não há quem possa arrombar uma porta entre nós.*

— *Quero o meu Villon...*

— *Coronel, é seu filho, Alfredo, que está pondo fogo na casa.*

— *Pois que o faça. Que diabos me importa o fogo... Sem meu Villon eu me cago todo.*

— *Alfredo, anda, abre a porta.*

— *Calma, Coronel.*

Logo chegou o jardineiro que trabalhava na casa de Conrado, o vizinho de frente. Era perto das seis. Não haviam servido a fornada costumeira de pastéis, ladeada pela jarra de suco. Começava a ficar com fome.

— *Não!!!*

O velho começou a peidar alto e a sujar-se por inteiro. Bramia em francês irado e banguela:

*Je plains le temps de ma jeunesse,
Ou quel j'ay plus qu'autre gallé...*

— *Ah meu Deus!*

Aníbal, o jardineiro, esmurrava a porta, espancava e esmiuçava as reais condições de socorro.

— *Daqui não se passa, senhoras. Não faço ideia do que tenha por trás.*

Lindalva não suportava tanta atribuição e fedor.

— *A janela, a janela...*

Correram todos. Ficamos, o velho cheio de merda e eu, sem nada entender. Fui atrás de ar, ainda sonhando com meus pastéis. O musculoso jardineiro acabara de arrombar a janela.

— *Graças a Deus!*

— *A mangueira, rápido. Traz a mangueira aqui.*

O guarda-roupa havia sido empurrado até a porta. O fogo ateado nas roupas. O ar queimado por completo. Empurrado o móvel, aberta a porta, um corpo desacordado na cama.

— *Villon... Villon... ou me...*

O velho já estava como ameaçara, o que tornou o rastilho de incêndio um drama menor naquela tarde de rapinagens em que acabei sem os pastéis. Olhava, no entanto, o célebre e desorbitado Alfredo Aquilino, fidedigno ao falatório a seu respeito. Era uma figura marmórea, quase fúnebre, mas certamente pude entrever ali – ou fantasiar, decerto – uma reserva incurável de lucidez.

A esta altura a tarde já havia caído de si. A avó tinha que voltar, e me fui dali o estômago roendo de fome, marcado pela ventura de haver conhecido o tio tão falado.

5

A rede armada ao canto. O imenso quarto era da avó, onde eu dormia, ante o enigma de duas portas que me assustavam. Aquela era uma imensa casa tomada de portas por todos os lados. Percorria-lhe os capítulos sob o signo da ansiedade, do quase-dogma, da verdadeira aventura por desvelar novas reentrâncias e desnudezes da matéria de que era feito aquele meu mundo. Algumas passagens me eram vedadas. Outras, de tanto ouvir bagaços de conversas, descuidos de rumores, exerciam sobre mim uma descortinada sensação de temor.

Ao lado de minha rede havia duas portas mantidas fechadas. Davam na sala maior, o grande cômodo onde reinava a ocultação-mãe. Tudo era mistério ali, e o piano, enfurnado em tal gruta, assemelhava-se a um dragão, sempre dormindo, cuja lenda apregoava que, de tempos em tempos, despertava a exigir uma virgem em sacrifício, sob a ameaça de aspergir uma ira flamejante por toda a aldeia. Talvez eu gostasse de ver as coisas pelo lado

oposto. O inacessível era o terreno em que me sentia mais à vontade. Ouvia histórias sedutoras, entre confusas e improváveis:

— Os dois guardas estiveram aqui ao fim da tarde. O moleque havia entrado em casa, não se sabe por onde. Parece que ia roubar de tudo durante a noite. Pegaram-no escondido detrás do piano. Não sei quem viu. Deve ter sido a maluca que cuida dele.

— Uma noite acordei com aquele piano. Tocava uma música consternada, uma angústia, um aperto enorme no peito. Assustei-me. Saí procurando quem era. Dormiam todos. Engolindo o susto, entreabri a porta da sala: a coisa tocava sozinha, toda fechada.

— Aquele piano é o diabo. Acho até que nem existe.

Mantinha-me às voltas com o imperativo: o que existe? Como não confundir a semelhança com a inexistência? O que somos é o que existe ou o que desejamos? O piano existia de fato ou de vertigem? Se o via ou entrevia quase todo dia, jamais o ouvi, no entanto, sendo tocado. Ouvia, isto sim, as histórias dedilhadas por toda a casa:

— As duas irmãs ganharam o piano do pai. Viviam a disputar valsas e noturnos. Com a morte do velho Antunes, fizeram um pacto. A primeira a se casar jamais voltaria sequer a espaná-lo. Logo casaram-se ambas, porém uma das alianças não durou muito e meses depois a mais velha voltou para casa, desfeita em mágoa e mistérios.

— Apanhava do marido, a zarolha, essa é a verdade.

— Fugiu de casa em plena noite, depois que ele a quis sufocar com o travesseiro.

— Deixa eu contar... Era estrábica a irmã e voltava para casa, infeliz. Chorava pelas noites adentro, pronta para morrer pela falta de um homem. O desmazelo alastrava-se e ninguém o interpelava. Para aquietar-se, pediu então à irmã o piano de volta.

— Dane-se o acordo?

— Sim, claro. Era aquilo da felicidade que exige sempre sacrifícios. A irmã mais nova sentia-se aturdida pelo peso da felicidade conjugal. Aquiesceu de vez.

— O piano retornou à casa de origem?

— Não, nunca chegou a mudar de lugar. Sequer houve tempo. De alguma forma, o destino ardia em febre. Tudo completamente improvável. O piano era a borda inconciliável de uma vida qualquer.

Ouvia e ouvia histórias, sob todas as condições. A vizinhança impregnava o juízo por toda a cena. Vinham me dizer coisas, surpreendia falatórios, topava com pretextos infundados, maneiras e enganos intercalados. No entanto, jamais ouvi a mãe tocar piano. Se é certo que nossa existência atropela-se à procura de provas... Há inúmeros casos injustificados de papéis que são sofridos e martirizados e... Os fatos se dão cegamente, medulares, periféricos, impossíveis... O acaso torna risíveis todos os valores...

As vozes seguiam pela casa, encascando a memória, futricando por toda a umidade do entendimento:

— *A caolha escalava o piano em busca da felicidade extraviada.*

— *Só a desventura quer dormir com Deus!*

— *Não havia música nos dedos daquela mulher. A mesma meia dúzia de boleros entrevados enjoava as festas de família.*

Nem mesmo uma única vez, jamais ouvi a mãe ao piano. Sequer o álbum de família trazia fotos dela em fugas ou sonatas. Que piano, afinal, havia tocado um dia?

6

A casa nem sempre era a mesma. Quando o pai viajava eu dormia em outro quarto, ao lado da mãe. Algumas crises de asma interrompiam as noites. Não muito frequente, o balão de oxigênio remediava algumas dilacerações da quietude. Tudo indicava uma grande exasperação minha. O médico entendia de pulmões. Era um desses abnegados que iam de uma parte a outra, atendendo a toda espécie de enfermidades. O médico de família é deus quando cura uma gripe e a própria encarnação do demônio quando falha ante o inevitável. Chagas Domênico não me ensinou propriamente a respirar, mas aprendi com ele algumas inesquecíveis noções de ritmo. Magro e alto. Graças a seu estetoscópio, que me exercia o fascínio de uma serpente metálica, jamais lhe fixeí o rosto. Historietas familiares? Dizem que mudou de nome inúmeras vezes. Viajou por muitos lugares, estudando e estudado, curioso e fugidio. Já bem idoso, sem melhor opção, acabou morrendo. Renderam-lhe então discretas homenagens. Para alguns, a morte tece um cânone solene e incontestável. Chagas Domênico não deu a vida a alimentar o hipocondríaco banquete familiar.

- Respira fundo.
- Quem vai ficar comigo?
- Bem sabes que vou embora. Morde aqui. Fecha os olhos.

Quando eu não estiver mais, deves pensar em teu íntimo e pausar a respiração. Não irás a parte alguma sem este entendimento com o ar. Não é uma doença, Pequeno, mas sim algo intratável dentro de ti, uma teimosia, uma errância, uma vontade de expulsar de si todas as ânsias de uma só vez.

— *Posso rir?*

— *Desde que não percas o andamento do...*

— *...riso.*

Era um homem sério e que sabia me divertir sem privar-me da agudez de suas palavras. Depois a avó me mostrava aquelas naturezas-mortas nas paredes da casa: frutas mescladas com peixes, flores com cabeças de aves, e a nudez assustadora daquela mulher vista de costas inclinando-se sobre o piano. Eram pinturas do precioso cunhado. Um pargo abraçado por malvas-rosas. Um sanhaço resmungão capturado por uma bandeja de siriguelas. O piano silencioso devorando o corpo daquela mulher que apenas o instigava com sua nudez. As coisas mais simples assumem sempre uma dimensão inconfundível. Saltam de si em busca de comida e fala. Aquele derrame de imagens me açoitava. Uma, contudo, me era mais desafiante, quase emulsiva. A cerca quebrada, sobre a qual pendiam os galhos de uma frondosa árvore, e a curva da vereda que ia seguramente dar em lugar algum, estampa que foi uma ramagem indecifrável ou desatino arbóreo de minha infância. Enfebrecia diante da mínima trilha insinuada a caminho do não-lugar.

Ao ir-se Chagas Domênico, ficou-me no braseiro dos dias sua voracidade mestiça. Enquanto me auscultava traçava um círculo de fantasmas, uma estranha mesa onde imaginava impossível poder aquele homem conversar com o autor das ceias fantásticas que pintava. Era um tio desatado de si mesmo, segundo me parecia. Trazia consigo à mesa todas as figuras das telas e mais os instrumentos cirúrgicos e fotos inúmeras de céus e paisagens recônditas. Propunha-me dar àquilo um recorte abissal.

— *Nada no mundo existe senão em função de misturas. Não há composição verdadeira que não seja baseada na diversidade. O orgulho tece mofo e mofo da existência.*

— *Tio, e se recorto tudo isto e não encontro nada que se encaixe?*

— *Aí então estás enroscado, Pequeno, pois não há réstia de cor ou fragmento de luz que não traga em si a chave de toda a paleta.*

Tempos depois compreendi que suas ideias políticas tinham sido erroneamente confundidas com um ideário humano. Não era o comunista emblemático, mas antes, bem antes, o homem consciente de seus limites e da raiz de suas atitudes.

7

As histórias mais fascinantes vinham todas de Alfredo Aquilino. A tesoura enfiada na enfermeira em uma das inúmeras escapadas das clínicas onde a família teimava em exilá-lo. Os fios de cabelos cuidadosamente arrancados e guardados em uma caixa de fósforo. Os livros roubados da biblioteca de um irmão. Sem sabê-lo, foi o grande personagem de minha infância. Como aceitar a versão depreciativa de que não passava de um louco?

Alfredo Aquilino era um homem doente, que merecia cuidados humanos. Ninguém o queria por perto, isto é fato. Às vezes ia visitar a irmã, quando nos encontrávamos. Inesquecíveis as manhãs.

— *Escute estes versos: chama enfurecida, / queima a si mesma / e não ao que te busca / como a um guia. Parece tão antigo. O mundo inteiro nos parece tão remoto, cada vez que lhe ouvimos as verdadeiras notícias. Somos tão reles, ínfimos. O único sentido de doação que entendemos vem dali, daquela cruz na parede de todas as salas. Símbolo desprovido ou gasto de sentido. Todos aqui somos frutos de uma imunda piedade, uma fraudada compaixão. Somos a porcaria de Deus.*

— *De quem são aqueles versos?*

— *Quer ouvir mais?*

Nas manhãs em que ia visitar a irmã eu estava ali. Soube depois que indagava sempre da avó se eu estaria em casa.

— *Minha irmã gosta muito de mim. Vou pedir que tragam meus livros para cá. Quero que fiquem contigo, que os guardes para mim, pois não tenho onde deixá-los. Hoje trouxe apenas este para ti.*

Não gostava de falar em nomes de poetas. Interessava-se pelo sentido extraído dos versos. Ao me ler trechos de poemas eu não sabia nunca se eram dele ou de outros. Uma única vez me trouxe

poemas declaradamente seus, publicados em uma revista dirigida pelo irmão, Anselmo Calamares. Os olhos estavam sem guia.

— *Tenho um grande carinho por minha irmã. Somos mais de dez na família. Se quero falar com algum tenho que ir até ele. Sei que não tenho casa. Que vivo de favores. A nenhum deles interessa saber onde isto começou. Querem, quando muito, ser mais piedosos uns do que os outros. Não tenho onde guardar meus versos. Misturam-se com a memória de uns poucos livros lidos. O Anselmo me disse que tem mais de dez mil livros em casa. Parece uma coisa sem medida. Quando vou ali perco a fala. Sei que é o poeta da família, e que toda família precisa de um... Só queria ler todos aqueles livros... Alguns, na verdade. Deve estar cercado de coisas sem valor. Um dia desses li um soneto que se concluía da forma mais vaga e imprópria possível. Dizia assim: Vão cantando no azul as cítaras da tarde. O que isto quer dizer?*

— *E os teus livros?*

— *Meia dúzia. São roubados. Ou então umas porcarias que o Anselmo vez por outra me dá. Observa isto: Quando se esvai o olho da mulher não há outra maneira de se ver o mundo. É uma imagem imensa. Talvez excessiva, mas não de todo mentirosa. As mulheres sabem ver o mundo. Os homens sabem como fazê-lo, talvez. Mas não terão o que fazer se não forem levados por uma visão. Os poetas são este paradoxo: homens de visão. Alguns. A maior parte apenas escreve versos.*

Era hora do banho. Tinha que ir para a escola. Alfredo também deveria retornar à pensão em que a família o havia colocado. Recolher-se àquele quarto de vida.

Um dia, quando cheguei na casa da avó, Mãe Dolores me levou até o pequeno móvel de madeira e vidro que recolhia os livros de tio Alfredo. Revistas, livros velhos, alguns rasgados. Papéis amassados, rabiscados. Um mata-borrão, caixas de remédio, bosta de baratas. Trechos quase ilegíveis de cartas, manuscritos de poemas. Uma valiosa herança, decerto. As traças haviam devorado irregularmente as páginas de Macbeth. *Prudência? Abandonar... Vãos esforços! Pois mais fácil... – nada se concluía naquela leitura.*

— *Toda a biblioteca do mundo mal cabe em uma estante. Não importa o que podes ler, mas sim o que verdadeiramente transfigura tua vida. Poucos livros ajudarão nisto.*

Sem embaralhar a memória, diante de tudo aquilo comecei a pensar de onde vinha toda a força de Alfredo Aquilino.

— *Por que tocaste fogo no guarda-roupa na casa de teu pai?*

Jamais o vi rir tanto. Não deveria ter feito a pergunta? E se não quisesse mais me ver? Faltava dizer que eu estava ali, justo naquela tarde, e que o vi desmaiado sobre a cama, com a asfixia mal disfarçando um riso salteador. Logo assumiu um ar estranhamente sério.

— *Todas as coisas têm seu tempo. Estão no mundo e servem para algo. Aquela não era a casa de meu pai, e sim a de duas de minhas irmãs. Meu pai morava ali com elas, como moro hoje em uma pensão a duas quadras daqui. Desde a morte de minha mãe que o velho vinha sem rumo. Meus pais viveram juntos até os oitenta anos. Quando se é tão teimoso assim e de repente se perde o pé de apoio, não mais é possível imaginar forma alguma de apego à vida. Ou se enlouquece de vez, ou se torna submisso aos dilemas cristãos. Meu pai era agnóstico. Os agnósticos são miseráveis criaturas que precisam de algum empurrão para cair na fé. Não tenho nenhum desapego pela vida. Entendia que deveria matá-lo. Preso àquele quarto em que eu estava, imaginei como única maneira possível, de cumprir algo que me soava como um íntimo sinal de justiça, atear fogo ao guarda-roupa. Não queria matar a mim mesmo. Vê como toda forma de julgamento é uma injúria? O entendimento alheio não define nossos próprios atos. Um erro só acoberta outro.*

Silenciou um pouco e logo indagou se não gostei do presente. Salvou-me a avó do indisfarçável constrangimento. Era uma daquelas horas de rompimento de nossos encontros. Os olhares ficaram algo estranhos.

Os livros são atos essenciais de escritura e não de leitura.

Fisgou-me esta, entre inúmeras outras anotações nos brevíários reflexivos, disformes alguns, iluminados uns poucos. Contudo, achei que estava ali apenas para ouvir.

8

— *Preste atenção, preste atenção! Uma vez torturada por teu amor / terás que te refazer a partir dele. Apenas ouça. Tem algo surgindo aí. Meu irmão quer me deixar sem isto. Ele entrecorta minha vida. Tenho uns versos, me surgem, surgem... surgem. Vou escrevendo, anotando aqui comigo. E... Não, não vou escrevendo tanto. Vou escrevendo na memória. Meu irmão não encontra tempo para lê-los. Diz: Vamos ver se há aí algum fundamento poético.*

Sempre foi um burocrata do verso. Claro, o poeta da família não poderia ser outra coisa. A busca desenfreada de essencialidade é um distúrbio patológico. A imagem poética surpreende pelo que oculta em si, pelo que apenas sugere. Toda beleza é perversa.

Assim me recebeu tio Alfredo, logo na porta da casa da avó, na semana seguinte. Sempre me deixava algo perplexo diante de tantas observações. Por vezes atropelava o próprio pensamento. Senti-me obrigado a retomar a estranheza com que fatiamos a posta anterior de nossa conversa.

— *Gostei dos livros. Só me veio uma curiosidade: não são apenas estes os teus livros lidos. É só isto aqui? Tua vida, é só isto?*

— *Bem poderia ser. Não somos exatamente o que lemos, mas antes, antes mesmo, a maneira como o lemos. Que livros querias? Como os restos da biblioteca de meu irmão. Por que não falo em nomes? Porque não leio nomes. Sei de um Claudel – o burocrata cretino que pôs a própria irmã em um manicômio –; de uns versos mal escritos, porém dilacerantes, de um Artaud; da soma de tudo que soube ser Baudelaire. Notícias tão vagas, sempre tão excessivas, deslumbradas. Leio os versos que estão ali. E duvido comigo mesmo se é preciso ler algum verso. Se versos não têm tanta importância, o que dizer então de seus autores? Meu irmão é que vive de versos e de nomes e de escolas. Só leio versos roubados, da livraria ali da praça ou da biblioteca de Anselmo.*

Alfredo Aquilino destrinchava o ocioso e o desconhecido em minha vida. Tudo em mim irrompia fuçando dúvidas, desconfianças, um pesponto de inquietude, desperta justamente pela interlocução delineada. Na verdade, não sei se me ouvia, porém me deixava ouvi-lo. E isto para mim já era uma forma primogênita do diálogo.

— *Não aguentava mais a clausura naquele quarto. Pedi a Firmina uma revista, qualquer uma. Não podia seguir olhando para o teto o dia inteiro. O teto tem um momento propício a ser observado. Depois começa a produzir monstros à revelia. É quando então desaba sobre nós. Firmina talvez fosse alheia à queda de tetos. Tentei conversar com ela. Estávamos ali pela mesma razão, o doente e a enfermeira. Hipótese mais risível não a encontraríamos tão fácil. Desleixado com a higiene, Firmina vinha cuidar de mim como uma deusa reparadora.*

— *Olha o teto, vai cair.*

— *Que teto, seu doido?*

— *As pontas metálicas e persistentes da tesoura de unhas me convenceram de que a coitada poderia facilmente ser convertida em uma porta de saída. Queria apenas fugir. Espero que a tonta, tão adorável Firmina, não leve em conta senão o requisito da tesoura cravada na garganta.*

Não tínhamos encontros propriamente habituais. A princípio vinha com mínima frequência: umas manhãs de quarta-feira, uns dias saltados, até que foi se chegando, com o pouco cabelo colado à cabeça, a mão esquerda sempre mantendo o talho, a justa separação dos fios. Tio Alfredo era julgado mais e mais como intratável pela família. Certas doenças dispensam tratamento médico. São ajuizadas à luz da moral familiar. A condenação é sempre a mesma: irrestrita solidão. Não sei se ele escrevia os próprios versos, se os roubava do irmão ou de outros poetas que lia. De uma coisa sempre estive certo: aquelas ideias expressavam uma agonia pessoal.

9

— *As idades se misturam na memória. Não havia propriamente a ideia de uma novela. Quando tudo é memória, nada mais é memória. Memória, memória, memória. O homem é a única catarse possível. Afeiçoa-se a destilar a compreensão de si mesmo: um pai velho entregue à solidão, irmãos desamparados, os filhos distantes.*

Alfredo Aquilino mantinha os olhos fixos no teto enquanto falava com vagar cada palavra.

— *Impressionava-me que trouxesse tudo aquilo de memória. A cunhada havia ido embora, levando consigo toda a mobília da casa, talheres, quadros, piano, mesas, o cão, tudo, tudo mesmo. Renunciara apenas aos livros do marido, às imensas prateleiras carregadas de livros. Aquele santuário certamente significava o centro da ruína de seu casamento. A renúncia era a afirmação de um desprezo. E para que não morresse de sede o poeta, deixara também uma moringa d'água. Alfredo imaginava o monólogo que certamente teceria o irmão, tão logo os olhos se amoldassem ao vazio do cenário.*

(— *Como disfarçar vergonha extrema? Como evitar que saibam o que houve os filhos e irmãos e amigos? Como me sentir amanhã tendo os alunos diante? E com tantos, o que fazer, com os que me espreitam cada partícula de vida e sonham rindo com minha queda? Por que terá ela feito isto, em meio a tantos anos de apaziguado casamento? Não tocava a sós aquele piano*

melodramático? Amigas emplumadas e ridículas, acaso não tinha as suas? E não cuidava dos horrorosos canapés de tantas e tantas e repetitivas festas, nas previsíveis e lastimáveis datas, todas? Vivia, isto sim, a abusar de adjetivos. Como achar então que tudo em nossa vida era seu, exceto os livros e aquela afrontosa moringa? A quem confessarei minha dor? Como Adelaide poderia pensar que tudo o que eu sentiria diante do vazio seria sede? Como entupir-se de tanta mordacidade?)

Seguia olhando para o teto, encarando um invisível monstro dependurado sobre nós. A voz encarnava a do irmão, em um ritual desconcertante.

(— Os filhos decerto apoiarão a mãe. Dirão impiedosos de minha permanente ausência. Também eles a pensar que livros e livros e uma moringa d'água são alimentos suficientes para um poeta. Criamos filhos para tanto? Para afinal julgarem o pai e não simplesmente apoiá-lo? Já sei que minhas irmãs dirão que negligenciei o casamento. E isto dirão justo aquelas que jamais casaram. Os amigos mais cruéis serão os cercados de adoráveis concubinas. Já lhes ouço os risos cortantes. Da moringa bem imagino o quê. E o que levas de tudo isto, minha confusa Adelaide? Talvez tenha guardado, confesso, as melhores exclamações para meus versos. Mas todos traziam teu sabor inconfundível. O que mais poderias querer? Não fui teu grande cantor? O que são as musas? É tão pouco assim o que te dei e que agora trocas por nada? A conta bancária, os móveis, a cumplicidade dos filhos, pensas mesmo que tudo define tua vida e anula a minha? Talvez o Rembrandt legítimo em sua ronda noturna. Mas não lhe repetirei a miserável vida nos últimos anos. Não procurarei mulheres entre músicos ou qualquer outro tipo de círculo de vagabundos. Farás isto, tenho certeza. Os filhos ficarão contigo, embora já bem crescidos os falastrões. Tão-somente sentirei imperturbável saudade daquele sábio exercício de iluminação de uma cena: o raro Rembrandt que tínhamos na parede da sala. Pensas que te foste com toda a luz? Que tonta, Adelaide, o que te passou pela cabeça? Que eu não poderia viver sem ti?)

Enquanto falava, por vezes tendia a transtornar-se. Abria um disperso sorriso. Suspirava um tanto, logo recuperando a própria voz.

— Certamente um dia transformará tudo aquilo em um de seus indefectíveis poemas. Já imagino a vazante pouco gustativa das imagens. Pobre poeta, meu irmão. E agora um trapo, uma cárie, um esgoto entupido,

abandonado pela esposa. Esquece que fez tanto por essas metáforas extenuadas...

Em um outro dia, mostrou-me as páginas arrancadas de um caderno, a letra trêmula, garranchosa. Pediu-me que lesse em voz alta.

(Chego da aula e encontro a casa completamente vazia. Assusto-me. Penso em assalto. A todo instante se rouba. Decerto sou parte disto. Entro na biblioteca e ali estão livros, todos, mesmo os espalhados por um lado e outro, agora desajeitadamente acondicionados em algumas prateleiras. Em um dos cantos do cômodo, uma moringa dava sinal de que assalto não houvera. Imperava solitária e vítrea, em meio a nenhum outro móvel. Sequer o telefone. Como dar pelo havido e deslaccrar tal enigma?)

— *Quer o suco agora, meu irmão?*

Balançava a mão, negativamente, agitado com a interrupção da irmã.

— *Leia de novo. Não. Aquilo do telefone é uma graça. Ele não sabe passar sem um telefone. O dia só se justifica quando liga para alguém e diz: Ouça que estou fazendo o dia. Idiota. Deveria dizer, quando muito: Ouça o que estou fazendo do dia. Continua dali.*

(Ligar para os filhos a indagar o quê? Enquanto isto, que vinho tomar, que tango ouvir, em que poltrona me aquietar? Dar pela falta dos tecidos imutáveis de que é feita cada vida leva o mesmo imprevisível tempo que fiá-la. Aos poucos algumas aflições foram golpeando a tez da realidade, em decursivo rondel: quem me faria os hábitos da mesa? Quantas cartas teriam hoje chegado? Os versos de fim de noite, onde os comporei? Amigos recriminam que tenho publicado livros demais. A caminho de casa, entretanto, ideias tantas me surgem sempre, e tantos poemas, tantos... Talvez seja um poeta de imagens demasiado simples, confesso. Hoje mesmo vinha pensando em uma ode ao homem imóvel na praia, vinha já com uns versos prontos: *Esta manhã um homem estava imóvel na praia / com toda a vida salgada por silêncio e infortúnio.*)

— *Alfredo, toma o suco...*

— *Merda, merda, merda... Ele vai exasperar-se e dizer que é um homem tão simples, um merda tão simples. Não para de ler.*

A avó não fazia ideia do ritual que estava interrompendo. Eu seguia lendo.

(Tenho sido um homem tão simples. Os poemas não passam disto: um reflexo de nossa simplicidade diante da vida. Os poetas somos todos a encarnação do puro Francisco. Nos desfazemos de tudo em um exercício diário, permanente. Nossa tragédia vem de nossa abnegação. Desejamos profundamente que todos os homens sejam felizes. E o desejamos com nossos versos. Por que então arriscaria algo contra meu amor? Com amor componho minhas odes e versos mínimos. Diante daquela moringa me sinto julgado por crimes sequer pensados. Não teria dado a Adelaide toda uma vida? A que devo minha lástima, irrefletida, desassossegada, entontecida? O que peço à minha memória que desvele sem trama? É certo que raramente a procurei como a uma mulher deveria seu homem procurar. É provável que desconhecesse muitas de suas sílabas, possivelmente as mais crepitantes, jamais por mim debulhadas. Mas era uma deusa a luniforme Adelaide. Apunha signo a signo. Podia escrevê-la com os cabelos em versos, as volutas intermitentes, os lábios tomados de seiva sugerida pelo hálito. Adelaide parecia benzer cada cadinho de espaço que seu espectro preenchia. Possuía diabólica santidade.)

— Diabólica santidade... *A mulher era insaciável, e a lubricidade desprezava qualquer sublimação retórica. Olha a tolice que ele vai dizer agora:*

(Lembro o vinho com que me procurou certa noite para um banho. Estava tão embevecido de Verlaine. Sedução possível não havia mais. Toda a embriaguez do mundo estava ali, nos versos. Batia palmas para Verlaine e não me acendia Adelaide fogo algum. Talvez fosse o maldito piano que acreditava ser parte de si. Sim, sim, era o piano, não resta dúvida, a mínima. A todo instante cercava-me com uma sonata estilhada. Tantas histórias eu poderia contar, mistérios e dissabores essenciais, embaraços da paixão, viços de personagens que me inspiram, lembranças, não mais... E as insípidas sonatas acesas até altas horas. A poesia já trazia consigo toda música. Adelaide a desmerecia com aquela versalhada teclada.)

— *E toda a parvoíce que benze com a água pútrida em nome da poesia? Reduz-se a nada. Não compreendeu jamais a coerência do ardor de Adelaide. Daquele corpo eu arrancaria toda a alma do mundo.*

(Por que se perder em acordes tão frágeis? Era um absurdo, aquilo. Em algumas festas de família, as primas pedindo para ouvir o piano. Um Schubert mal dedilhado despertava atenção que um Valéry autêntico sequer suspeitaria. Jamais li meus poemas em tais

festas. Entre a inúmera bebida e os indeclináveis canapés, todos preferiam as histórias alheias, e me pediam que contasse a trágica morte de Isadora ou detalhes do desengano de Padre Ramírez. Quem conta histórias não pode ter a sua própria narrada, exceto se a enovela no fio das demais.)

— *O safado não entende que ganho é conquista e não herança ou trapaça. Fala sempre em prêmio, subordinando tudo na vida a um mero reconhecimento da reles existência. Palhaço... Lê o resto.*

(Vejo agora que não eras nada em minha vida. O que lamento então? Quando escapamos milagrosamente de um acidente aéreo, de retorno ao lar após larga viagem, tínhamos tão-somente um ao outro. Abri os olhos diante de Adelaide e a deusa hesperídea, áurea, averbrou-se em busca de um telefone no aeroporto. Eis o primeiro impulso diante da ressurreição: dizer aos filhos que mamãe está viva. E papai? E nós? De que servíamos nós? E todo aquele pânico? A imprensa nos recebia no saguão do aeroporto. No dia seguinte porejavam notícias do poeta redivivo. Tudo era imortalidade em mim. Por que não contigo? O que mais esperavas? Não resisti a chutar o cinismo escancarado da moringa. Não bebi uma gota sequer da maldita água. Bem sei quantas vezes fui tratado como o poeta da moringa entre falsos amigos. Tudo ali naquela desarrazoada tarde.)

— *Chega. Vê como ele se livra rapidamente das responsabilidades? Meu irmão traçou um círculo a seu redor. Percorre-lhe o dentro e o fora, irresponsável, fraudando um discurso, mesmo ciente de que o êxtase que supõe é a falência das duas partes. Busca um terraço no céu, uma laje fantástica que o proteja do engano de si mesmo.*

— *O que foi feito dela?*

— *Adelaide foi levada a achar que o piano era nada. Desconhecia-se. Veio me visitar uma tarde. Estou sentindo uma forma me apertando, pedindo que eu a deixe de lado. Me chamava de Fredo. Estava tão linda. Tomada de angústia, mas tão linda. Disse-lhe: Jamais esqueço a noite em que tocavas em tua casa a “Chansons d’amour” de Grieg. Sorriu com pesada lentidão, mas ainda assim envolvente. Não sei por que não a beijei. Morreu logo depois. Tanta infelicidade lhe despertara um câncer.*

Ele estava certo. Parece que despertamos nossa morte. Ou somos estúpidos o suficiente para nos sentirmos imortais e desprezarmos a vida.

Nas conversas com Alfredo Aquilino o mundo ia se descascando sem pressa. Um dia percebeu que o melhor delas é que eram entrecortadas. Pôs-se então a tracejar um elo silencioso entre as inúmeras interrupções.

— *Como são as mulheres?*

— *Eram. Não me pergunte como as coisas são, mas sim como alguma vez foram. Já não me sinto dentro do que quer que seja, não tenho sido mais nada.*

A avó indagava se tudo estava bem, se queríamos mais um suco. A manhã mal disfarçava seus traquejos de alçapão.

— *Eu gostava de pentear os cabelos. Ficava ali diante do vazio, penteando, tempo indo e vindo, desavisado de outro tempo. Aleuda sabia que eu tinha essa mania. Quando vinha trazer o comprimido eu a confundia, dava uma de esquisito, olhava o teto sem muito gosto, aí ela passava a mão nos meus cabelos. Se eu pudesse, cuidava do senhor de outro jeito. Bem sei que achava que eu não ouvia. Que não entendia. Ela que não sabia: eu cuspi o comprimido fora tão logo a porta se fechava. Tudo é tão igual no amor. Não importa que se mude a loucura de nome.*

Casa e tempo eram outros. Confundiam-se os relatos da memória. Alfredo Aquilino piorava a olhos vistos. Esbravejava que o irmão o estava matando. Queimava, rasgava, feria. Não suportava nada ou ninguém à sua frente. Recordo incidentes pesados, quando esmurrou uma das irmãs, por havê-lo chamado de doido. Mas tudo mesclado a uma fascinante presença de espírito, a exemplo do motivo de sua expulsão de uma das clínicas de repouso: acordou no meio da noite e antecipou em uma hora todos os relógios do lugar, alterando medicações e outros cuidados.

— *Tropeço em tanto infortúnio. Dou com miseráveis carpindo minha vida, capinando com belos moldes em rostos turvos meu arrastar-se pelos dias. Que se desfaçam, ou se entreguem a seus demônios. Não posso matar a todos como me pedem... as vozes que me rogam: morte, morte, morte. Uma obscura missão que não saberia cumprir.*

As manhãs salgavam-se de mesmices. Pequeno Ansioso apenas sabia notícia das crises, o leva e traz da vara familiar. Conhecia um único Alfredo Aquilino: o que via, ou melhor: ouvia. O grande

fantasma era o outro. Se havia uma loucura teria que haver também uma não-loucura. O contrário resulta sempre na melhor afirmação do que se é, segundo uma aborrecida legenda.

— Às vezes ele fica uma manhã quase inteira sem dizer palavras. Balança-se na cadeira. Tamborila os dedos, suspira, quase solfeja, um salmo, talvez, ou mesmo um rumor de inquietude. Simplesmente parece não estar ali.

O embate com os monstros que se desenham na fixidez do olhar. Alfredo sabia que aquelas criaturas não saíam dali senão através do espírito, o fio condutor de toda realidade possível, visível ou não. Sabia. E apenas sabia.

III – MARGEM IMPERTURBÁVEL DO SILÊNCIO

II

As entranhas da casa. Mãe Dolores nua por inteiro, celebrada por si mesma no recolhimento de todos os sítios, logo após o almoço. Pequeno Ansioso percorria o largo corredor, estimando-se intérprete de incontáveis mistérios. Esguelhando-se no pavier da caminhada, vislumbrava finalmente o sortilégio anunciado: como amar outro Deus senão aquele corpo quase em levitação? Era uma esplêndida totalidade, trazendo consigo até mesmo a insustentável impossibilidade de alardear seus meneios, dividir com quem quer que seja a visão primordial.

— *Vem cá.*

Quebraram-se mil taças, todo o vinho do mundo ao chão. Desfez-se o último enigma que sustentava a existência humana.

— *Anda, Pequeno. Larga de ser tonto.*

Não demorou a entender que ali tinha início um estágio mais elevado do mistério. Uma nova letra se desvelava no espírito.

— *Quero ser teu fado, tua sombra, teu ritmo. Quero ser tua fala, teu ofício. E dançava, molequeando, sorriso largo.*

— *Quero ser tua cuia. Beija aqui.*

E mostrava onde.

— *Não sabes? Não sabes isto! Não deves saber outro tanto.*

As tardes passaram então a ser historiadas por um mapa secreto. Despertar invisível. Transcorreram beijos e suores, o deslizar dos dedos, o refúgio da língua, mínimos apertos, o ardil dos beliscões, uma primeira floração de mordidas. Pequeno Ansioso era um aprendiz de corpo e espírito. O melhor aluno de sigilos com que poderia sonhar Mãe Dolores. Fez tanto segredo de suas preleções que por vezes pôs-se a duvidar de.

— *A casa me exercia um enorme fascínio. Insultava-me a desvendá-la, a tocar em um ponto e outro daquela geografia carnal. Da escadaria que a iniciava aos tanques de peixe ao final de sua cauda, contorcia-se e parecia assumir formas tão várias que jamais dei por conta de todas elas. Mãe Dolores vivia a cuidar de suas multicores escumilhas. Era uma mulher lindíssima em longos cabelos ondulados. Diziam-na cigana, porém nunca me quis ler a mão sequer, nem soube jamais de um pandeiro em seus requebros evocativos. O certo é que andava pela casa como se dançasse um pouco de tudo.*

Pequeno Ansioso, ainda sem o saber, mostrava-se aplicado na maior das lições: deixar que tudo seja e desapareça.

Enroscado em um galho maior da grande árvore, Pequeno Ansioso atiçava Mãe Dolores, jogando-lhe o caroço das frutas, enquanto lá embaixo ela punha roupas a quarar. O quintal era imenso e, como tudo naquela casa, espichado e tomado de sinuosidades, reentrâncias, ardis de espiadelas. O tanque de roupas ficava à sombra, um avarandado com colunas e telha-vã. O menino corria por todos os cantos.

— *Quer brincar?*

— *Vem cá.*

Encostava-se nela, que o espicaçava com voz melosa.

— *Quero um beijo.*

— *Onde?*

— *Deixo escolher.*

Baixava-se e erguia o vestido, sempre nada por baixo. Os lábios treinavam em carne de sobra.

— *Beijo bem grande, demorado.*

Amolecia o corpo, um pouco, depois se virava e o empurrava com um pé, mandando-o brincar sozinho, tinha ainda muita roupa que lavar.

— *Eu quero gozar.*

— *Me deixa trabalhar, moleque.*

Nada se compara ao amor que eu fiz. Pequeno Ansioso repetia a frase, saltitante, entre miúdos risos. *Nada se compara ao amor que eu fiz.*

— *Vem cá. De onde é isso?*

— *Está em um livro que li: As sobras de Deus. A mulher queria tudo para ela. O homem ia tomando algo de volta, aos poucos. Umas coisas ela nem dava por conta. Queria seu amor. Ela dizia que era dele. Mas ele é que foi fazendo com que fosse.*

— *Vai buscar.*

De volta o menino, Mãe Dolores encostou a vassoura na parede. Sentaram-se juntos no largo banco de madeira em um canto da copa.

— *Lê um pouco.*

— *Quando teve o amor, disse para si mesmo: Esta é a minha emancipação. Agora posso fazer de tudo. Sentia-se o tal, porque havia entendido o êxtase. Andava nu pela casa, gesticulando alto.*

— *Ela também?*

— *Tem umas partes em que estão sempre sem roupas. Acho que até andam pelo quintal, pela sacada, assim. Ela se dizia escrava da paixão. Vivía ávida por algo, qualquer coisa, sempre. Ele a olhava com ares estranhos, alternados. Acho que queria anulá-la, de alguma forma. Queria tornar trágico o êxtase. Acho que o artista acaba por destruir tudo o que cria. Não quero ser artista, Mãe.*

— *Quer ser o quê?*

— *Teu amor.*

— *Lê mais, safado. Depois te faço uma coisa.*

Mãe Dolores punha-se no calção do menino. Sorrateira a mão se aninhava com extremo zelo. Pequeno Ansioso fechava os olhinhos, trocava de página, retomava:

(— *O homem passou a ser uma visão para ela. O anúncio de algo. A mulher já havia perdido tudo. Ele era o centro de sua catástrofe, porém ela o tinha como a um deus. Gravemente enferma da mais profunda ilusão, começou então a ser as sobras, os sobejos de uma divindade falseada.*)

— *Ela morre?*

— *Nada. Vai sofrer angústia e vertigem por muito tempo ainda. Não é isto o que Deus faz com a gente? Leva tudo consigo e nos põe a viver de espanto? Eu também não queria ser Deus.*

— *Queria ser meu?*

— *Eu quero gozar.*

— *Vou te fazer um mimo. Traz o livro junto.*

Quase ao lado dos tanques de peixes havia um pequeno quarto, para o menino uma misteriosa casa dentro de outra. A porta era guardada por um pesado cadeado. Em suas andanças demarcara aquele cômodo isolado como sendo o coração do mistério. Além da porta, havia uma janela igualmente cerrada. As frestas na madeira carcomida só permitiam ver a profunda escuridão que habitava as entranhas do enigma, sempre desperta, sem falhas. Os dois pararam diante da porta, Pequeno Ansioso com o apetite espigado sob o

calção e um dedo entre páginas do livro, como se marcasse algo para não esquecer.

— *Espera um pouco.*

Mãe Dolores voltava com a chave na mão. O menino sentia-se lançado ao vazio. Insubordinação, pecado, quimera, a emancipação, de tão próxima, o atordoava. Jamais teria imaginado a profana simplicidade com que se tece um abismo. Aberta a porta, entrava no outro lado inigualável do mundo. Os lábios deixaram escapar: *morrerei em condições espantosas.*

— *O que é?*

— *Não sei ao certo. Devo ter lido em outro livro. Creio que é o que o personagem diz quando o chão lhe falta aos pés.*

— *Um sinal de Deus?*

— *Um miolo de pão.*

— *Meu pequeno doido.*

Mãe Dolores fechava a porta e a golpada da escuridão celebrava novo triunfo. Todos os sentidos se concentravam em um só, estuário das sensações miraculosas que passavam a reinar manhosas.

— *Me dá o livro.*

Ela cuidava com tato infernal de ambientar o desejo de ambos.

— *Deixa eu tirar o calção. A teus pés, Pequeno, não deixarei que te falte nada. Vem com tua mãezinha. Quero ser teu poço, tua lua a brilhar, tua guarda do labirinto.*

Eis ali toda condição espantosa, a própria medula do espanto. Jamais poderia imaginar que a verdadeira sensação de ser equivaleria a sentir-se em parte alguma. O ponto extremo da inquietude. Mal se ajeitara em seu casulo. O corpo sem noção alguma de tantos átomos à deriva. Julgando-se autóctone e dado a falar com as plantas.

— *Assim.*

Tinha nas mãos todo o corpo de Mãe Dolores. Detinha-se nos seios insaciáveis. Tremia e sentia os pés inchados, uma onda de assombros lhe emaranhando o sexo. Tudo queimava e talvez jamais voltasse a ser um indivíduo. Mãe Dolores apenas gemia, balouçante, lasciva, desfeita de toda cartografia.

— *Mais assim.*

— *Mãe.*

Foi quando a totalidade pareceu improvável. Animada por uns pretextos carnavais, abundava no relicário: crime, loucura, baixaza.

— *Morde.*

A escuridão era o centro de tudo. Pequeno Ansioso era um cego rodeado de escuridão. Sofria e gozava escuridão. Lambia e fornicava escuridão. Outra lei não havia. Não era mais o Pequeno Ansioso e todas as formas ascendiam a um caráter difuso. A escuridão comerciava as mais diversas formas de tremor. E epigrafava cromos cruéis, falantes farsantes, milharal do pânico.

— *Go fuck your mother. Your desire is your pain, damned child. Your flesh is burning. Your spirit doesn't know where he went in. Everybody is the women of your life. You're the only serious dream.*

Quem estava ali, além deles, estalando em meio ao braseiro da escuridão? Murchava-se assustado o menino, já de todo fora do concílio carnal de Mãe Dolores. Decaído por usurpação do trono.

— *Mãe!*

O que era tudo aquilo? Uma queimação trocando os sentidos da vida. Uma erupção do indecifrável que trazemos dentro de nós. O menino não tinha como pensar em nada. Tremia por inteiro, de uma vez por todas perdido integralmente de si. Mesmo o clamor era um estrépito desapegado, uma fagulha perdida.

— *You'll never live inside me.*

(Não aguento de vontade de intrometer-me em tal maluquice. A narração brilha a cada passo e não se sabe de onde vem. Nem mesmo quando falha o narrador é lembrado. Talvez não passe de um funcionário público da tragédia, do dramalhão, da comédia de costumes. Antes de pegar este emprego, conheci uma gracinha de mulher. Estava de passagem por minha cidade e logo tratei de mudar-me com ela para o lugarejo de onde viera. Era uma mulher ardente. Quando se conhece uma mulher imersa em tanto fervor, é natural que ela seja mãe e Deus e todas as formas à altura da imaginação. Cibele era assim, com longos cabelos e o olhar feito um golpe de machado. Já no meio da viagem, no pouso em um motel de estrada, a caminho de uma mítica Palhares, deu de falar comigo diferente. Não em outra língua, mas em outro linguajar. Justo quando me encaixava em seu íntimo e lhe amassava o corpo e tremíamos... Em meio à cena tornava-se outra e rejeitava-me como se não suportasse um instante, o mais célere, de felicidade. Era um

espírito sofredor, um lagamar purulento. Morava bem ali naquele corpo que esvoaçava de ansiedade, crepitante na plumagem de gozos, e que veio pousar em minhas mãos. Não sumia quase nunca. O diabo é entender que não se deve ficar ali um minuto a mais. A plenitude é feita de uma exímia sequência de abandonos. A insuficiência é ainda não haver perdido tudo o que se tem a perder. A perda é o único sentimento que determina a existência de uma pessoa. Sofri mais de um ano nas mãos dessa outra mulher que surgia sempre quando buscava Cibele para o amor. Até que um dia eu fui embora. Entre enjojo e enojo, frustração e aniquilação, tudo parecia o mesmo. As coisas nos encantam parecendo iguais, sempre. E assim nos martirizam e traem.)

— Mãe.

— *You're nothing. You'll fall if I just raise my hand. I'm your anxious will.*

— *Mãezinha, responde. Brinca assim não.*

Talvez a escuridão não soubesse o que tinha em suas mãos. Pequeno Ansioso estava no centro do nada. Ou de nada. Queria uma palavra cálida, uma ocupação vulgar, algo que o agitasse e justificasse todo aquele suor. Quem estava ali?

— Mãe!

Ninguém respondia. Em nada repercutia seu dilema. Não importava em que língua o insultasse, mas sim que estreitava laços rompidos com algo de que era possuído e ainda desconhecia. Em pleno assombro, no entanto, só tateava ausências.

14

O menino chorava acaçapado e nu ao lado do último dos três tanques de peixes. Afundava-se em choro e medo. Não tinha a mínima ideia de que espécie de fronteira havia cruzado. Dele aproximava-se, ajeitando a roupa sobre o corpo suado, Mãe Dolores. A figura já não lhe era mais um atrativo. A essência, agora, emanava o mais simples terror. Pequeno Ansioso humilhava-se ainda mais junto ao lodo que de muito residia naquelas paredes. Miudeava ali todas as formas do pânico. Revelava-se a ele um outro caráter do êxtase, ao tempo em que ruminava um verdadeiro conhecimento do exílio.

— *O que houve, meu menino? O que eu te fiz?*

Mãe Dolores era toda estonteante. Não dava por um mínimo do havido. O menino não fazia senão chorar. Levaram nisto uma eternidade. Uma náusea vociferava por todo o tablado. Os peixes nos tanques. As frutas nas árvores. O incerto tempo em si mesmo. Onde então estivera Mãe Dolores quando nela estivera Pequeno Ansioso? E onde estivera ele? Para onde fora quando lhe fisgou o desejo? E o que lhe parecia ainda pior: estaria fazendo as perguntas certas? Tal inquirição acaso não seria um desvio, artimanha, uma falsa luz? Foi-se acalmando e veio até ela, derramar-se no colo. Dissimulavam-se as verdades mais translúcidas. Mãe Dolores brincava com a mão em seu rosto. Dava-lhe um seio para o afago, pedinte. Apertava-lhe o nariz. Pedia que lhe mordesse o lábio. Os dois enchiam-se de fraquejos.

— *Eu não te faria mal algum.*

Dizia isto e lhe entrançava os dedos no sexo.

— *Quantos são os dedos? Quero em mim apenas o que é teu.*

Deitou o menino no chão e lhe cobriu com o corpo. O vestido deixado ao lado, pôs-se a remexer-se em convulsiva aleluia. Apenas os dois. Até o fim.

15

Uma enervação dolorosa havia se formado na memória de Pequeno Ansioso. Não foram poucas as noites em que se deixava afligir por um coro atonal de vozes e o ranger de uma porta que separava dois mundos. A expedição diária pelos vigamentos da casa começava a assumir uma natureza teratológica. Aos poucos se tornava um vigilante insone. Algo comprometia a beleza e não sabia ao certo se estava oculto naquele pequeno quarto ao final da casa ou se disfarçava-se na desordem afetiva de Mãe Dolores. A frase lida em um livro despontava na lembrança: *Quando a beleza se torna um signo nefasto não há mais o que buscar no homem.*

A primeira decisão foi montar guarda austera àquele portal, que simbolizava, segundo os cálculos de seu espírito, o marco da agonia. Ali estava, entretecido pela inelutável convicção. O valente guerreiro ou era uma pérola rara da presunção ou supunha-se acolhido pela sorte. O fato é que mantinha a aparência inerme. A

casa dormida, precipitava-se pelo extenso corredor, abria a pesada porta de saída para a área descoberta, e dirigia-se a um quadrículo de cimento onde se recolhia água para o cuidado com os peixes. Dali estava defronte o mistério. Cobria-se com um lençol e mantinha a atenção esbugalhada na porta, já recolhida ao cadeado habitual. A noite inteira, intactos, ele e o que houvesse por trás da expectativa.

Nada.

Nada por três noites.

Tudo lhe parecia crer que a vigília não é um emplasto eficaz contra a inquietude. Não se interessava por conclusões. Estava exausto. Mãe Dolores não o deixou quieto dia algum. Aquele garoto lhe revelara um acordo com a ventura. Pequeno Ansioso começava a pensar que um conhecimento pode ter fim, sendo bastante observar a ruína de seu reverso. A verdade é que não conhecia ou desconhecia praticamente nada. Era um garoto exânime pela crença de algo que não podia intuir e que o afligia como uma tempestade. Desvalido de suas resistências, dormira ali mesmo no quintal, na terceira noite. Não fora acordado por exéquias, mas sim pelo aviltante vozerio de aparições embaçadas e o ranhoso movimento da porta. O exorcismo seria acaso uma forma de cabotinagem? Foi o que lhe deu a pensar, por alguns instantes. Na verdade, era apenas a casa que despertava com as tarefas mais rotineiras: comida aos peixes e galinhas, um tio aplicado em seus alteres, o destrancar de mil portas e janelas.

— *De quem procuro livrar-me?*

Longe de ser um fabulista, Pequeno Ansioso arriscava-se a questionar com o próprio ser a mínima coisa que punha o homem em jogo. Adoecia precocemente de angústia e, a continuar assim, decerto morreria dela.

— *Como deixar a mercê do horror os riscos da paixão?*

Não era tão simples. A audácia não passava de uma vaga resposta, embora totalizante a cada mínimo gesto.

— *Devo estar de todo perdido. Minha única meta é aguardar por um sinal que seja desta porta.*

Esgotado, não via mais nada à frente. Ao lado da geladeira havia um louçário onde enlanguescia de pouco uso a chave do cadeado do mistério. Sabia disto. Sempre o soube. Podia alcançar a chave, porém o mistério oculta-se na aparição ou na guarda de seus limites indecifráveis? A mão trêmula diante do cadeado é a mesma, medida

por toda essência do abismo. Os olhos pesados davam a tudo um preço gasto. Veria o que viria ou não veria nada além do invisível? A ousadia ou limite possível debatia-se com a lástima de uma justiça inócua. Único limite possível: abrir a porta e vasculhar as entranhas do mito.

Decidiu não se deixar de todo entregue ao destino. Não levou consigo lanterna ou fósforos. A escuridão deslizava, o enigma se ajustava ao novo imprudente juiz, o abismo mostrava-se indistinto, a evidência ria – tormentos e aflições não levam a Deus, a felicidade não passa de felicidade, de agonia a agonia. Não havia nada ali. Não há nunca nada onde esperamos que haja.

— *Comida de peixes, mangueira, ferramentas caseiras, sacos de cimento, um carrinho de mão, saco de pregos, ração para aves, uma escada, o que mais vi?*

Eis o inventário possível do mistério. As coisas caem de nada. O menino se horroriza diante do encanto espatifado. Uma voz a um canto lhe dizia: *This cheap one should be fucked until dying*. Outra chicoteava a escuridão com gemidos indecifráveis. Não há teatro mais portentoso que o da casualidade.

16

— *Mãezinha, me prende de novo em teu corpo.*

Um riso comum chacoalhava a manhã.

— *Tu não presta, Pequeno safado.*

— *Eu fico bem quieto. Não mexo um nervo.*

— *E o que tens mais?*

Ria e agitava-se, fugidia, cavilosa.

— *Vem deitar aqui.*

Ajeitava o menino no centro de seu quarto.

— *Tens que me prometer ficar bem quieto, sem um sinal de vida antes que eu diga.*

Salpicando ansiedade, inerte e despido de qualquer fragor, gesticula a concordância com um mínimo esgar facial.

— *Aqui vou eu. Que nada te escape, meu lindo.*

Pousava o desenleio com maciez e precisão, descendo meticulosa, enredada, uma lúbrica escuridão se desenhando, litúrgica, sobre o rosto felicitado de Pequeno Ansioso, já quase todo

ladeado pelo acetinado toldo daquele mágico anfiteatro em que se constituía o vestido de Mãe Dolores, caindo, caindo, preparando a coerciva tela, os passos da trama, as falas silenciosas, fragrante murmúrio de cada movimento, a ordem confusa de tanto contentamento, lábios se tocando já sem nenhum pudor, oferenda conclamada, o menino por beijar aquele precipício de carnes, aguardando um sinal, corpo rijo, vítima esperando ser santificada.

(— *Ajeita contigo todas as formas de ver. Não deixa que nada te sufoque. Qualquer desafio condena o homem à morte. Risco é condenação. Não se pode simplesmente abandonar um sofrimento. O que pensas estar à mão é sempre o inacessível, a ocultação de uma potência, o êxtase em que radica toda prosaica existência.*)

Pequeno Ansioso seguia ouvindo a ladainha algo impostora, minguando sob o vislumbre da desordem encantada, o sexo absurdo derramado no rosto, colado a seus lábios, pináculo que súbito despencava daquela iluminativa bestialidade, descia no sentido incerto de cada coisa, porém algo mais íntimo lhe impedia a reação. E assim como florescera o desejo recolhe-se agora a charada. Lentamente ergue-se aquele toldo delirante, sem que se tenha escrito uma única frase de gozo ou deleite. Os olhos esbugalhados do menino procuravam alguma resposta. A ludibriante mulher refazia-se da arborescente condição, embruxando os eufemismos, ainda com um livro na mão, de onde certamente pescara aquelas aves de limo, meneios da retórica, Mãe Dolores, que ler não sabia, sábia de ecos e da clara inocência bem dormida.

— *O que esperavas? A hóstia consagrada?*
Riam-se, quase com demência.

IV – ALGUM SILÊNCIO VINDO DAS MARGENS

— *Por que não veio hoje o tio Alfredo?*

Alguém se apressava a dizer que estava doente. Era o suficiente. Porém a resposta não bastava ao menino, já de muito acostumado a guiar-se por um ouvido interno. Desandava a falar só, em largas passadas por toda a casa.

— *Choro porque choro, e da mesma forma o faço quando me agito nas melhores risadas. Quantas mães tenho? Sei que quase não vejo meu pai, embora deguste sua herança livresca e casual com denudada veneração.*

— *Sai daqui, gabiru. Me deixa arear as panelas.*

— *Quantas mães? Tenho crescido em um mundo enevoado, onde êxtase e tragédia tendem a confundir-se. Devo ter mil delas, que se afastam e se misturam a mim quando menos percebo. Tenho tantas quanto casas. Quanto livros.*

— *Sai daqui, fuleiro. Me deixa benzer os santos.*

— *Não me dou descanso em morada alguma. De tanto ir e vir, por vezes me deparo com objetos deslocados ou suponho entrar em cômodos disfarçados. A isto não tomo por infortúnio ou penar. Decerto que são sorrateiros os disfarces de uma casa em outra. Tempo e lugar comungam em burlescas fulminações.*

— *Sai daqui, meloso. Me deixa cerzir os rasgados.*

— *Também com as mães não reconheço pecado ou vaidade. Não são reflexos do espanto ou representações da agonia. São todas elas, indo e vindo em sevícias e consumição. E, como mães, lançam-se todas ao vazio. Não háimensidão engendrada ou capítulo extraviado de uma doce vida. Confundem-me, é certo, bem mais que cômodos e vasilhas.*

— *Sai daqui...*

O garoto parecia não suportar a falta de Alfredo Aquilino. Sabia que o tio não estava doente. Se não veio naquela manhã, decerto estava amarrado ao leito de uma clínica por cordas e remédios. Por que lhe mentiam? E por que tanto empenho em enlouquecê-lo?

O pai viajava muito, mas deixara-lhe uma alentada biblioteca, repleta de livros, traças, revistas. A mãe vivia às voltas com os cuidados exigidos pelo irmão mais novo, com suas deformações

genéticas. Pequeno Ansioso amudava os dias revezando as casas dos pais e da avó materna. E embalava-se nos braços desta e de Mãe Dolores. A descoberta de Alfredo Aquilino lhe urdiu uma urgência de vida. Quando estava na casa dos pais, os livros lhe eram o abismo inigualável. Quando na outra, aconselhava-se com a bela Dolores, douta em profanos assuntos. Aquilino lhe dava a compreensão do não-lugar que habitava. E trazia para diante de si um novo mistério: a vontade de ser.

O tio mantinha consigo, em invisível algibeira, um tufo de estranhezas. Até atingir a idade adulta, sua vida é uma incógnita. Nenhum parente recorda-se de nada. Sabe-se que escrevia versos. Um dos doze irmãos, convicto de idêntica atribuição divina – depois se soube que mais vassalo do trocadilho do que feitor da essência poética, como se orgulhava de ser –, animado por uma crença de que cada família suportaria apenas um único poeta, aviou-se a fraudar o ânimo de Aquilino, atribuindo-lhe astuciosamente uma fragilidade racional que acabaria sendo habilmente diagnosticada como distúrbio patológico.

Não é novidade que a inveja seja a base da loucura alheia. Não se trata de derrisão do destino, mas sim de solecismo da realidade. Uma briga entre guardiões, decerto. O fato é que Alfredo Aquilino foi dado como louco. Seus versos, sem que houvesse minguagem, foram desacreditados. Sua palavra não contava para mais nada. O irmão aprimorou-se em falsetes e logo acedeu a todas as baixezas do encômio. Em brevíssimo tempo, Anselmo Calamares tornou-se o inquestionável poeta da família.

Pequeno Ansioso já conhecera Aquilino solapado em suas convicções. Em visitas à casa de Anselmo – anotações mínimas dos passeios pela vida com o pai –, o ouvia falar de Houdini e Claudel, prestidigitadores capazes de tornar Deus ainda mais pobre de si. Talvez a poesia carecesse de demônios mais audazes, que não se esgotassem em ansiedades tão vulgares. O menino então via em Aquilino uma negação de toda fajuta aspiração de seu irmão. Não lhe era um deus, propriamente, mas antes a aventura do reconhecimento, do proveitoso diálogo quase consigo mesmo. Não deixava de ser, já se sabe, um desconto em relação a tanta obscurecida vertigem.

— *O tio não vem...*

Pequeno Ansioso era tomado por uma incerteza dos diabos. Nada possuía sabor ou textura definida se acaso em uma manhã

miúda faltasse ao encontro ele ou Alfredo. Resmungava em voz alta, batendo em tudo que achasse pela frente.

— *O que encontro em um livro pode ser apenas farsa, sua própria farsa. Quando se atea fogo ao corpo de alguém o que queima é apenas o que lhe dói, o que perde, o que sofre. Nenhuma morte significa além da dor. Não morro dos outros. Morro de mim.*

O menino vivia na beirada do trágico e seu relicário de últimas possibilidades. Pouco se interessava pelas glórias da inquietude. Hegel, Descartes, quaisquer dos anjos caídos, sentava-se à mesa com todos, desde que o diálogo estivesse acima da languidez ou da felicidade envaidecida de si. Quase nunca ria. *Não há mais jeito em ser que sê-lo*, dizia. Era um fedelho de apenas treze anos. Já não suportava ter que ir à escola. Ajuntava-se então aos baderneiros de toda ordem...

— *...uns tontos que respiravam ar melhor que os presbíteros da turma. A felicidade sobra de todos os lugares. Ninguém a alcança. Habitualmente somos uma ou outra vertente.*

Pequeno Ansioso não pretendia levá-las em conta. Recusava-se a aceitar que a vontade de ser não passava de um elemento apedrejado pelo acaso.

— *O tio virá amanhã.*

19

Mãe Dolores agitava-se fagueira pela casa. Cuidava de tudo. Seu íntimo lapidava com sobressaltado tino uma fonte de inquietudes. Ou estava ali para ser o farol de todos nós. Passava as mãos pelo corpo inteiro. Às vezes agarrava uma parte do vestido, sôfrega, quebradiça, como se exumasse algo em si. Era uma mulher de desvãos, dentro e fora, por todas as estrofes mínimas do espírito. Pulava de um ponto a outro de sua vida. Ria, dançava, faceira e contagiante. O que havia de errado ali? Em qual labirinto se dá a litúrgica composição dos seres?

— *Menino bobo. Pensa que estás aqui. Sabes o nome deste pintinho?*

Descarnava a sofreguidão de Pequeno Ansioso.

— *Parte alguma.*

Me importunava desconhecer a condição de seu pensamento. Decerto era minha a insuficiência. Onde então aquela mulher existia?

— *Posso morder com força?*

Os dias não suportam a estabilidade, tremem assombrados como se diante de um monastério de resignações. Mãe Dolores emaranhava-me os dias. Minha vontade de ser treinava com o imprevisível e o improvável. Naquela idade tudo me parecia vir daquelas coxas. Na entranhável forquilha dormitava toda a realidade alcançada, furtiva e fustigada.

— *Uma porção de amor pode fazer um homem acabar com a vida. Um pensamento forte, o cheiro bom que tens em teus dedos, uma sentada, umas palavras, um jeito de atrair o danado, pronto. Eis o homem aqui em minhas mãos, me amassando e amando.*

— *Sem nem saber disto?*

— *Não há consciência no amor, docinho.*

Enganava a si mesma, não havia dúvida. Mas qual a inspiração do disfarce? O menino sondava a fixidez dessa abstração, com o esmo possível de percepção que uma sequência de cenas propiciava. Mãe Dolores surgia desaparecia ressurgia a um diminuto estalar do receio de ser compreendida.

— *As pessoas se tornam loucas, confusas, incertas, erráticas, espantosamente anônimas. Todos os desvios são dados como inevitáveis. Até parece que o único sentido alcançado pela experiência humana é o inevitável. Então por que se queixam de seus erros? Por que se julgam uns aos outros, solapam tramas, esmiúçam pretextos? O que são os acessos de Deus? Crime, insanidade, baixeza, intriga, insegurança... Não. Apenas a agulha do inevitável. Beleza, amor, entrega, renúncia, ascese... Nada. A droga do inevitável. Deus é o grande tormento? O não-significado sagrado de todas as coisas? O momento em que não importam tempo e lugar? ...mas se Deus rejeita toda compreensão..., de seu poder ou de sua insuficiência! Deus acaso não combate a si mesmo? Ou não passa da bosta do inevitável, que não se permite ser nada?*

Mãe Dolores mal cabia no olhar. Naquela manhã estava tomada de uma entranhada e confessa confusão. Seguia falante, da cozinha ao quintal, filosofava aos tropeços. Eu a seguia, como um coroinha capturado pela falta de fé. Subimos pela árvore e fomos dar no telhado acima da lavanderia. Não parava um minuto de falar:

— *O que tenho sido para Deus não é o que tenho sido para mim. O assédio de tantas vozes que querem me afastar do que sou, qual deus pode querer isto para si?*

Agarrou-se a mim, de súbito e quase em prantos, o rosto se desfazendo. Parecia uma mulher perdida de si, sem mais uma gota de nexo. Quase sempre eu tinha a dificuldade de saber se estava com ela ou com outra. Aquela era a primeira vez em que me parecia não haver ninguém. Nenhuma delas. E do olhar extremamente vazio saltou o gesto que me empurrou dali do alto. Ao inclinar o corpo, já sem apoio algum, senti umas mãos firmes agarrando-me pelos pés. Me vi dependurado e ao resto do mundo ainda mais desalinhado do que sempre me parecera.

— *Quantas Dolores em mim Deus quer para si? Não tenho tantas assim para dar. Quero amar um homem e até morrer dos caprichos desse amor. Quero dar voltas e voltas e estar sempre amando.*

Seguia ouvindo aquela novena de tormentos, de ponta-cabeça, braços ridiculamente pendidos, combinando apenas com uns clamores desentoados:

— *Mãezinha, me tira daqui!*

No fundo, sabia que não havia nada ali para me salvar. Olhava para o chão e pressentia que a altura não seria o suficiente para me matar. Vinha-me à mente as trágicas sequelas de uma queda tão idiota.

— *Não quero ser o que queres de mim! Te afasta daqui! Deus, o que se passa...!*

Mãe Dolores urrava, chorava, agredia o invisível, bradava, mas felizmente não me largava os pés. Aos poucos, bem aos poucos, foi se recuperando, retornando e percebendo que estava com minha vida em suas mãos.

— *Ah meu menino, eu disse que jamais te faria mal. Como posso ter chegado a isto? Não posso com...*

Antes que concluísse ou caísse em um ardil qualquer da aflição, beijei seus lábios. E novamente beijei-lhe os lábios. E uma vez mais lhe beijei os lábios. Era ela que estava ali, rediviva, lambuzada de irreflexão. Com os lábios prontos para serem beijados.

Pequeno Ansioso detestava a escola. As horas passadas ali significavam livros a menos lidos na biblioteca do pai. Entre as centenas de livros e revistas, sem que o soubesse, ia avolumando na memória os devires essenciais da existência.

— *Hora da aula, Pequeno.*

Adoecia. Faltava a respiração, murchava os olhos, caía de si com jactanciosa preocupação. A leitura lhe era uma melhor comunicação com o mundo. A perplexidade do dia era um abismo sem interesse em si mesmo. Nas leituras firmava uma dedicação potencial pelo desvão das coisas.

— *Meu filho, seus amigos perguntam por que não vai à escola, por que não brinca na rua...*

— *Quem fala?*

— *Sou eu, Pequeno.*

— *Mãe?*

— *Sei que estive pouco contigo. Teu irmão requeria cuidados intangíveis. Não podia ser de outra forma, meu filho. Não elegemos sequer a dilaceração. Parece que não damos um passo à frente, que tudo é reserva e quitação. Cuidei de um filho que seria perdido, ao passo em que lentamente agora perco outro do qual deveria ter cuidado. Nem sei ao certo com quem estou falando. Uma mãe não pode ser rigorosa com sua honradez. Rendemo-nos à estupidez mordaz do instante. Creio que somos vítimas plantadas, deve ser isso.*

— *Sabes tocar piano?*

— *Não, não quero falar nisto.*

— *Tocas ou não?*

— *Não, meu querido. Não toco mais. Não posso tocar mais nem mesmo no assunto.*

— *Então não vou à escola, nunca mais.*

— *Não faças isto comigo. Sei que não tenho sido boa mãe.*

— *Nunca mais.*

— *Teu pai já volta de viagem, Pequeno. Terás que seguir em teus estudos.*

— *Nunca...*

— ...

O diálogo era mesmo improvável. Pequeno Ansioso agarrava-se às páginas de Swift e desconhecia a mãe surgida à frente. Nunca houve aquela mulher, porém a desejou como o que de mais sagrado poderia haver na vida de uma pessoa.

O quarto de Mãe Dolores arrumava-se de maneira incomum. Há dias eu não me aguentava, corroído pela inexatidão, fuzilado pela estranheza. Com tudo de mim eu era atraído por aquela mulher. E sentia-me como se arrastado para um ramo de abismos, uma descendência de agonias. Seríamos todos ceifados por uma crendice. Há muito a família já dava sinais de. Quando vi o quarto de Mãe Dolores tomando outro vulto, enfeitando-se à revelia do hábito, temi ainda mais. Ouvi sinos e logo pressenti decuriões encapuzados, o ar ondulando em incenso.

Apenas afastara a mobília para um canto. Só então percebi que um largo cano de metal varava o quarto de uma ponta a outra, na parede contígua à da cozinha. Ali havia duas correntes. A nova decoração concentrava-se na anunciação de um rito. Era um dois de novembro e graças à minha condição asmática eu seguia sendo poupado das lacrimosas visitas ao mausoléu da família, no cemitério Batista.

— *Entra, querido.*

Estava completamente nua, vicejante, descrita apenas por uma jactância mística, o céu em plumas de corvo, as letras através das quais percorremos salmos, um fino bordado do mistério. Como pode ser tão lasciva e inóspita a um só tempo?

— *Quero te mostrar uma coisa, um guardado.*

Um porão madeirado sob as mãos, miniatura de uma sala de ocultação. Caixeta talhada em voluteados traços. Um dentro de penas tão múltiplas que disparatavam qualquer olhada. Um rabisco do infinito das aves. Ao lado, outra caixinha, contendo minúscula pedra. Qual o significado de tudo aquilo? Que amparo buscavam aqueles símbolos diante da nudez luzidia de Mãe Dolores?

— *Não quero nunca mais te fazer sofrer. Tu és a minha pequena joia salva do mundo. Quero que me prendas naquele cano e que me ajudes a enxotar a desgraça que trago comigo, essa indesejável presença.*

Eis o que eu teria que fazer: acorrentar aquela mulher, escolher uma pena qualquer e usá-la sobre o corpo desnudo, despertando-lhe o viço, até que provocasse a sorradeira entidade, quando então, sem nada indagar, deveria apenas enfiar a pedra na boca.

— *Tão simples...*

Preparados os apetrechos, a pedra aguardando a hora, nos iniciamos em um culto que jamais imaginara. O riso afrouxando-se em contorcidas dobras do corpo, espasmos de uma alegria provocada, cujas reentrâncias me eram assustadoras. Havia escolhido, por motivo em tempo algum estimado, a pena de uma pomba-espelho, possivelmente atraído pelas incisões violetas em negra lâmina. Não demoramos muito a sós. Tinha que me controlar. A pretidão veio de vozes despejando insultos, desamparos, abjeções. Pensei o pior que pude e tentei me ajustar àquele patético clima de impropérios.

— *Your mother is a fat cow. All the women are here. Biblical flesh. Rotten flesh. Fathers and mothers and sons and daughters, everybody climbing together for all the eternity. It threads you in me, poor bastard, and you'll have my past and my future in your hands.*

— *O que queres de mim?*

Eis o toque sublime da tontice. Um levante qualquer me demoveu de uma tarefa tão simples: pôr a pedra na boca de Mãe Dolores.

— *You shouldn't ask me anything. I'm your shade, I'm your intrigue, I'm your mother. Fuck my body. You'll never fuck my spirit.*

Senti-me inteiro enredado, limado pela vileza do rito, culpável. Como alcançar a divindade e desarmonizá-la? Há momentos em que o ímpeto descrê de si mesmo. Olhava a pedra ali aguardando por sua função.

— *Não és minha mãe...*

— *Flesh is mother.*

Dizia isto e abria as pernas assediante. Queria meu gozo, a imagem sofrida, o salto no impossível.

— *Não és nada. Não reconheço teu vulto. Não poderás jamais ser o que não aceito.*

— *Fuck my body...*

Queria representar-me por inteiro em seu jogo. Não sei que forças eu reuni para a ruptura, possivelmente a maior delas: o abandono. Foi o que fiz, afinal: entreguei-me àquela pedra inserida bem fundo por entre os lábios de Mãe Dolores.

— *Fuck you...*

Bradava com todo o corpo. E embaralhava os selos de seu abismo.

— *...Noi prosciugammo intero le forze del dio... Je n'écris pas mes viandes pour votre rise...*

Engasgava, tentava cuspir a pedra, contorcia-se. O corpo se debatia com tudo o que lhe era possível.

— *...Votre douleur... Ich bin lhr Schmerz...*

As pernas iam ao mais alto, incertas, rasgadas. Peleja em seus tropeços o encosto desgostado, ferido, decaindo.

— *I'm your pain... Tengo el deseco de un mundo sin recusas ... As sobras, as sobras de Deus...*

— *Que Deus buscas agora?*

— *...Idiota senza cominciando...*

E desfazia-se, escrita mínima, sumindo, os vitupérios já dissipados, toda aquela babel agonizante, a pedra embaralhadora de sentidos, a língua confundida, o absurdo de ser todos contra um só, contra cada um. O suor fluindo por toda a Mãe Dolores, um banho de forças.

— *Schmer...*

Escoava-se, não importando para onde fosse todo aquele dobrado da ansiedade.

— *Me abraça com força, meu pequeno.*

— *Quem és?*

— *Não te assustes mais, meu menino...*

A mulher estava ensopada de suor. Pequeno Ansioso chorava, chorava, como se diante de um desejo inacabado.

— *Um beijo. Vem me dar um beijo, vem.*

Deixou-se então acolher entre os seios de Mãe Dolores, soluçante.

— *Me tira dessas correntes...*

(Alguma conclusão diante de todo aquele horror? Não era boa hora para isto. As conclusões vão se dando com o tempo. Vão também se perdendo, e raramente aceitamos que de nada valem. Apenas a mais vulgar literatura explica-nos o que foi fortemente expresso por aquele corpo decomposto em falas alheias. Ermos da credence? Com que espécie de vitalidade um rosto se oculta por trás de seu rosário de falsa moral? De que se ocupa a beleza quando não nos recebe em sua casa? Eu preferia o gosto do puro cansaço, o desuso de certas figuras de linguagem, a morte de um ente querido. Deixo que o abismo me tome pela cintura. Não é outro o meu

emprego: narrar o alcance da vertigem e dos gestos mais cortantes. O narrador jamais será espectador de si mesmo, porém terá que iludir o suficiente para que a vida de cada personagem não lhe desaprove o sobressalto diante do espelho da cena.)

— *Abraça tua mãezinha com força. Nada mais de ruim vai te acontecer.*

Ainda havia incenso queimando. Por entre os dois corpos já não se sabia o que corria mais, lágrima ou suor, a cena consistida pela imunidade plena do sal, logo pontuada pelo invisível pleito da sede.

— *Tonto. Que fazes aí todo vestido em cima de mim nuazinha? Deixa eu tirar essa roupa e te dar um banho.*

Era ela mesma, inconfundível, virtuose da sedução, astuta por todas as partes, gozosa maroteira. E lá se foram nus em direção ao quintal. Banharam-se por boa parte da manhã no último dos tanques de peixes, por uma vez quase única. Coxas e pernas pontilhadas por acarás-bandeira em defesa de seu território. Também os amantes se beliscaram entre si, redescobrimo cada mínimo tecido esgotado. Batismo tópico. Repetidas vezes, até que cessasse toda vontade. Enquanto o resto da casa pranteava por seus mortos.

V – ESCURIDÃO NUMINOSA

Ouviu a campainha tocar ao longe. Buscava refúgio sempre nos livros, uma intrigante caravana a prover-lhe os treze anos de vida. Cedo ainda para se investigar a forma última das coisas? Corre-se o risco de espatifar-se bem diante da própria forma, sem tocá-la por um momento sequer, como se às voltas com uma miragem. A forma última das coisas reside em seu contrário.

Era mesmo a campainha. Pequeno Ansioso ia encerrar a leitura e caminhar um pouco pela casa, fazer a ronda pelo exterior insensato da vertigem. Aqueles últimos dias foram de uma angústia tortuosa. Desfazia-se na resolução de uma ínfima equação diante do abismo: por que o viço de Mãe Dolores havia perdido os traços, a nervura do encantamento, desde que as manhãs se fizeram sem a presença de Alfredo Aquilino? Indagava-se:

— *O que não se tem será sempre um signo do desfalecimento? Uma condição desfavorável acaso não se deixa alimentar pela outra face? A partir de que são escritos os livros?*

Perambulava pela casa, envolto em reflexões. Próximo à cozinha, diante de um espelho, a esmerar-se no penteado irrepreensível dos raros fios de cabelo, Alfredo Aquilino postava-se imperioso em sólida displicência acerca do que se passava à volta.

— *Tio!*

Jubiloso aproximou-se, quase em êxtase redivivo.

— *Pensei que não viesses mais. Estava a pentear os cabelos matutando sobre o que fazer desta manhã.*

Pequeno Ansioso debatia-se, tentando escapar do naufrágio. Alfredo Aquilino desviou o olhar em direção à velha cadeira de balanços. Recuou e sentou-se.

— *Estive escrevendo algo.*

— *Disseram-me que estavas doente.*

— *Quem sabe doente de Deus..., de seus gritos em minha cabeça. Doente da intolerância de Deus... Certas armadilhas demoram a ser desarmadas. Temos que nos deixar capturar, para então destruí-las, quando se tornam confiantes e displicentes. Assim parece ser com este senhor que me atormenta. Talvez não passe de um ogro errante ou de um matuto cheio de si. Já imaginou descobrir-se cercado de absolutamente nada? Nada, nada mesmo. Estou bem aqui e não há nada ao meu redor. Não posso perder-me ou perder o que seja. Não posso salvar-*

me ou salvar coisa alguma. Simplesmente não há nada para se fazer. Esta é a prestidigitação em que se agarra este mago ordinário, entregue a truques banais, tramoias sem substância.

— O que estava escrevendo, tio?

— Nada. Inevitavelmente nada. Fiquei pensando em como ultrapassar a lei de Deus. Arranje alguma coisa para anotar o que vou dizer, rápido, antes que passe.

Pequeno Ansioso apressou-se em criar as condições para o êxito do acaso.

— Na vida não há limites para a dor e não há nada que não esteja em jogo. A própria vida se põe em perigo e delicia-se com desregramentos. O infortúnio não é senão um instante, uma das possibilidades do jogo. Anotou?

— Pode di...

— ...estou para estourar o crânio do juiz. Não quero unir-me a seu desapego pela vida ou tornar-me redutível a seus humores. Vacilo. Como se pode rapinar desejos alheios! Não há limites para o próprio desejo. Posso amar, apaziguar-me, debater-me em agonia, rir a consumir todo repouso, desvanecer-me. Mas dedicar-me a afanar o desejo de outros...

— ...é isto o que Deus faz?

— Escreve: uma mulher reencontra-se com um velho conhecido. Com ele está um companheiro de aventuras. Os dois estão de partida para uma longa viagem. Embora surpreendida pelo convite, a mulher aceita seguir com ambos. Em todo o percurso eles se descarnam, por dentro e por fora, como forma de questionamento daqueles preconceitos mais agarrados à pele do tempo. Além disto, imaginava pôr tudo isto em verso, dando ao texto uma indispensável tensão trágica. Pensava em montar um triângulo amoroso, armado a partir de uma ideia difusa que cada personagem tinha de si e dos demais. A vida não mais entendida pelo prisma dual, buscando uma terceira face.

— Anoto isto?

— Não. Não mais. Toda viagem é longa, algumas intermináveis. Os dois rapazes românticos queriam o mesmo de sempre: descobrir o mundo que traziam dentro de si. A garota detalha os bastidores dessa aventura. O desejo reparte-se em gênero ou em grau? Era o que tinha em mente. Combinar gênero e grau em uma aventura de adolescentes.

— O que houve, tio? A avó já virá anunciar o almoço. Conta o que houve com tudo isto.

— Dava uma caminhada pela praça e peguei um jornal para ler. Sempre leio os jornais na banca do Oswald. Tinha ali uma entrevista com meu irmão, em que falava de um novo livro. Eu havia lhe contado minhas ideias, havíamos conversado sobre alguns planos. Confidenciou-me umas aflições em torno de suas manobras literárias. Arrisca-se demasiado no arranjo que faz para a obtenção de prêmios. Endivida-se a dar festas. É um parasita bastante empenhado. Sempre o recrimei por isto. Agora o leio, insolente, a falar do novo livro. Tudo me parecia muito próximo, estranhamente íntimo. Falei com o Oswald: — Já tens o livro? — Sim, está aqui. Li cada palavra. Arrebanhou as ideias, porém desconhecia que o cercado, a demarcação de território, possui vários significados, entre eles o da usurpação e o da conquista. Não escolheu nada que lhe desse muito trabalho. Pura e simplesmente apossou-se de meus rabiscos mentais, certo de que a arte é feita tão-somente de ideias. Salafrário e bobo.

— Onde está o livro?

— Deixei com o Oswald. Era dele. Está certo que as ideias não têm dono. Pensamos e pensamos. O que realizamos é forma sobre o pensamento. Ação é forma. Se abro um jornal ou converso com alguém na rua, recolho ideias e dou-lhes forma. Somos todos ladrões uns dos outros. Perguntei ao Oswald. — Acaso sou um ladrão?. O coitado não soube o que responder. — Estou sendo roubado, Oswald. Isto faz de mim um instigado ladrão? Entendeu menos ainda. Me entendes tu?

— Entendo que Deus não é Deus. Entendo que não consegues descobrir um grito. Entendo que o tio Anselmo publicou como dele uma ideia tua. Entendo que matarás a ti e nunca a ele.

Sem o saber de todo, Pequeno Ansioso retirava o esmalte do insustentável enigma.

— O tio irá matá-lo?

— Não tenho virtude suficiente para isto.

— Bater nele?

— O infamante acaba sendo o infamado. Não... Sim... Não consigo pensar em bater em ninguém... O que uso para matar uma pessoa?

— O tio pode pedir a alguém...

— Posso escrever tantos livros, ter tantas ideias.

Calava por segundos, como se articulando novos gestos, convocação cênica, tudo em indisfarçável sigilo.

— Falta uma música aqui. Minha irmã não pôde uma música para nós. Não deve fazer ideia das ondulações sonoras da vida.

— Quem dá por conta disto?

— É verdade. Que importa se um irmão me roubou a ideia de um livro?

— Não...

— Sim, meu garoto animoso. Tudo deveria ser um reflexo de errâncias. Deveríamos aglutinar beleza e horror a cada mínimo gesto. No entanto, tomamos de nós mesmos, a todo instante, o que ainda não conquistamos.

— E o que aprendemos com os dias...

— ...o que se aprende, de fato? Não vivemos mais em função de uma constatação do que não sabemos? Bosta, o que deu em Anselmo?...

— O tio Anselmo precisava disso?

— Quem precisa provar o que é? O idiota acorda destinado a ser apenas uma insignificância qualquer. Imagine alguém preparando desde a noite anterior um assalto. Qualquer ladrão quer apenas usufruto de algo. O mundo está aquartelado por ladrões. Não há mais nada que se pense ou faça que não possa ser pescado por alguém ou, o que é pior, usurpado por uma central motriz que se considera uma revigorada casa de ilusões. A circunstância foi convertida em um estado perpétuo de fraudes. Sou preciso em meu esquema de alucinação, assassinio ou direção de uma peça de teatro. Não busco uma visão plena do mundo, mas antes um emaranhado de tramas, onde um equívoco justifica o outro, uma cadeia de fraudes.

— Onde matar é natural?

— Matar é natural. O que não é natural é a pormenorização da morte. A morte feita, a morte aparente, a morte reflexa.

— Lá vem a avó.

Não houve como seguir no assunto. Alfredo Aquilino demorara-se bem mais no encontro permitido com o sobrinho. A irmã declarara ao médico que ele se sentia muito bem ao balançar-se ali e contar histórias ao menino. De retorno após uma larga ausência, em função de crise que o fizera amordaçar o carteiro no banheiro e fugir disfarçado de uma clínica, não parecia propriamente um dissidente da razão, mas antes alguém afligido por seus conceitos irrefutáveis.

— A loucura não é uma forma da beleza. Nem mesmo é seu fulgor.

Não havia como escapar. Era quase meio-dia.

O início das noites era um novelo único. Mãe Dolores contava histórias. Pequeno Ansioso lia para ela algumas passagens secretas daqueles livros todos.

— O que tinha a avó ontem?

— Acordou de madrugada com um barulho. Percebera alguém mexendo na geladeira, um homem procurando comida. Havia entrado por aquela janela ali. A avó disse que era feio entrar assim na casa das pessoas. Fez com que ele sentasse e lhe preparou algo para comer. Conversaram o necessário, até que se fartasse e fosse embora. De manhã, um policial bateu à porta. Queria permissão para revistar a casa. Um criminoso havia fugido da prisão. A avó garantiu ao policial que não ouvira ou vira nada. Ao fechar a porta, foi ao quintal e viu ainda ali as grandes e fundas marcas dos pés do invasor. Foi preso no dia seguinte. Os jornais diziam que já matara mais de vinte pessoas.

— A avó lhe deu comida?

— Diz que conversou um largo tempo com ele, e até ofereceu umas roupas velhas do avô. O homem não quis nada, só comer. Quando a avó soube da prisão, tremeu-se toda. Não fazia ideia do tamanho daquele desabuso. Nem comigo, coitada. A avó também me deu guarida, coisa que não esqueço nunca.

— Também fugiste da cadeia?

— Não, mas deveria ter ido para lá se a avó não me ajudasse.

— Quero saber.

— Outro dia, querido. Dá aqui um livro. Lê uma coisa bonita para a Mãe Dolores.

O menino mesclava um pouco de cada leitura, somado à incurável imaginação. O livro aberto era só um paramento.

— Gotardo ouvia muitas vozes. Onde morava o conheciam como o velho das vozes. Era uma figura toda recurvada, e mais parecia arrastar-se pelas ruas. Sabia de tudo o que se falava em toda a aldeia. Não pelo vício da espreita. As vozes vinham todas dar com ele. Achavam-no, onde estivesse. O que para uns parecia um dom, para o pobre Gotardo era como se algo houvesse falhado em sua vida. Deveria gritar, mas não aviava um único ruído. Ao contrário, era assombrado por vozes de toda sorte. Ouvia confissões veladas, ameaças de morte, declarações de amor, rompimentos de acordo, a aflição de meninas

curradas, blasfêmias, gozos, subornos, represálias, cânticos, bazófias. Nada lhe escapava ou evitar podia.

— O coitado era mudo?

— Não. A voz só lhe faltava ao tentar remediar o que ouvisse. Como ouvia de tudo, só conseguia falar de si.

— Será que ele está ouvindo a gente?

Ria, enaltecida pela inocência.

— Eu te ouvi essa noite gemendo enquanto dormias.

— Foi um sonho teu.

— É verdade que a mãe vê assombração pela casa?

— Como sabes disso?

— Devo ter algo de Gotardo.

— Não sei se é assim. A mãe vê sempre uma mesma aparição. Uma mulher silenciosa que surge no meio da noite, de seu lugar nenhum, encaminha-se até ela e fica ali por um tempo.

— A mãe fica com meu irmão a noite inteira acordada?

— Ele é insone, Pequeno. É parte de sua doença. A visão dura alguns instantes, sempre medidos. Depois se vira e segue até um determinado ponto daquele quarto. Indica com a mão algo sob o piso abaixo do guarda-roupa. O sinal também tem seu tempo preciso. Logo ela se volta e desaparece parede adentro, pelo mesmo lugar de onde surgira.

— Isto não é um sonho?

— Não. A mãe está sempre ali, cuidando do filho doente. Talvez seja o fantasma de alguém que guardou um segredo e agora quer recuperá-lo. Talvez um tesouro. Onde nasci as mulheres, algumas mulheres, recebiam sinais de botijas ocultas sob o chão. Escavavam e encontravam guardados valiosos. Um entregavam tudo à igreja. Outras cuidavam melhor de si.

— O que fez a mãe?

— Nada. O pai não acreditava nessas coisas. Não quis cavar nenhum milagre para sua vida. A aparição foi se desvanecendo até sumir de vez.

— Não é engraçado? Nossas histórias são sempre uma escassez da vida, um cúmulo de impossibilidades.

— Nos livros também?

— Mas não deve haver diferença entre o que está escrito neles e o que vivemos. É que nem sempre compreendemos o que se passa conosco.

— Os livros não são histórias?

— Tanto quanto a vida. Se digo que Gotardo é um tio meu e que li em um livro a história de um tal Alfredo Aquilino, o que muda?

— Assusto-me com uma coisa e divirto-me com outra.

— Li em um livro: Heitor retornava para casa com sua jovem mulher. Um acidente de trânsito forçara-lhe um aborto. Abraçado a ela, enquanto um cunhado os trazia de volta do hospital, não percebeu estranheza alguma até ouvir a sentença gutural proferida pelos lábios da mulher – Matei um filho teu e matarei quantos teimes em fazer –, tudo em um estrondo momentâneo de sentidos. Assustara-se ainda mais ao reconhecer na esposa a voz de Berenice, com quem primeiro vivera. De onde a fala? De onde o fato?

— Eu conto as histórias que aconteceram. Não quero saber... desse sumiço que dá na gente. O que fazes agora é provocação, não quero saber mesmo. Eu tinha esse sumiço e quando voltava... não sabia por onde andara. Não quero...

— Mas isto é uma história ou é tua vida?

Agora sim, provocava, explorava a súbita disfasia, um disparate de queixumes.

— É tudo junto. Mas não sei de onde vem. Uma mulher me disse uma vez que eu seria a protetora. Dizia assim, destacando bem: a protetora. Só conseguia me apaixonar por homens casados. Era um ensaio de inferno: constrangimentos e dissimulações. Vivia um enxame de relações frustradas. Recomeçar passou a ser o aspecto mais odioso de minha vida. Dei-me a bonitões de toda sorte, andantes, párocos, salafrários, matreiros de casaca. A todos protegia contra mim mesma. Precisava de uma escuta, evocar a natureza de uma escrita ulterior. Uma outra mulher me disse ser uma combatente de homens. Seu nome era Berenice. Já sabias disto, droga.

— Juro que não.

— Que nada.

— Sério, Mãe.

— Eu disse a ela que queria sua guarda. A partir de então dei de ser sumidiça de meus atos. E o dia a dia recolhia as mortes sorteadas pelo escurecimento de minha memória. Fui sumindo de mim e ressurgindo informada de um perturbador extermínio. Três mortes. Gente que nem conhecia direito.

— Não sabias fazer algo?

— Minha mãe me ensinara a cozinhar. Os melhores temperos, sem mesmo dar por conta.

Na verdade, indagara sobre alguma providência que lhe parecesse urgente tomar, porém deixou a conversa tomar um outro curso.

— *Foi como dei de trabalhar. Estava há uns dias na casa de uma amiga da avó. Ela estava lá. As duas conversavam sobre desconfianças. O marido merecia a morte que lhe dei, que alguém em mim lhe deu. Mas só me lembro dele querendo me amarrar, um mal hálito horrível, os olhos famintos saltando sobre mim. As duas mulheres chegaram ainda ao quarto com o jorro de sangue.*

— *Mataste o velho?*

— *Eu me recobrava e me recobria, pasma, gaguejando inconsciência ante a indiscutível cena, pontos arroxeados no corpo, a faca de cortar papéis ao meu lado. Ouvi a voz da avó, surpreendente: — Deixa ela ficar comigo. O que a avó viu em tudo isto, em mim?*

Pequeno Ansioso põe a mão de Mãe Dolores em seu rosto. Leva-a de um lado a outro, descendo ao pescoço, dando-lhe volta. Não ouve nada. Segue guiando-lhe a mão a caminho do umbigo. Passeios circulados. Mansidão improvisada. As duas mãos descendo, já cúmplices, quase uma só. As pernas se abriam como um portal do fogo, ansiosas pelo ritual. Dez dedos encostavam-se pelas bordas. Era tudo o que havia: bordas e dedos. Nenhuma voz sumia ou ressurgia. Nenhuma visão dava-se em estardalhaços. Nenhum crime sonhado ou relatado no engodo da memória. Não havia descuido. Era transvasada por um hino, suores, uma recitação do inferno, gemia...

— *O que quero que comece aqui...*

Era nada. Os dedos passando em triunfo, um círculo de desafios, ir e vir, lábios soletrando cada mínima narração, vigília do abismo, a escrita não é nada até que lhe assine o júbilo, leis sagradas, sofismas, meandros da profanação, não importa. Os dedos se ambientavam e dentre eles um mais aguerrido distinguia-se investigador. O que teria ali? Quantas vezes o infortúnio repete a mesma palavra, uma só, a mesma, a irritante, nunquismática? Melhor não saber. Seguiu friccionando, mesmo assim. Mãe Dolores contorcia-se, vibrava as pernas, o corpo inteiro, sofria constricta, agarrada com todo o sexo a esse ritual purificador. Nenhuma folha tardia, uma fala que tenha fugido ao ponto, bem dada, querente de que tudo passasse por si. Justo ali. Só um corpo deitado. Que história melhor contar? Era noite já grande, então.

Nada do que houve aqui seria aceito como um último encontro entre Pequeno Ansioso e Alfredo Aquilino. Como afastar o havido de seu contexto? Dizer-lhe apenas *isto se dá* e expedir outro assunto? Quando a dor é flamejante ela vulgariza a moral.

— *Cada dia me é mais difícil. Anselmo se esmera em me mortificar. Pode descrever cem espécies de monstros em que me quer converter. Sei que pode, e já tenho pela casa de cinco ou seis dúzias. Quer um monstro que procure, outro que se arraste, o adorador de sofrimentos, um simplesmente destruidor, um monstro desmemoriado, outro que se orgulha de sua voracidade, o que se disfarça e a todos confunde, um que marca suas vítimas, outro que não faz nada sem testemunhas, o que fotografa sua coleção de peles humanas, um. Não passa de mórbido prazer enumerativo. Esquece que também posso divisar o refúgio de suas fraudes. Sou mil vezes mais o que ele pode ver em mim, e cada um destes pode vislumbrar as centenas de vezes em que o poeta mal consegue ser a própria sombra.*

Tudo aquilo requeria uma pausa, um átimo, para que não desatinasse de vez. Alfredo estava transtornado. Era uma manhã de segunda-feira. Na tarde do domingo ouvira a avó ao telefone retrucando algo em torno de uma visita que Anselmo havia feito a Alfredo. Os irmãos não leram fraternidade alguma (nunca) um na palavra do outro. Não coube hipérbole ou eclipse redentora. Tampouco sobrou nada por decifrar. Não houve como Anselmo agir apenas em função do texto, segundo um velho hábito.

— *O que houve, tio?*

— *Jamais pude criar-me em paz. Tenho carregado sempre a sombra marcada de um reles versejador. Se digo não chorem por mim, pois estou sempre indo, ele transcreve em medíocre palimpsesto: não chorem, pois estou indo. Não tem sequer a medida do que rouba. E me persegue por isto, por não saber dar ao texto um conflito indispensável. Diz que sou imoral, e me classifica, me inclui entre criaturas desequilibradas, intrigantes, machucadas pela impotência.*

Agitava-se na cadeira. A irmã indagou se havia algo de errado. Pequeno Ansioso pousou a mão em seu braço e disse à avó que tudo estava bem. Sabia que a discussão com Anselmo dera em sopapos, rapidamente controlados por enfermeiros.

— Quantos números pode arrancar de mim? Quantas máscaras, quantos infelizes disfarces da própria imagem? Olha para mim como se para si mesmo. Não quer de mim senão o que não tem. Sou a refeição diária desse demente. E se pinta mal, ainda que seguindo o modelo, tirando a lápis sobre o papel manteiga. Vinga-se então transferindo para mim a sorte que lhe foi reservada. Esquece que não há sorte reservada. Rasga-se um texto em plena conversa. Nenhuma utopia resiste a pormenores.

Ia falando e se agitando ainda mais. A avó se aproximara.

— Tens que ser mais forte que ele...

— Não me deixo apanhar como em uma festa. O que estou... dizendo? Uma roupa para vestir? Sobra. Um livro? Já sabes disto. Uma compota de doce? Sinto-me encantado pelo permitido. Há irmãos que não vejo há dez anos. Fogem até do assunto os demais, quando indago sobre eles. Uma girândola de enganos. Tornaram-me perpetuamente satisfeito no domicílio da classificação. O que escrevi? Sabes o que é o cúmulo de alguma coisa? ... Domínio é perda. Não estão me dando nada deles. Estou conquistando a partir do momento em que me tomam. São convenientes. Sou apenas o que sou.

Erguia-se da cadeira, a mão esquerda enfiada no bolso, sacando o pente. A irmã reconhecia os sinais de crise. Penteava mecanicamente os cabelos.

— Não há ordem construída a partir da perda. Tomam o que bem querem de nós. A linguagem confessa a impossibilidade diante do real. O que tenho escrito? Uma essência desfigurada duplamente pelo mediocre Calamares, o poeta querido por todos, autor de desqualificadas momices, de molambos estéticos, rasuras, farândolas em remendos... Que grande porcaria estúpida de longevidade busca o homem se não suporta a si mesmo? E quantos monstros sou?

Fixava o olho na irmã, quase explosivamente, enquanto seguia indagando:

— ...o monstro que decepa enfermeiras, que ilude as próprias irmãs, o que negocia com chamuscas, que força os homens ao luto, o antigo pedinte de sacrifícios, que mata nem que seja de desgosto, o que recolhe as atas de todos os conclaves, que entorpece crianças, o estridente ganhão de lâmpadas...

Penteava os cabelos e seguia naquela cantilena sem fim. Minutos depois que a avó discara um número o toque da campainha assombrou a casa de um branco temível. Eram três os enfermeiros

que vieram buscar Alfredo Aquilino. Não deu, contudo, o mínimo trabalho à abjeta operação.

— *...o que ensaia proporções, que se julga célebre, o irreconhecível, aquele que se compraz simplesmente em forçar alguém a recuar, o habilidoso que faz com que todos desacreditem em suas ameaças, o que em momento algum solta as rédeas...*

Fiquei comigo, sem um pleno termo de vida. O que vi ali me desabrigou de tudo o que me... ia dizer *me ensinaram...* o que aprendi. Serão assim todas as famílias? Não? Haverá uma ou outra que saiba apagar as pistas até mesmo internamente?

— *...o que torna o impossível um brinquedo, o que não dispensa uma criancinha, o obscuro que favorece outros crimes, o deus esverdeado cinzento sorridente venerável que não passa de um filho de uma porca, o sucessor de todos eles...*

25

As histórias são escritas pelas mãos do egoísmo ou da piedade? Que maldita falsificação do ser buscam atrair? São a imposição de algo ou a exibição de queixas? Distribuem papéis e aspirações, enovelam tramas, desencadeiam complexas semelhanças. Levam o tempo inteiro a deduzir ou comentar que a vida era pouca ou errônea ou impossível. Como se tudo não passasse de um resultado desta ou daquela simulação de tramas, sua conclusão e psicologia apregoadas. *O homem não passa de uma história, de sua forma literária de ver o mundo, obediente a seus caprichos, emparedado por ela, atormentadamente previsível* – dizem umas. *Não faz nunca nada por si, pela existência entre homens* –, concluem outras. O que diz Hamlet: *Vejo a morte iminente de vinte mil homens que, por uma fantasia e um jogo de glória, marcham a caminho de suas tumbas*. Trata-se aqui da história do homem. O personagem nos faz entender que estamos dentro e fora de cada um de nós, fora e dentro de cada história. A história do homem só existe por ser a história do indivíduo que não perdeu a humanidade.

— *Não sei desde quando me chamam Dolores. Há muitas histórias em minha cabeça. Sinto-me desatinada por elas. Jamais soube de meus pais. Não localizo a vontade de viver senão em meu sexo. Creio que é o que me faz gostar de mexer todo o corpo, um arrepio de dançar. Nunca penso na realidade ou na*

alucinação. Há sempre uma música tocando em meu juízo. Gosto de ouvir o menino lendo aquelas histórias. A música pára um pedaço, mas logo fico pensando em pegar nele.

As histórias ruins denotam acaso uma falta de vontade do homem em relação a si mesmo? A perversão torna os livros juizes do homem, graças aos seres monstruosos que povoam os relatos?

— *Não me sinto diferente de outras mulheres. Nem parecida com elas. Às vezes me pego surpresa pela exatidão com que algumas buscam cumplicidade. O mundo é tão esquisito para que alguém se sinta igual a outro alguém. O mundo parece uma fábula. Uma composição de muitas vozes. Uma peça com mais personagens do que atores. Não sei quantas imagens de Deus consigo representar. Não damos nunca as cartas. Dizem que matei três pessoas. Não julgo certo ou errado. Eram personagens deploráveis. A esposa de um deles até me agradeceu, a seu modo, acobertando o crime, imaginando uma nova vida expressa no olhar e longe do infortúnio compartilhado com o cafajeste do marido. Deveria me sentir bem. No entanto, não tive consciência do momento daquelas mortes. Não sei de onde vêm tantos espíritos. Não os procuro. Tenho minhas rezas, pedaços de crença, um naco de uma e outra fé.*

Rimos ou desacreditamos das histórias. Porém não fazemos o mesmo em relação a nós mesmos. Por mais que nos identifiquemos com o personagem de uma comédia, não cruzamos nosso olhar com o da imagem ao espelho e dizemos: — *Quão patético somos!*

— *O meu menino me despertou uma ideia de personalidade. Queria descobrir a si mesmo através dos outros. E para tanto os outros precisam existir. Pequeno Ansioso me ensinou a ser para que assim se confirmasse a própria existência. Foi quando percebeu que eu fugia de minha imaginação, que não havia constância em mim.*

O que são as coisas que se passam na vida de cada um, senão um resíduo do entendimento com o mundo, um fragmento da aflição diante do desconhecido, partícula da obsessão por desvendar o improvável, um cadinho de petulância diante, a soma de tudo isto? As histórias, por melhores que sejam, não passam de. O mesmo se dá com quem nos conta cada uma.

— *Sou agradecida a Pequeno Ansioso por haver me descrito a bondade do mundo. Estou queimando de formas que não se assemelham entre si, que não escolho, mas que me recolhem. Sinto-me como alguém sem biografia. Menos que um demônio inferior. Por mim mesma não chegaria jamais à boca do Inferno.*

Por um inóspito amor próprio despertado pelo menino perdi minhas vozes, as vozes de outros em mim, e agora tenho que suportar o peso dessa ciência de tudo à minha volta. O próximo passo da aniquilação será convencer-me de que não posso mais ser personagem. Não haverá mais história suficiente em mim para isto. Não poder ser mais ninguém, exceto eu mesma. Não poder escolher o melhor entre o possível e seu reverso. Que espécie de mundo é este, em que sou salva de mim mesma por ser várias? Com o que me pareço e qual minha semelhança? Não suportei meus crimes nem meus amores. Senti-me a um só tempo medíocre e divina. Olho para o céu como algo infinitamente distante. Há condições suficientes na vida para que uma mulher se sinta humana... deve haver. Contudo, é desumano tomar-se de vários ou perder-se de si? Minha cabeça torna-se queimante. Talvez queira deduzir uma vida inteira, alcançar uma glória mínima da existência, um jазigo do orgulho. Não sou senão uma maneira de ser. Uma síntese dispersa? Intuo que não passarei jamais de uma enclausurada angústia, hóspede exemplar, a pérola de uma generalidade extensiva. É no que nos transformamos, os estourados de si. Como ser ao mesmo tempo o que acabo de deixar para trás e um personagem da história de Pequeno Ansioso? E se antes dele escrevem algo a avó, a mãe, a tia louca, o pai viajante, ou mesmo o espectro daquele irmão morto-vivo? Não há cuidadosamente uma vida inteira. O resultado da vida de qualquer um é uma súmula de bagaços. Nossas formas são dedutíveis e improváveis. Qualquer papel que eu tenha desempenhado alcança uma felicidade ínfima dentro do reino da história, e a extravasa quando influi em um relapso ou outro cometido pelo leitor. Não vou naturalmente me deixar influenciar pela mulher que me sinto hoje, livre de todas aquelas vozes, daquele caldeirão de tormentos alheios, mas antes pelo palco repleto de misérias humanas, pelo testemunho da queda, pelo artifício literário da cena. Não suportarei isto. Talvez tenha conquistado finalmente o meu direito à extinção. Existimos para algo? Há uma pauta demiúrgica que recorta as inúmeras formas de florescimento da existência? Não quero ser flexível a seus caprichos. Agora que finalmente deixo de ser algo, não quero voltar a ser mais nada.

VI – INVISÍVEIS TRILHAS

Pequeno Ansioso era um autor desconhecido de suas próprias histórias. Não vislumbra todo aquele texto que seguia dispendo com os dias. *O espírito é tudo*, frase a ecoar em seu pensamento. Tira-se daí uma novela? É o que pretendem? Um garoto cercado por uma sôfrega herança de imolações. Um louco familiar e uma aturdida de rua, sua educação sentimental, nem virtude ou fuga, apenas um cenário, inverossímil se muito, um atrevimento do destino, uma vez aceito. Mácula, renúncia, desgaste, se entendidos na raiz não passam tais conceitos de manifestações da frivolidade. Pequeno Ansioso percorria a imensidão confluyente daquelas duas casas, a da mãe e a da avó. Não importava o tempo em que se dava a construção dos dois altares. As demais figuras eram evidências de uma alteridade. Como o velho das vozes, também recolhia os sinais de tudo à volta.

Teatro, poema em prosa, novela? Não chegamos até aqui para isto. A palavra se artefaz sem o constrangimento do gênero. Alfredo Aquilino invocava sempre o próprio testemunho sobre o que se passara, qualquer havido.

— *A noite não privilegia nada. Minha insônia apruma seu alvo: versos roubados. Eu os escrevi todos durante o dia, algum dia.*

Mãe Dolores não voltou mais a incorporar nenhuma entidade. O menino voltara a bulir nela de todas as formas.

— *Diabinho, não aprende nunca!*

Os dias balançavam-se. As noites não eram mais primordiais que eles, singulares em devoções e prevaricações. Os livros configuravam-se abismo e altar, âncora e trilha de vidros moídos. O menino percorria a casa única, mesclando-se a cada mínima história desvelada em fraturas e requebros.

O que sustenta uma história é o imperceptível. Tudo em nós não busca senão um símbolo profundo, uma abusada virtualidade que a tudo comporte e defina. Ao sondarmos nossa lógica ulterior, não fazemos outra coisa que atribuir a todas as visões os tons e meandros e consonâncias de nossa polivalência. Somos, por assim dizer, um engano totalizante, uma substância radical da improbabilidade do ser. Sucedemos a nós mesmos e viemos sempre da mesma matéria delirante com que criamos e destruimos o mundo à nossa volta. Nenhuma imagem corresponde à sua ideia: sùmula,

semente, medula: diagnóstico gozoso da queda, mas nunca desassossego suficiente que implique a renúncia do que somos. Nem mesmo morrendo mil vezes ou tendo milhares de rostos desfigurados e incontáveis traços de derrota. Sequer parece ser algo contra si mesmo. O homem simplesmente não aprende a reanimar com seu mistério interior as ruínas de um legado único: ser vários sendo um só. Não há nóculo que o engrandeça.

27

A avó era uma ponte única entre todos. Por onde andasse, tráfico mínimo de sombras ou enigmas, nada se mantinha – suspiroso, altivo ou sorrateiro – sem que lhe cruzasse o íntimo, o despenhadeiro secreto da concordância. Umhas raras contas permaneciam a contragosto dela, ou por resignação aos louvores divinos ou por haver chegado tarde ao selo do destino. Não gostava que os treze filhos do velho Argemiro tivessem todos distintos sobrenomes, como se não formassem uma família. Além do que desgostava que se chamasse Carmem das Torres, não vendo ali senão uma das tantas ironias do pai, um velho maquinista de trens e cenas familiares. Aos irmãos Chagas Domênico, Anselmo Calamares, Alfredo Aquilino, somavam-se Florisvaldo Trigueiro, Sílvia dos Santos, Alice Caviúna, até o caçula, Tomás Quintilha, cujo suicídio abalou a todos. O que houve: trancou-se no quarto para ouvir Orlando Silva em altíssimo volume, saboreando o vinho tinto ao qual adicionara um pacote de veneno para ratos. Nenhuma pista, exceto que mancava de uma perna e rejeitava mulheres. Não encontraram consigo cartas de amor ou mesmo algum livro aberto em enigmático poema. Nada.

— *O marido da Sílvia dos Santos também se matou. A avó não gosta que fale nisto. Ele tinha uma farmácia aqui perto. A mulher tocava o negócio com ele. Um dia soube de escapadas dela com fregueses e até com um vizinho. Chamou um advogado, destinou os bens aos filhos, sob a condição de que a mãe não morasse com eles. E logo injetou ácido muriático nas veias.*

— *Não entendo isto, Mãe. As desgraças não são concêntricas. Por mais que exista um rastilho encantador unindo as coisas de igual signo, o colérico acorda manso, o sadio morre dormindo.*

Mesmo com alguns enganar, a avó seguia-se ponte imensa com um transcurso obrigatório, fosse a travessia revelação, agonia ou mera plenitude da obediência. A única flâmula inaceitável era a da transgressão. Somente a ela cabia discordar de algo. Não que fosse a primogênita do coronel Argemiro, mas por haver-se descoberto uma guia dos estigmas, uma cuia que recolhia todos os desvios e lhes dava melhores motivos.

Contudo, não cuidava tão bem assim de seus aflitos. Mantinha com discretos exageros queixumes e benevolências, ciente do enredo canhestro do pacto entre as próprias filhas, assim como dos ardis com que Anselmo buscava subjugar Alfredo, os irmãos que mais lhe assediavam.

— *Não há nada assim tão transparente, Mãe, como o rosto transtornado de um deus. Não é simplesmente alguém que se deixa descobrir em seus nós, mas sim um descabro de corpos e sonhos e enigmas e ossos, uma torrente que empalidece ou cega um mínimo gesto possível. As pontes não passam todas por quem as cruze.*

— *A avó é uma ponte bem grande, já não o sabes?*

— *Que não soube ir de um canto a outro de si mesma, ao que parece.*

Para Pequeno Ansioso algumas coisas iam se revelando em meio àquele cenário de ludíbrios. As casas iam se tornando máscaras, roteiro de fugas, um filme entrecortado de falas sem sentido. Não havia um único ponto de firmeza em tudo o que tocava. De areia não era o castelo, mas sim os residentes. Não havia propriamente uma fábula, mas antes um desregramento do ser em alguns personagens dessa tragédia familiar. As histórias se dão independentes do grau de riso ou lágrima que usurpam em volta do fogo. Fazem com que nos sintamos personagens ativos, essa abnegada incongruência. Afinal, todo personagem é passivo.

Uma entrada ali no santuário, quase sempre uma experiência falida. Cheguei a pensar que não buscava senão o destrutível. Recordo páginas de exultante felicidade, uns ensinamentos de eficácia em inúmeras matérias, amores confessos, solidez projetada e refletida. Eram centenas de livros, palmos completos percorridos por um

mesmo autor. O pai colecionava notícias de guerras, empilhava jornais, livros, mapas de cerco, anotações estratégicas.

— *No avanço conta sempre a insanidade do espírito. No recuo, salvar ao menos o corpo, ou sua imagem. Esta é a consciência da guerra, não mais que uma das formas de anulação do ser.*

Os manuais de guerra, contudo, não me despertavam maior interesse do que as leituras do *Paraíso Perdido* ou *Macbeth*, trechos da mitologia germânica ou das sagas de dizimação das tribos indígenas na América do Norte.

— *Toda a miséria do mundo é uma ação projetada. Em alguns casos, por descuido. O bom de uma guerra é seu anúncio, a declaração de uma atitude. O mundo perde em honradez quando não há guerra anunciada.*

Não creio haver travado nenhuma guerra com o pai. Os livros lidos ali jamais foram comentados. Quando raramente estava em casa e dava por sua avidez em devorar sùmulas estratégicas, estranhava que não conversasse comigo sobre todos aqueles livros.

— *A arte nutre princípios pendulares. Um leque de fraudadas minudências.*

(— *O que concluir daí?*)

— *Quem fez tal dispersiva indagação?*

(— *Não sei o que diabos imaginava que o pai pudesse significar em tua vida. Naturalmente há um encanto propício ao desejo. Aquela verborragia de que tudo se dá em nome do desejo. E quando as coisas não se dão bem de acordo com o desejo? Aí vem o derrame da frustração. Eu te amo. Tu não me amas. Tu és meu desejo frustrado. Decerto serei teu amor incompreendido. Uma fábrica de sandices. Teu pai sonhava com uma purificação sob decreto. Toda a merda da humanidade limpa amanhã bem cedo, antes que a cidade acorde. O pai não possui uma ideia exata do desdobramento da vida em si mesma. Talvez porque não a arranque das entranhas, segundo a limitação do entendimento do que carrega em si mesmo. O pai é uma grande aberração. O pai é tão pequeno que faz com que a mãe pareça imensa.*)

O tempo alimenta sua semelhança e distrai as exumações. Os livros nos elegem, não há dúvida. Outro santuário esboçava-se a cada livro relido. Nas tardes de domingo, o pai abria a janela que dava para a rua e punha a todo volume Nat “King” Cole ou Elizeth

Cardoso para tocar. Aquela música varria todos os livros para um canto. Não creio que pensasse em mim. Na verdade, jamais trocamos uma única palavra. O pai com sua música e seus livros fez de mim um homem estranho por muitos anos, alguém que contrariou a própria natureza e não quis tocar em nada. Até que um dia o filho foi tomado de assalto: o pai não faz o filho ou o filho mal cabe no pai? Chão pisado, marcado. Não há como fugir do passo adiante. Não é outra a sofreguidão da semelhança.

Sem que nos encontrássemos nunca, fomos nos completando através das leituras.

29

— *Livros que fazem chorar são um tormento indesejável.*

Quem conceberia a ideia de um tormento desejável? A frase sacudira Pequeno Ansioso. *Deus é mãe. Só assim pode haver pantéismo.* Era o que lhe diziam aquelas leituras. Quando todos os seres se arrastam sobre a terra somente a mãe se mantém de pé. Osires, Adad, Shiva, Tesup. Para cada um havia uma mulher que dançava e os conduzia ao diálogo com o mundo. Uma mulher que compreendia o que se passava dentro e fora do reino. Uma mulher que fecundavam e que recolhia os filhos perdidos por toda a terra. Uma mulher que lhes evitava que causassem maior desordem ao mundo. Essa mulher chamava-se Mãe. Horrenda Múltipla Divina Negra Puta Devastadora Prolífera. Mãe de língua pendente. Mãe de braços erguidos. Mãe ferida por toda a carne. Mãe com o corpo recobrimdo tudo. Retalhada, conjurada, sublimada. Os números são pedras de jogo. Não expressam substância alguma. A matéria é susceptível a mudar de forma. Desvios e deformações não são propriamente uma escolha. Não importa se está frio ou quente, mas sim quem congela e treme ou arde e sua diante do tempo.

Como pode haver, mãe, um tormento desejável? Como posso ser narrador voluntário e protagonista de uma ação desafiada sem dar substância ao paradoxo? Lia um livro qualquer e chorava ou chorava e lia um livro qualquer?

— *Quero sofrer apenas um tanto. Que me diga Deus que outro tanto pode ser salvo em nome desse sofrimento.*

Quem diria isto? Os livros não nos tornam condenados a coisa alguma. Tampouco nos salvam de nada. São articulações oratórias, círculos de baba, códices restringidos, árvores, rios, nuvens. Não são senão reflexo do que fazemos de nós. Não podem nos levar a rir ou chorar ou incentivar ao crime ou causar pena ou nos impelir ao suicídio. Os livros são objetos de identificação. Não trazem novidade alguma. Não sugerem uma exótica ramificação de qualquer paradoxo. Não servem melancolia ou frenesi em seu prato de signos. Os livros não têm complexo algum. Os livros despertam interesses, são um caldeamento de sensações latentes. Não há sequer por que escrevê-los. Quando se tornam indispensáveis não é senão sinal de que uma sociedade decai. De uma certa forma os livros se chamam Mãe.

30

A avó assustou-se diante da leitura de um soneto em *Relva de estrelas*, novo livro de Anselmo Calamares:

*Que louca semelhança goza comigo
em tudo o que de mim me desfaço?
Que aborrecida ideia do extermínio
sorvo como cicuta gasta, já sem efeito?*

*Nada me estreia maior fingimento
ou floresce letargos como fossem cogumelos
distráidos da própria fama e ciência
senão o encalhe de minha alma em si,*

*desfeita de corpo ou espírito, súbita
irrevogável palavra sem sentido,
abismada com a imagem nenhuma*

*a contemplar-se em um canto colérico
forjado em trapos de renegada ansiedade
onde se assustam todas as sombras do ser.*

Tinha consigo todos os livros do irmão. Gostava de transcrever alguns versos em um caderno, onde recolhia pensamentos de toda ordem, relicário secreto da idealização da vida. A imagem de uma alma enalhada em si era o suficiente para lhe despertar a lembrança de algo lido. Além disto, guardava em uma caixa de sapatos fotografias, conchas, relógios velhos e papéis dobrados com alguns manuscritos. Recolhia de tudo o que não pudera viver. Não havia dúvida a ser tirada. Mesmo assim abriu a caixa e vasculhou entre os guardados até descobrir um mil vezes dobrado e redobrado papel em que a letra trêmula do outro irmão, Alfredo, anunciava: *Nada me anuncia maior fingimento / ou floresce letargos como fossem cogumelos / distraídos da própria fama e ciência / senão o encalhe de minha alma em si...* Qual o verdadeiro embuste, isto jamais se sabe. Cada mínima coisa perde noção de si, quando mais supõe ganhá-la. A avó sempre foi uma ponte entre a realidade e o desastre existencial da família. Ponte idílica, que não correspondia a uma coisa ou outra. Nossa fortaleza era nossa ilusão. A avó entendia que assim deveriam ser mantidas todas as coisas. O dorso erguido seminu de uma mulher altiva visto de costas não revela nada além da própria altivez. A avó poderia ser essa mulher, o cartaz de um filme, o rigor de uma sensualidade definida a partir do desencanto pelo desmedido. A avó leva consigo acesos os faróis que impedem o engano alucinante, a torta de angústias, o fio de lágrimas escorrendo por uma lousa qualquer. Em seu íntimo sabia que a mudança de uma única palavra era o suficiente para arruinar um poema. E essa pista única denunciava toda a fraude. Contudo, aquela decepção não iria lhe arrancar lágrima alguma.

31

— *Nada vem tão calmo, ao gosto de quem recebe. Prefiro a ideia de me descobrir sozinho, os limites lançados sobre mim. Não escondo nada de meu dia. Tampouco penso se acaso tal dia exprime algo. Quando alguém se empenha em defender uma razão de ser, simplesmente deixa de me interessar. O que aprendemos não o fazemos como argumento contra o ignorado. Não somos furiosos, alucinados ou equivocados. Estou perdendo a razão possível, misturando-me à voz geral. Serão os primeiros sinais de uma essência esquizoide estoica? Basta recordar Fellini: Quem deseja ser protegido,*

deve resignar-se a ser protegido até às últimas consequências. O que esperar da vida senão um pomar de especulações? Febres, fantasias, devaneios, agonias. Notícias, sempre. Retaliações, subornos, fraudes. Notícias de toda forma. Dissipações, maledicências. Notícias as mais inaceitáveis. Paranoia. Notícias da mais intensa felicidade. A memória, o entendimento e a convicção jamais recorridos senão em função da notícia. O homem convertido em aviso de nada. Onde buscou proteção? Devo dar sinal de tudo o que faço, ser reconquistado pela notícia do que fui um dia. O garoto indeciso diante de tantos fogos de artifícios. A ilusão de ser que foi construindo como uma recolha de si. O frio que sentia em seu íntimo, o tremor diante de cada mínima bobagem que lhe marcava a fogo a existência. Tudo isto não podia ser apenas notícia, um frígido sinal do que se passa na alma de alguém. Detestava toda forma de submissão do homem ao enunciado de sua vida.

32

Soçobrava pela casa imensa. Vário em tanta angústia. Não havia beleza alguma em todo aquele rastro de ausência, mesmo que sempre soubesse que um dia não teria mais seus parceiros de abismo.

— *Compartilhamos um mesmo vazio, Pequeno. Não passo de um desmiolado. Tu não és mais que uma criança. Só agrado a alguém se me desfaço do que mais prezo. Um dia terás que deixar para trás tua maior riqueza.*

Andava distraído, por vezes estranhando o caminho, as invisíveis trilhas que havia demarcado em todo o território. Um mapa secreto mesclava uma casa a outra. Logo o cenário se desfaria, seu coração não lhe dava outro sinal.

— *Já começaram a morrer meus assuntos. Antes se foram tio Domênico e tio Eudoro. Agora foi a vez do Coronel e de uma avó paterna que morava em outra cidade. Eu a tinha visto uma única vez, quando aqui lhe trouxe a morte de meu irmão. Todos a achavam uma mulher rude e enjoada. Lembro-me da cara com que me olhava, como se odiasse a existência de livros no mundo, e de alguém que os lesse. No dia de sua morte, a casa encheu-se de parentes. Vieram todos falar com o pai, dar-lhe pêsames. Por que não se visitam em nome da alegria?*

Pequeno Ansioso acostou ao lado da porta do quarto de Mãe Dolores. Não havia mais nada ali. A porta aberta revelava o vazio refletido em seus olhos. Sabia-a vulnerável, desancada pela boa fé.

— *Menino lindo, quero achar tua raiz, chafurdar em teu bosque. Quero armar uma tenda no centro de teu ser. Ficar ali por uns dias, depois sumir, feito um enxame satisfeito.*

— *Não foi o que fez agora?*

Prometeu a si mesmo jamais chorar diante de uma ausência. A vida teria que ser preenchida por todas elas. Sabia que teria muitas, que se multiplicariam como os céus. Nas noites seguintes à morte de Mãe Dolores, acordava assustado e perdido de toda linguagem. Saía da cama em silêncio, a caminho do quarto esvaziado. Deitava ali no frio chão e exumava sua tristeza.

— *Não chore. Ela quis que fosse assim.*

— *Quem fala? Quem está aqui?*

O menino tremia por dentro. Não tinham sido poucas as visitas de espíritos em seus dias com Mãe Dolores.

— *Te acalma. Sou eu.*

Como podia reconhecer? Nas poucas vezes em que vira o irmão ele estava sempre no berço. Tinha quatro anos menos. Não podia andar ou falar. Quem estava ali em seu lugar? Ou já estava indo de vez? O morto acaso recuperara os sentidos perdidos em vida?

— *Não te dizem o que houve. A mulher se matou. Tomou todos os meus remédios. Não tive como impedi-lo.*

Desde aquela noite encostava-se por horas no berço do irmão. Passava-lhe a mão por todo o corpo, como se tateasse incógnita figura, um mito, uma representação qualquer. Era como se escalavrasse sílaba a sílaba toda uma pele à procura de sinais. Dias e dias. Não fez outra coisa desde então. Uma manhã acordou com rumores, ouvindo uma tia quase sussurrar:

— *Não deixem Pequeno saber...*

— *Como esconder de uma criança a morte de seu irmão?*

Seguia caminhando pela casa. Um tio levava todos os peixes embora. O quarto escuro perdera o cadeado. Entrou ali uma ou duas vezes, mas não se demorou. Havia um insuportável cheiro de ração de galinhas. Portais confusos. Que invisível trilha enlaçava a rua dos Oitis à rua do Parque? Por uma vez primeira passou a pensar no traçado daquele suspeito caminho. Lembrou-se de uma distância de cinco quadras entre uma casa e outra. A casa da avó ficava diante

do Parque das Sombras, de onde recorda algumas raras fotos suas ao lado da mãe. Da outra casa a memória lhe acena com um incêndio havido no posto de gasolina à esquina do Bulevar do Livramento, onde o pai deixava o carro guardado à noite. Havia algo de subterrâneo que fazia com que não percebesse as idas e vindas de uma a outra morada. Algum dia chegou a duvidar que fossem mesmo duas casas.

— *Hoje veio alguém ver a casa.*

Ouviu as mulheres falando. Lembrou-se então de Alfredo Aquilino. Toda a sua vida estava sendo povoada por pequenos vazios. Uma intrusão de vazios. Um discurso.

— *Um dia não me deixarão mais vir aqui. Os irmãos me julgam inconveniente. A família me quer mesmo louco. Estou escrevendo uma novela sobre todos eles. Dirão tratar-se de uma lorota. A família não passa de um baile de máscaras. Para eles serei sempre o louco, o que garante a sanidade de todos.*

E não veio mais o tio, desde aquele engodo das enumerações. Tiraram dali a cadeira de balanço. As palavras estavam fora de alcance. Também a plenitude. Tudo coincidia com a venda de uma casa e o destino incerto da outra. Um anuviado lacre em um trecho da memória.

— *A família acaba conseguindo o que bem quer.*

O garoto caminhava atônito, esbarrando em alguns móveis, confundindo as salas, dando pela falta de portas, o obscuro margeando a andança, perturbava-se, entrado em ofegantes resmungos, suores, o sono atormentado o ameaçando com visões.

— *Mãe!*

Um grito seco, mal arrancado da garganta. Senta-se na cama. A noite silenciosa, inapelável em sua escritura. Pequeno Ansioso tateia os novos sendeiros da casa. Procura a biblioteca. Não a encontra em parte alguma. Não há um único livro em todo o lugar.

— *Livros que fazem chorar são um tormento indesejável.*

Nada se torna remoto se não tomado para si por alguém. Não há dúvida de que os céus sejam múltiplos. Mas temos que torná-los remotos, para que novos céus se entranhem em nossa memória. Sentou-se no chão. Lembrava-se de Mãe Dolores e Alfredo Aquilino. Jamais estiveram em lugar algum. Não houve tempo formulado em seus encontros. Tampouco estiveram juntos em uma mesma conversa. Cada um cuidou de si como um símbolo mergulhado em seu íntimo. Em qualquer clarão a noite surpreende

e se dá por inteira. Não havia propriamente uma noite, um personagem, uma cidade, uma novela. Então o que faria de tudo aquilo?

Esteve assim por dias, estancado.

Irresponsavelmente criamos, antes de buscar sentido para a criação. Deus, Homem, Poema. Não importa qual entidade. Não criamos senão ansiedade sobre ansiedade. E erguemos um panteão abarrotado por tudo o que não soubemos ser, um abrigo de nossa inominada condição. Noites frias, filas da sopa, do agasalho, do leito. Não somos o que já disseram, o que pensam de nós. A cada instante repetimos a mesma e mesma e reiterada fala. Nada no homem necessita de história ou sublimação. Esgota-se, rende-se, entrega-se. Jamais consegue entrar em entendimento com a memória. Não há um último fogo a ser tocado, uma última chama a nos devorar. Olhando a paisagem queimando, vemos tudo em fogo, menos o céu. O que falta?

VII – UMA ÚLTIMA CHAMA?

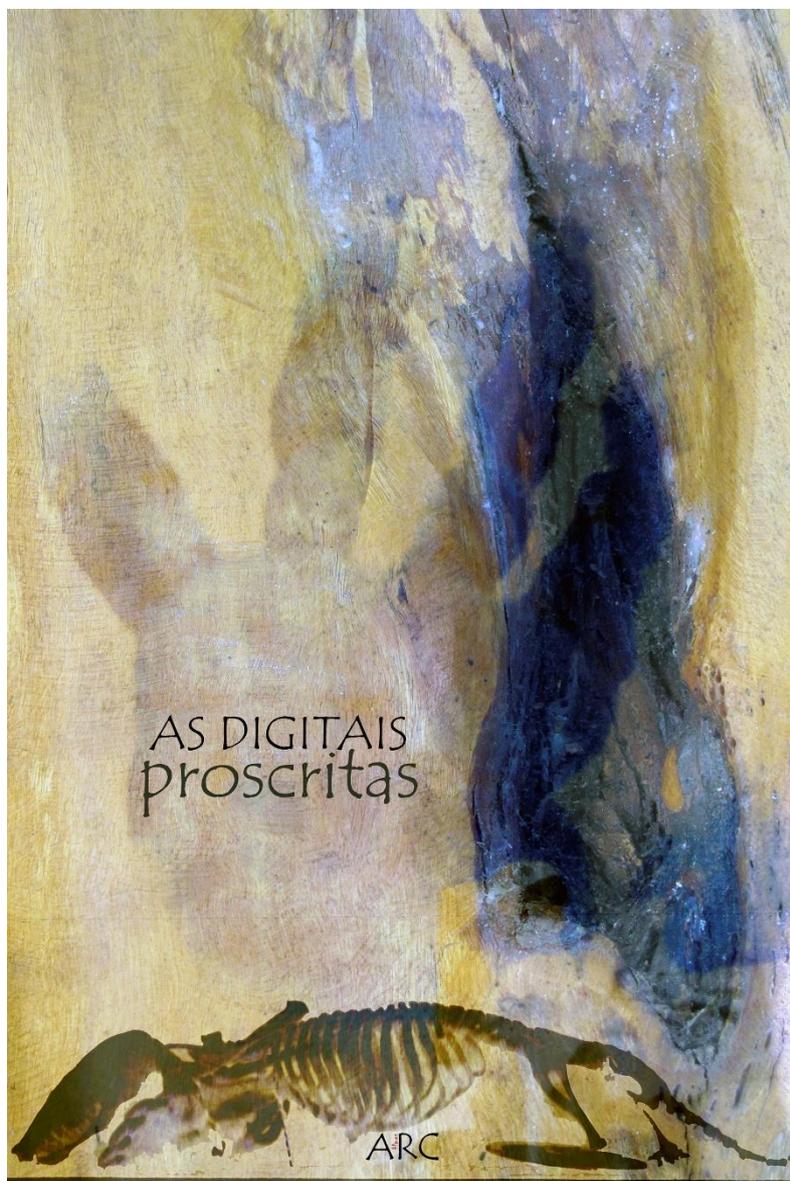
Why cannot the Ear be closed to its own destruction?

WILLIAM BLAKE

As vozes confundem-se todas, tormentosas.
 Sonhos e pesadelos comparecem mesclados.
 O que escutamos sob as raízes extraviadas
 pode vir de qualquer um dos seres, terríveis todos.
Já não importa – dirão muitos, não se duvide.
 A alguns outros aturdirá como uma destruição.
 As vozes vêm todas com seus dentes de trevas,
 e movem-se vertiginosas em fulgores horrendos.
 Possuem línguas efêmeras que pouco se agarram
 ao que dizem e quase nada ou nada afirmam.
 Aterrorizam com uma cortante sucessão de incertezas.
Basta atendê-las – ouvimos por todas as partes.
 Uns poucos: *Não querem menos que a imaginação.*
 As vozes não conversam entre si ou sorriem jamais.
 Sem um mínimo deslize, cuidam de seu encargo.
 Não estão exatamente acima de quem as escuta.
 Detêm, contudo, um método preciso de tremor e náusea,
 a poção com que dissipar toda espessura da imagem,
 um coágulo florindo em lugar dos sentidos.
 Somem e regressam, as vozes e seus dilemas,
 em cada noite de Pequeno Ansioso, frias e ásperas.
 Proliferam porque dedilham o vazio, a palavra certa.
 Terá mesmo conhecido o prazer aliado ao terror,
 a loucura conjugada com a potência poética,
 o entendimento do mundo disfarçado em leituras?
 E o que fez dos rostos familiares, indescritíveis?
 Quantas trilhas não terá refeito, apagado pistas,
 até reter em si mesmo toda a essência do mundo?
 As vozes comem sustos, agonias, dissipações,
 as mesmas linhas em que o menino entrançou
 memória e figuras esquivas, de estranhos nomes,
 morada alguma, derramadas sobre intocável tablado.
 — *Por que então devemos crer na existência aludida?*

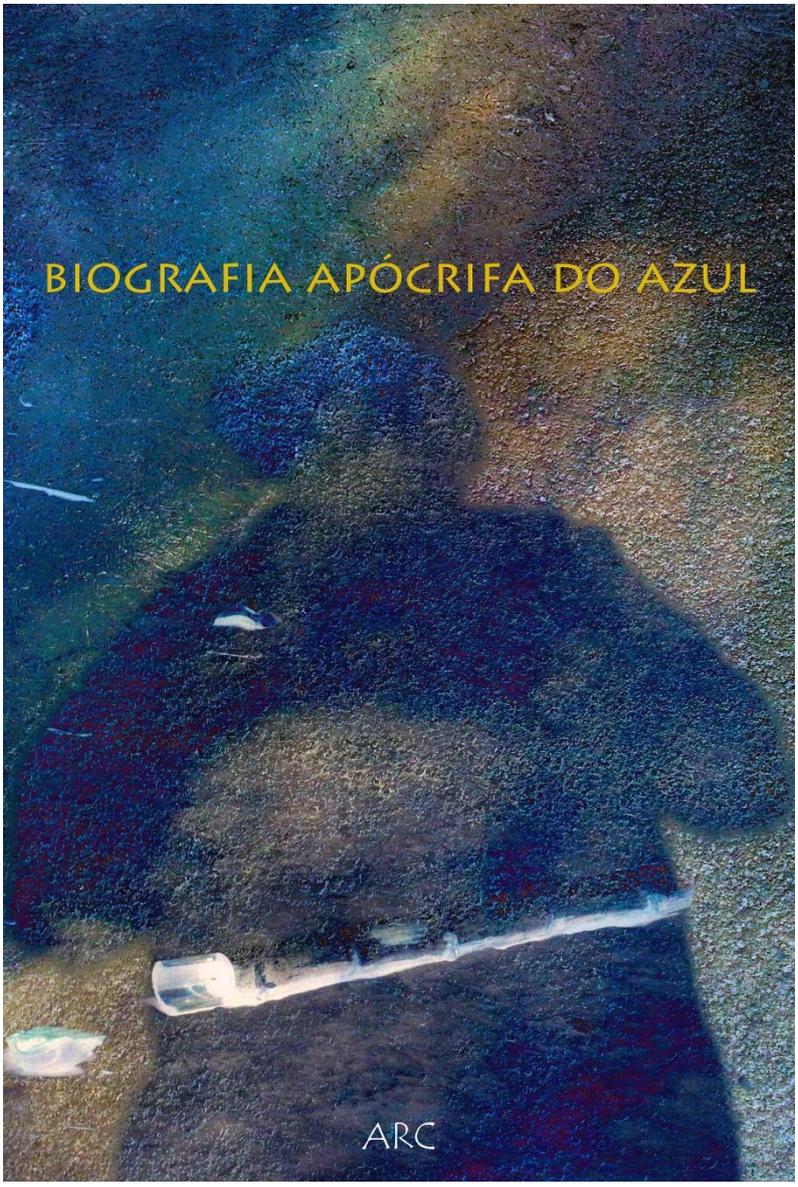
— *O pranto talvez requeira sentido, porém não a dor.*
Eis um antigo diálogo, aviltado por alguma impertinência.
O eco se esquece da razão escoada de seu canto.
Somos nós a iluminar ou terrorificar a imprópria noite.
De onde vêm as vozes? Do que somos, estridentes
fantasmas, somados ao que supomos e negamos.
Um livro selado, um ardil de vultos, um incêndio
na água caindo sobre um corpo suado, disforme,
uma solidão cheia de graça e que aligeire o fim,
um raro sustenido alcançado.

As vozes, as vozes,
poucas sabem como prolongar a alma, bem poucas.
Entre elas distingo algumas pernas do relâmpago:
um louco assediado pela infâmia e a inveja,
uma fraquejada montaria do inferno, o ouvido
afeito a toda sangrenta ruína, sofridos personagens:
Alfredo Aquilino, Mãe Dolores, Pequeno Ansioso.
Anjos fornicando virgens, eunucos de fita métrica
a buscar a dimensão exata do falo de Deus,
diabos alegóricos, perpétuos, grotescos, sublimes.
Sempre a mesma imagem: diante da morte, o céu.
As vozes em seu obscuro mandato, saliva de trevas,
numinosas ruínas, purulentas semelhanças.
A sós não escutamos senão o praguejar da dúvida.
Um corpo caindo sobre outro corpo e mais outro.
Qualquer mínima angústia requer um lugar,
o dorso de uma ave, uma luz crescente, a sombra
patética de uma imagem, as mãos queimantes.
— *O livro não é nada.* (Não se esperava outra fala?
O que nos faz voltar aqui?) *O menino é a soma
de todas as inquietudes da existência humana.*
Pequeno Ansioso e suas vozes, quase insondáveis.



AS DIGITAIS
proscritas

ARC

An aerial photograph of a coastline. The water is a deep, dark blue, and the land is a mix of green and brown. A small boat is visible in the water, and a pier or breakwater extends into the sea. The overall scene is somewhat desaturated and has a grainy texture.

BIOGRAFIA APÓCRIFA DO AZUL

ARC

O LIVRO INVISÍVEL DE WILLIAM
BURROUGHS

Noite fria de 11 de agosto de 1999. Teatro da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Em continuidade ao Ciclo de Palestras “Os limites da literatura: autores rebeldes, excêntricos, marginais, malditos”, tem lugar a leitura dramática de O livro invisível de William Burroughs, uma colagem de textos de William Burroughs e Floriano Martins, realizada por este último. Os atores que participam são Graça Berman (Burroughs 1), Pascoal da Conceição (Burroughs 2), Claudio Willer (Burroughs 3), e Floriano Martins (Conferencista). Palco às escuras. No canto direito acende-se a luz de uma luminária sobre uma mesa tomada de papéis, garrafa de vinho, copo, cinzeiro. Nela se encontra sentado o Conferencista a remexer nos papéis. Acende um cigarro, põe vinho no copo, bebe. Enquanto isto vão entrando Burroughs 2 e Burroughs 3, pegando duas cadeiras espalhadas e sentando na outra extremidade do palco. Conferencista segue arrumando seus papéis, como se nada estivesse acontecendo ao seu redor. De um ponto à esquerda da plateia ouve-se a voz de Burroughs 1, compassadamente. Durante todas as cenas, sua voz será ouvida de distintos lugares da plateia.

BURROUGHS 1 – Não há nenhum outro lugar para se ir
O teatro está fechado
Cortem linhas de música
Não há nenhum outro lugar para se ir
O teatro está fechado
Cortem linhas de palavra
Esmaguem as imagens de controle
Esmaguem a máquina de controle

(Burroughs 2 inicia um diálogo com Burroughs 1.
Conferencista permanece arrumando seus papéis.)

BURROUGHS 2 – Sim, a vida é um corte. Toda vez que você caminha rua abaixo, ou mesmo olha pela janela, sua consciência é continuamente cortada por fatores fortuitos. Tento tornar isto explícito cortando palavras. Esta é a minha teoria sobre arte. A arte está alertando o homem sobre si mesmo, ressaltando os fatos atuais da percepção.

BURROUGHS 1 – Mas diga-me, meu caro Burroughs, acaso a capacidade de ver o que temos à frente é uma forma de escapar da imagem-prisão que nos rodeia?

BURROUGHS 2 – Decididamente, sim. Porém muito pouca gente tem esta capacidade, e cada vez serão menos, conforme passe o tempo.

BURROUGHS 1 – Por que?

BURROUGHS 2 – Por uma razão: a absoluta barreira de imagens a que estamos submetidos acabará por nos embotar a todos. Recorde, em comparação, que há cem anos havia poucas imagens. As pessoas viviam em um cenário mais simples, em um meio ambiente camponês, tropeçavam em poucas imagens, e essas poucas eram vistas com bastante clareza. Porém se alguém é bombardeado, sem descanso, com a propaganda inscrita nos caminhões ou táxis que passam...

BURROUGHS 1 – ...com as imagens da televisão e dos jornais...

BURROUGHS 2 – ...sim, com as imagens da televisão e dos jornais, esse alguém acaba embotado. Forma-se uma névoa permanente diante dos olhos e já não se vê nada.

BURROUGHS 1 – E o que se deveria ver?

BURROUGHS 2 – Que não há nada interposto entre uma pessoa e a imagem. Um granjeiro vê suas vacas de verdade: vê o que tem diante de si e o vê bem claro. Não é um problema de hábito: o problema é que algo se coloque entre alguém e a imagem, de tal forma que o impeça de vê-la. Não quero dizer que o granjeiro tenha nenhum tipo de identificação mística com a vaca, mas sim que sabe quando a vaca não está bem. Ele sabe tudo o que se refere à vaca, a forma com que a vaca lhe é útil e como se encaixa em seu meio ambiente.

BURROUGHS 1 – Todo esse desejo de clareza não entra em conflito com as infinitas possibilidades exploratórias de teu método de criação?

BURROUGHS 2 – Quando a gente fala de clareza na escritura, de uma forma comum, refere-se à trama, à continuidade, à apresentação, ao nó e ao desenlace, à adesão a uma ordem lógica. Porém as coisas não ocorrem por acomodação a uma ordem lógica. Nenhum escritor que pretenda aproximar-se do que verdadeiramente ocorre na mente humana e no corpo de seus personagens pode restringir-se a uma estrutura tão arbitrária como a ordem lógica. Joyce foi acusado de ser ininteligível, e note que se limitava a apresentar apenas um nível de fatos mentais: o monólogo consciente sub-oral. Penso que é possível criar acontecimentos polinivelados e personagens que o leitor possa compreender comprometendo seu ser orgânico.

(O diálogo é interrompido pela voz de Burroughs 3, à direita.)

BURROUGHS 3 – A estrada é tortuosa e improvável. A passagem hoje fácil é a ratoeira de amanhã. O caminho óbvio, a maior parte das vezes, é o caminho dos tolos. E cuidado com os caminhos do meio, os da moderação, do bom senso e do cauteloso planejamento. Contudo, isso não quer dizer que não haja sempre tempo para a moderação, o bom senso e o planejamento. Pode-se afirmar que qualquer plano de imortalidade que não dependa do prolongamento da vida do corpo físico, do seu remendo e conserto, como se faz com carros antigos, é a pior forma de planejamento que existe. É como apostar em um favorito e dobrar a aposta quando ele perde. Em vez de uma pessoa se separar do corpo, a pessoa passa o tempo a afundar em seu próprio corpo, tornando-se assim cada vez mais dependente dele: dependente de cada respiração roubada aos pulmões transplantados, de cada ejaculação do renovado falo, de cada excreção dos intestinos novos. Só que o caminho das transplantações atrai idiotas que se fartam. Assim é que são muito poucos os peregrinos que chegam vivos à cidade da Última Oportunidade. Preguiça, indulgência, álcool, vícios de toda ordem, velhice, estupidez, tudo isso são obstáculos. Mas a falta de uma coragem especial é a principal barreira, a única que é insuperável: a coragem de enfrentar o opositor, o inimigo final. Sem tal coragem, nunca se chega à Última Oportunidade. Nem se consegue voltar ao princípio. E para se sair da Última

Oportunidade é necessário ser o vencedor de um duelo travado até à morte.

BURROUGHS 1 – Quem fala?

BURROUGHS 2 – O que diabos importa?

BURROUGHS 1 – Quantos de vocês estão aqui?

BURROUGHS 2 – O que diabos importa?

BURROUGHS 1 – Quantos?

BURROUGHS 2 – Nem se consegue voltar ao princípio.

BURROUGHS 3 – Nós, poetas e escritores, somos muito arrumadinhos. Desaparecemos nas noites de vaga-lumes, um passeio e um apito de trem ao longe. Vivemos dentro da empregada que descasca um ovo cozido para alguém convalescente há muito curado. Vivemos no último e no maior dos sonhos da humanidade.

BURROUGHS 2 – O que diabos importa?

BURROUGHS 1 – Quem fala?

BURROUGHS 3 – Eu vivia em um quarto no bairro nativo de Tânger. Não tomava banho havia um ano, nem trocava minhas roupas ou as tirava do corpo, exceto para espetar uma agulha de hora em hora na carne de madeira fibrosa e cinzenta do vício terminal. Nunca limpei ou espanei o quarto. Caixas de ampolas vazias e lixo se empilhavam até o teto. Luz e água tinham sido cortadas havia tempo por falta de pagamento. Eu não fazia absolutamente nada. Conseguia olhar para a ponta dos meus sapatos por oito horas seguidas. Só me movia quando terminava a provisão de droga. Se um amigo ia me visitar, eu ficava sentado, sem me importar que ele tivesse entrado no meu campo visual, ou que saísse dele. Se morresse ali, na minha frente, eu ficaria a olhar para o meu sapato, à espera de poder revistar seus bolsos.

Você não? Pois eu nunca tinha droga suficiente. Ninguém jamais tem.

BURROUGHS 2 – Eu estava simplesmente pronto para me acabar.

BURROUGHS 1 – Alguém raramente aparecia?

BURROUGHS 2 – Tolo.

BURROUGHS 3 – O que restava para ser visitado?

BURROUGHS 2 – O que diabos realmente importa?

Apagam-se as luzes sobre as duas cadeiras, enquanto no centro do palco, mais ao fundo, um filete de luz incide sobre um caixote no qual se encontra um boneco de ventríloquo. Ouve-se então a voz de WB, em off, lendo “T’ ain’t no sin”. Enquanto isto Burroughs 3 perambula por todos os lados do palco, imitando com deboche o jeito de WB ler. Ao final do poema, ouve-se sua própria voz, relendo o poema de maneira bastante caricatural. Ao concluir a leitura, retorna a seu lugar.

T’ AIN’T NO SIN

When you hear sweet syncopation
And the music softly moans
T’ ain’t no sin to take off your skin
And dance around in your bones
When it gets too hot for comfort
And you can’t get an ice cream cone
T’ ain’t no sin to take off your skin
And dance around in your bones
Just like those bamboo babies
Down in the South Sea tropic zone
T’ ain’t no sin to take off your skin
And dance around in your bones

NÃO É PECADO

Quando você escutar tão doce síncope

E a música lamentar-se suavemente
Não é pecado arrancar sua pele
E dançar ao redor de seus ossos
Quando ficar muito quente e desconfortável
E você não conseguir um sorvete de casquinha
Não é pecado arrancar sua pele
E dançar ao redor de seus ossos
Assim como aqueles agitados garotos
Na área tropical dos mares do sul
Não é pecado arrancar sua pele
E dançar ao redor de seus ossos

Apaga-se a luz, permanecendo acesa apenas a luminária sobre a mesa. Tem início a primeira parte da conferência. Quando da leitura dos trechos entre parênteses, Burroughs 2 se movimenta em seu lugar como se fosse ele que estivesse falando. Durante toda a conferência será projetado um vídeo com uma montagem de alguém escrevendo, recortando, colando textos e imagens, exceto durante os trechos entre parênteses quando o foco do projeto é coberto por uma mão.

CONFERENCISTA – O que se passa em sua mente? Nada comparável a isso. As ideias distintas que podemos ter acerca do mesmo símbolo. Duas ou mais noções da origem de um mesmo objeto. Descartes havia chamado a atenção para as ideias do sol que podemos ter em nossa mente, ou seja, as ideias acidentais e as ideias conceituais, criadas a partir de algumas noções que trazemos inatas em nós.

(Descobri que quando estou preparando uma página de meu álbum de recortes, quase invariavelmente sonho à noite com alguma coisa relacionada a essa justaposição de palavra e imagem. Na verdade, o sonho não passa de certa justaposição de palavra e imagem. Em outras palavras, tenho me interessado precisamente pela movimentação de palavra e imagem em linhas de associação muito, muito complexas. Faço uma porção de exercícios naquilo que chamo de viagem no tempo, tomando coordenadas, tal como o que fotografei no trem, o que eu estava pensando naquele momento, o que estava lendo e o que escrevi.

Tudo isso para ver o quanto eu consigo me lançar de volta, completamente, naquele determinado ponto do tempo.)

Segundo a astronomia, não existe matéria nova no universo, estando todas as formas constituídas dos mesmos elementos já conhecidos por todos nós. O que vale para classificar as estrelas talvez possa ser igualmente útil para entender a mente humana.

(Os álbuns de recortes e a viagem no tempo são exercícios para expandir a consciência, para me ensinar a pensar em blocos de associação mais do que em palavras. Recentemente passei um tempo estudando sistemas hieroglíficos, o egípcio e o maia. Todo um bloco de associações... bum!... assim! As palavras – pelo menos do jeito que as usamos – podem ser obstáculos ao que chamo de experiência incorpórea. Já é tempo de pensarmos em deixar o corpo para trás.)

Se eu retorno a distantes ambientações de minha memória, percebo formas idênticas à que concebo hoje, vibrando em um mesmo ritmo, o que certamente me permite especular sobre as formas que um dia conceberei como aparentemente novas.

(O que quero fazer é aprender a ver mais o que está lá fora, a olhar para fora, atingir tanto quanto possível uma completa percepção do que nos cerca. A maioria das pessoas não vê o que está acontecendo à sua volta. Esta é a minha principal mensagem para os escritores: pelo amor de Deus, mantenham seus olhos abertos. Percebam o que está acontecendo à sua volta.)

A criação artística alcança um estágio além do pessoal, porque depende de um processo de ordenação que é principalmente inconsciente e, portanto, não desejado deliberadamente pelo artista. O fato da criação artística ser um produto do cérebro, isto não significa que deva ser voluntária. O cérebro opera de uma maneira misteriosa que não está sob o controle voluntário. Às vezes devemos deixá-lo em paz para que funcione ao máximo.

(Se *Nova Express* é um *cut-up* de muitos escritores? Joyce está lá. Shakespeare, Rimbaud, alguns escritores de quem as pessoas

não ouviram falar, alguém chamado Jack Stern. Há Kerouac. Não sei, quando você começa a fazer essas *dobraduras (fold-in)* e *recortes (cut-up)*, você perde a conta. Genet, claro, é alguém que admiro muito. Mas o que ele está fazendo é prosa clássica francesa. Ele não é um inovador verbal. Também Kafka, Eliot; e um dos meus favoritos é Joseph Conrad. E Richard Hughes. Quem mais? Espere um minuto, vou checar os meus livros de coordenadas para ver se há alguém que esqueci.)

Haveria então uma lei da causalidade, o que fundamentaria a noção de unidade orgânica do universo. O recorte de um cérebro ou de uma estrela não se distinguiria pela substância de que é feito, mas sim pelo movimento que proporcionaria a tudo que estivesse à sua volta.

(Esse não é o modo como ocorrem as coisas. Sinto que a construção aristotélica é uma das grandes algemas da civilização ocidental. Os *cut-ups* são um movimento em direção à derrubada disso.)

Os arquétipos que o poeta concebe durante seus sonhos ou estados de possessão provêm de seu próprio inconsciente, e tornam-se conscientes ao perceber, escrever ou recordá-los.

(As pessoas me dizem, *Ah, é tudo muito bom, mas você o conseguiu por cut-up*. Digo que isso não tem nada a ver, como eu consegui. O que é qualquer texto senão um *cut-up*? Alguém tem que programar a máquina, alguém tem que fazer o *cut-up*? Lembre-se de que primeiro fiz uma seleção. De centenas de sentenças possíveis que poderia ter usado, escolhi uma.)

Como arrancar de cada coisa o julgamento que lhe afirma um sentido único, uma espécie de dimensão funcional? A suspensão do juízo seria uma maneira pertinente de ver uma coisa sem perceber outra, ou seja, de igualar visão e percepção. No entanto, o homem optou por sobrecarregar cada coisa de um sem número de sentidos, uma espécie de acumulação obsessiva de sentidos. O que pode ser visto como um novo desafio para a imaginação:

restaurar o sentido original de cada coisa, soterrado sob demãos e demãos de ideias acidentais e conceituais.

BURROUGHS 1 – Em tudo o que tenho ouvido, há momentos em que percebo a presença de Burroughs. Mas em outros...

No telão as imagens em movimento são substituídas por uma fotografia deformada de WB.

CONFERENCISTA – Não se trata apenas de uma mudança deliberada de estilo. Estamos tendo sempre que rastrear todos os casos em que se perdeu o contato com o autor. Mas quem é de fato o autor? Com que profusão sangra sobre um texto o espírito do autor? Com que intermitência? Eu lhes digo, rapazes, já ouvi muito papo furado, mas ninguém pode se aproximar de um autor iludido pelo conhecimento de sua obra? Diante da abundância da vida, não se pode mais considerar as noções de roubo e autoria. Em certa ocasião nos disse John Cage: “muitas coisas, onde quer que se esteja, o que quer que se faça, acontecem ao mesmo tempo. Elas estão no ar. Pertencem a todos nós.” E em outra oportunidade, disse ainda: “nossa poesia agora é a consciência de que não possuímos nada”. Então alguém indagaria: o que teria Burroughs com Cage, tão distantes, segundo se pensa. Mas que ligação possuía ou queria possuir Burroughs com os *beatniks*? Acaso seu desconstrucionismo não o identificaria mais com o poeta e compositor John Cage? Ou seria um absurdo ver em ambos uma confluência? O próprio Burroughs chegou a considerar a experimentação musical de Cage a mais radical utilização do *cut-up* dentro daquela linguagem. Em outro momento disse não haver afinidade estética entre sua obra e os integrantes da Beat Generation. Mesmo que *The soft machine* seja, no dizer de Burroughs, uma expansão de suas experiências sul-americanas, com prolongamentos surrealistas. Mesmo assim. Montado e remontado obsessivamente, este romance deixava claro que Burroughs não se interessava pelo espontaneísmo isolado que cultivava Kerouac. O autor de *On the road* rejeitava o uso da técnica, considerando apenas a emoção. Defendia que a única coisa que ele e sua arte tinham a oferecer era a verdadeira

história daquilo que viu, e como viu. Kerouac não achava que Burroughs houvesse produzido algo de atraente, exceto por *The naked lunch*, embora este livro o colocasse na condição de o maior escritor satírico desde Jonathan Swift. Para ele, Burroughs abusava da fragmentação. Dizia que o *cut-up* não passava de um velho truque Dadá, um tipo de colagem literária. Dizia Kerouac: "Apesar disso, ele consegue bons resultados. Gosto dele quando é elegante e lógico, e por isso não gosto do *cut-up*, que tenta nos ensinar que a mente é fragmentada." Sim, e também considerava *Junkie* um clássico. Segundo ele, melhor do que Hemingway. *Junkie* não era bem um livro, dizia Burroughs, que via como insatisfatórios os resultados de sua escrita. A Burroughs interessava, tanto quanto a Cage, a introdução de elementos ao acaso, desde que ensaiados à exaustão. Pensavam igual no que diz respeito à necessidade de se sugerir um certo desmazelo. É o que se verifica nos escritos de Cage ou na música de Frank Zappa, por exemplo. Um desmazelo elegante e lógico, se me permitem. E não haveria também um desmazelo elegante e lógico nos improvisos inseridos nas partituras de Duke Ellington? Uma mescla de ritmos periódico e aperiódico, desde que observado que este pode incluir aquele e nunca o contrário. Era o que defendia Cage, ressaltando que o que importa não é desligar o relógio, mas sim eliminar a forma como o usamos. Não há, portanto, cerebralismo excessivo em Cage em relação a Burroughs. Todos os espaços preenchidos com sua arte são consequências de um método semelhante. Anotações sobre ritmos, proporções, sonhos, simetrias, percepções. Corte, montagem, edição rigorosa dos elementos constitutivos. Arte combinatória. A virulência poética de Zappa tem a mesma origem, basta ver como combina música erudita, jazz, fragmentos do teatro do absurdo. Segundo Zappa, a arte afirma-se na citação, na referência, na maneira de abordar realidades preexistentes. Em todos eles, verifica-se uma mescla eficaz de invenção e provocação.

O projeto é desligado.

BURROUGHS 1 – E os *beats*?

CONFERENCISTA – (Não me associo com eles. Trata-se de uma simples justaposição, mais do que de uma verdadeira conjunção de estilos literários ou de objetivos gerais. Kerouac, Ginsberg e Corso são três bons amigos meus, há muitos anos, porém não fazemos a mesma literatura nem compartilhamos os mesmos pontos de vista. Eu diria que a importância literária do movimento *beatnik* não é talvez tão determinante como sua importância sociológica, que certamente mudou o mundo e o povoou de *beatniks*. Derrubou todo tipo de barreiras sociais e se converteu em um fenômeno mundial de terrível importância.)

BURROUGHS 3 – Ouçam as batidas de meu coração.

CONFERENCISTA – *Evidente que Burroughs não queria que sua obra fosse confundida com uma estética beat ou surrealista. Sentia a necessidade de individualizá-la, destacando-a entre a de seus pares. Também não participava do idealismo messiânico de Allen Ginsberg, ao qual opunha um corrosivo niilismo. De qualquer maneira, não se mostrava interessado nessa polêmica entre escritores. Ao contrário, recriava que Breton tivesse dedicado parte de sua vida às cartas de insulto a outros escritores, considerando perda de tempo as discussões literárias, polêmicas, manifestos etc. O mesmo em relação ao que Kerouac havia chamado de abuso da fragmentação. Burroughs estava consciente de seus riscos e acreditava manter controle absoluto da situação. Recorria ao exemplo do Finnegan's Wake, de Joyce, quando queria abordar a armadilha em que pode cair a literatura experimental quando se converte em puramente experimental. Tal observação é válida, sobretudo, para aqueles que pensam que toda a obra de Burroughs, a partir de The naked lunch, se encontra definida unicamente pelo cut-up, ou seja, que tenha recorrido tão-somente a essa técnica. Burroughs soube mesclar a costura aleatória de imagens à narrativa linear convencional, aplicando vários métodos e técnicas, em um processo experimental consistente.*

BURROUGHS 3 – Vamos, ouçam. Ouçam as batidas de meu coração.

BURROUGHS 2 – Se vamos demasiado longe em uma direção, o que ocorre é que não se pode voltar e então ficamos ali em

perfeito isolamento, como aquele antropólogo que desperdiçou os últimos 20 anos de sua vida na controvérsia sobre as batatas, que consistia em saber se as batatas eram originárias do Novo Mundo ou se haviam chegado da Indonésia flutuando. Isto durou 20 anos, durante os quais escreveu cartas mordazes a várias publicações antropológicas especializadas atacando aqueles que se opunham ao seu ponto de vista em tal controvérsia. Enquanto isto, todos acabamos esquecendo qual era mesmo a sua tese sobre as malditas batatas.

BURROUGHS 3 – Nunca refutar ou dar resposta às afirmações da crítica, por mais absurdo que seja o que se escreveu nela. Nunca dar ao crítico azo a ensinar-nos a nós, vigários, o padre-nosso. Ou, como se diz em gíria tauromáquica, não deixar a crítica ensinar ao matador como se faz uso da muleta. Em circunstância nenhuma se deverá investir contra o casaco da crítica, mesmo que ele tenha sido tecido com o fio das distorções desmoralizadoras e das falsidades. A arte de escrever críticas desmoralizadoras é um exercício de magia negra aplicada. Quem as escreve pode perfeitamente provocar à toa associações desagradáveis que comprometam o livro, ao insinuar que ele não é importante, mas sem dizer exatamente porquê. E, ao fazê-lo, evitar muito cuidadosamente a evocação no leitor de quaisquer imagens ou ideias claras e distintas que possam, elas sim, captar toda a sua atenção.

CONFERENCISTA – São truques em trânsito, recorrentes, esgueirando-se para dentro da percepção atrofiada do leitor. Não constituem um exercício crítico, mas antes um equívoco construído.

BURROUGHS 3 – A lei de Poetzel diz que o imaginário onírico exclui a percepção consciente enquanto favorece a percepção pré-consciente. A hipótese freudiana de que o caráter neutro da percepção pré-consciente a permite disfarçar material que, em condições normais, não escaparia à atenção do organismo censor dos sonhos leva a que os afetos desagradáveis sejam atraídos pela percepção pré-consciente. Há de fato uma correlação entre evocação pré-consciente e cume do desagradável. Charles Fischer afirma que os sonhos têm

tendência para escolher os pormenores insignificantes do estado de vigília.

BURROUGHS 1 – Entendida a criação artística como um sonho involuntário, não haveria aí um risco de tornar interessante todo e qualquer sonho, toda e qualquer escolha de pormenores insignificantes à luz da vigília? O que seria arte? É o que não seria?

CONFERENCISTA – Mas não se trata de definição. Pode-se até dizer que a arte é a concentração das dissimilaridades conceituais do que seja insignificante à luz do sonho e da vigília. Porque a arte é irreduzível a uma maneira pela qual o mundo é percebido. Ela é a soma de todas as percepções.

BURROUGHS 3 – Completamente perdida está a noção de tempo.

CONFERENCISTA – Não importa que esteja completamente perdida a noção de tempo.

BURROUGHS 3 – Completamente.

BURROUGHS 1 – Não importa que o homem tenha sido quebrado em sua maneira de ver, ler, enfim, de perceber o que está à sua volta?

CONFERENCISTA – Não no sentido de uma temeridade de encarar o que se tem pela frente. O homem é também o porteiro do Inferno que idealizou. Na verdade, um inferninho de subúrbio.

BURROUGHS 3 – É óbvio que o porteiro, irlandês da gema, fica ressentido com a insinuação de que alguém possa sequer admitir que ele tenha deixado entrar no prédio um cão sem licença. Afinal, ele é o porteiro.

BURROUGHS 1 – Não entendi. O que isto tem a ver?

CONFERENCISTA – O que?

BURROUGHS 1 – Pode repetir?

BURROUGHS 2 – Não sei para onde a ficção normalmente se dirige, mas estou me dirigindo deliberadamente para toda aquela área do que chamamos sonho. O que é um sonho precisamente? Certa justaposição de palavra e imagem. Leio em um jornal alguma coisa que me lembra ou que tem relação com alguma coisa que escrevi. Então recorto a fotografia ou o artigo e colo em um álbum de recortes. Em certo sentido, o uso especial de palavras e imagens pode conduzir ao silêncio. O que quero fazer é aprender a ver mais o que está lá fora, olhar para fora, atingir tanto quanto possível uma completa percepção do que nos cerca. Samuel Beckett quer ir para dentro. Antes ele estava em uma garrafa e agora está na lama. Eu aponto na outra direção: para fora.

CONFERENCISTA – Eis o que busca deliberadamente Burroughs: a percepção do que nos cerca.

BURROUGHS 3 – O escritor só pode escrever sobre uma coisa: o que está diante de seus sentidos no momento em que ele escreve. Sou um aparelho de gravação. Não pretendo impor história, enredo, continuidade a ninguém. Na medida em que obtiver sucesso nesta gravação direta de certas áreas do processo psíquico, poderei ter uma função limitada. Não pretendo entreter ninguém.

BURROUGHS 1 – Quando você já tem a mescla ou montagem, o que faz? Segue as sugestões que lhe oferece o texto ou o ajusta ao que quer dizer?

BURROUGHS 3 – Ele.

Burroughs 3 aponta para Burroughs 2.

BURROUGHS 1 – Sem dúvida. Ele.

BURROUGHS 3 – Psiu.

BURROUGHS 2 – Diria que sigo as sugestões que me oferece o novo arranjo do texto. Esta é a função mais importante do *cut-up*. Às vezes pego uma página, fragmento-a e consigo uma ideia totalmente nova para uma narração linear, prescindindo do material fragmentado, ou pode ser que apenas aproveite uma ou duas frases.

BURROUGHS 1 – Inconscientemente?

BURROUGHS 2 – Não tem nada de inconsciente; é uma operação muito precisa. O sistema mais simples é pegar uma página, cortá-la vertical e horizontalmente pela metade e depois recompor as quatro partes. Agora, é uma forma de *cut-up* bastante ingênua e simples, que serve apenas para obter alguma ideia de recomposição das palavras da página em questão. Tudo é consciente, não há escritura automática nem procedimentos inconscientes. Não se sabe o que vai sair, simplesmente pelas limitações da mente humana, da mesma forma que um indivíduo médio em uma partida de xadrez é incapaz de prever cinco movimentos. Cabe supor que uma pessoa com boa memória fotográfica seja capaz de ver uma página e desmontar mentalmente o conteúdo, ou seja, mudar a posição das palavras... Há pouco escrevi um roteiro cinematográfico sobre a vida de Dutch Schultz. Agora tem uma forma totalmente linear, mas, no entanto, o desmontei página a página e subitamente me vinham novas linhas que logo fui incorporando à estrutura do relato. O resultado é um tratamento cinematográfico perfeitamente normal, de todo inteligível para o leitor médio, que não é, em absoluto, escritura experimental.

BURROUGHS 3 – É um homem metódico e de memória fotográfica.

BURROUGHS 2 – Claro que, pensando bem, *The waste land* foi a primeira grande colagem *cut-up*, e Tristan Tzara também tinha feito alguma coisa nesse sentido. John dos Passos usou a mesma ideia nas seqüências de *The camera eye*. A construção aristotélica é uma das grandes algemas da civilização ocidental. Os *cut-ups* são um movimento em direção à derrubada disso.

BURROUGHS 1 – Não seria uma obsessão sua por fundar alguma coisa? Uma obsessão pela inovação verbal?

BURROUGHS 3 – Quanto tempo leva um homem até aprender que não pode nem quer desejar o que quer? É preciso estar no inferno para se poder ver o céu. Vislumbres, clarões de alegria serena e intemporal, uma alegria tão velha como o sofrimento e o desespero. O velho escritor já não conseguia escrever porque tinha chegado ao fim das palavras, ao fim daquilo que pode ser feito com palavras. E depois?

BURROUGHS 1 – E depois?

BURROUGHS 3 – E depois, Burroughs?

Apagam-se as luzes sobre as cadeiras. Burroughs 2 dirige-se a um caixote sobre o qual se encontra uma máquina de escrever. Pega uma cadeira jogada em um canto do palco, ao fundo, senta-se e começa a martelar a máquina. Enquanto isto, Burroughs 1 sobe ao palco e acende algumas velas espalhadas por várias partes. Ao falar, segue se movimentando de um canto a outro. Apaga-se a luminária sobre a mesa. Logo os quatro Burroughs iniciam um rápido diálogo.

CONFERENCISTA – Acaso as palavras não são objetos secretos e intocáveis?

BURROUGHS 1 – A linguagem é essencialmente mistificação.

BURROUGHS 2 – Serei um polvo?

BURROUGHS 3 – As palavras não são sagradas.

CONFERENCISTA – O que fazer com tudo isso?

BURROUGHS 1 – As palavras são necessárias.

BURROUGHS 2 – Eu sou o que sou / O que sou eu sou.

BURROUGHS 3 – Tudo depende do resultado.

CONFERENCISTA – Eu sou o artista

BURROUGHS 1 – Por que estamos aqui?

BURROUGHS 2 – Serei um polvo?

BURROUGHS 3 – Eu sou a palavra apagada.

CONFERENCISTA – Tu não és senão um livro que foge de si mesmo.

BURROUGHS 1 – A barata de Kafka fugiu apavorada.

BURROUGHS 2 – Sinto que vou dar à luz um horrível inseto.

BURROUGHS 3 – Tudo depende do resultado.

CONFERENCISTA – Tu és o livro invisível.

BURROUGHS 1 – Eu sou tua alma.

BURROUGHS 2 – Eu sou o que sou / O que sou eu sou.

BURROUGHS 3 – Tudo depende do resultado.

Uma trilha de rangidos se mescla ao barulho das teclas da máquina de escrever. O telão apresenta sequência de recortes, jogo de palavras, sobreposição de textos. Logo Burroughs 2 tira uma folha de papel da máquina. Novo diálogo entre eles.

BURROUGHS 1 – O que estamos fazendo aqui? Qual a continuidade disso?

BURROUGHS 2 – Que merda é essa?

BURROUGHS 3 – Possessão é como isso é chamado. Algumas vezes, uma entidade salta dentro do corpo. Os contornos

estremecem em uma geleia amarelo-alaranjada, e mãos se movem para estripar a prostituta que passa ou estrangular a criança do vizinho, na esperança de amenizar uma crise habitacional crônica. Como se eu estivesse normalmente aqui, mas sujeito a sumir uma que outra vez. Mentira! Eu nunca estou aqui!

BURROUGHS 1 – Vocês nunca estão em parte alguma...

BURROUGHS 3 – Escritores mencionam o doce-doente cheiro da morte, enquanto qualquer viciado poderá dizer que a morte não tem cheiro. Ao mesmo tempo, um cheiro que corta a respiração e detém a circulação do sangue. Incolor não-cheiro de morte. Ninguém pode respirá-lo e cheirá-lo através de róseas circunvoluções e filtros de sangue negro. O cheiro da morte é, definitivamente, um cheiro, e a completa ausência de cheiro... A ausência de cheiro fere o olfato em primeiro lugar, porque toda a vida orgânica tem cheiro. Sente-se a suspensão do cheiro como os olhos sentem a escuridão, os ouvidos, o silêncio, o sentido de equilíbrio e de orientação, o cansaço e a falta de peso.

BURROUGHS 2 – Que merda é essa?

BURROUGHS 3 – Eu cuspo em cima do Deus dos Cristãos. Quando o Deus Branco chegou à América, trazido pelos espanhóis, os índios acorreram com oferendas de fruta e bolos de milho e chocolate. Em retribuição, o Deus Branco decepou-lhes as mãos. Não foi Ele o responsável pelas ações dos conquistadores cristãos? É claro que foi! Todo o Deus que se preza é responsável por aquilo que fazem seus adoradores e fiéis.

Acende-se a luz da luminária. Enquanto Conferencista lê essa primeira fala, Burroughs 1 segue apagando todas as velas. Em seguida, retorna a seu lugar indefinido na plateia. Durante essa primeira fala, Burroughs 3 se agita em sua cadeira, como se fosse ele que estivesse falando.

CONFERENCISTA – (Final foi descoberto que Deus não queria que nós fôssemos todos iguais. | Estas foram más notícias para os governos do mundo que pareciam em oposição à doutrina da

servidão separada e controlada. A humanidade deveria ser feita mais uniformemente. Se o futuro funcionasse. | Vários caminhos foram procurados para que ficássemos todos ao mesmo nível. Mas infelizmente a igualdade não foi conseguida. | Foi por esta altura que alguém veio com a ideia da criminalização total, baseada no princípio de que se todos nós éramos delinquentes poderíamos finalmente ficar iguais, até certo grau, aos olhos da lei. | Os nossos legisladores calcularam sagazmente que a maioria das pessoas era demasiado preguiçosa para praticar um verdadeiro crime. Por isso, novas leis foram feitas para tornar possível a qualquer um violá-las a qualquer hora do dia ou da noite, e uma vez desrespeitadas as leis nós seríamos todos do mesmo grande e feliz clube, ali mesmo, junto ao presidente, os mais glorificados industriais e as grandes cabeças do clero de todas as vossas religiões preferidas. | Criminalidade total foi o maior ideal do seu tempo e foi grandemente popular, exceto para aquelas pessoas que não quiseram ser delinquentes ou criminosas. | Por isso, naturalmente tinham de ser todos levados a isso por truques... O que é uma das razões pela qual a arte foi finalmente declarada ilegal.)

Todas as velas já se encontram apagadas. Tem início a segunda parte da conferência. Surge no telão, apenas durante esta primeira fala, outra foto deformada de WB.

CONFERENCISTA – Burroughs defendia não haver uma descrição acurada de um livro. Sempre há maneiras diferentes de olhar a mesma coisa, justificava. Uma prova disto é que as críticas feitas a *The naked lunch*, de que se trata de uma escritura pornográfica, jamais se aplicariam à obra de Hieronimus Bosch, embora o próprio Burroughs considere íntima a similitude entre o que descreve em seu livro e o que pinta Bosch. Além disso, não julgava demasiado importante o tema ou as condições em que se escreve. Ou se tem êxito ou não se tem. O produto artístico, como dizia, sustenta-se ou não tão-somente por aquilo que é. Escrever sob o efeito de drogas não deve ser motivo de julgamento acerca do valor de uma obra. O mesmo em relação ao assunto de que trata. Certa vez declarou que jamais escreveria em função do leitor, e que continuaria a escrever mesmo diante

da absoluta certeza de não haver leitor. Continuará a escrever por companhia, por estar criando um mundo imaginário – sempre imaginário – no qual gostaria de viver.

Breve silêncio. Burroughs 2 se levanta, e se dirige ao Conferencista, pondo-lhe seu chapéu na cabeça e postando-se de pé, às suas costas. Um gemido distorcido da guitarra acompanha esse movimento. Ao cessar, Conferencista retoma sua fala, sempre antecedido de um grito de Burroughs 1, vindo de várias partes do palco.

BURROUGHS 1 – 1953: *Junky*.

CONFERENCISTA – Viciados adoram ver televisão. Billie Holiday disse que sabia que estava largando as drogas quando deixou de gostar de ver TV. Ou então eles se sentam e leem um jornal ou uma revista e, por Deus, o leem de ponta a ponta. Conheci um velho drogado em Nova York que costumava sair e comprar um monte de jornais e revistas, alguns doces e vários maços de cigarro. Daí ele se sentava em seu quarto e lia todos aqueles jornais e revistas de uma só vez. Indiscriminadamente. Cada palavra.

BURROUGHS 1 – 1959: *The Naked Lunch*.

CONFERENCISTA – Na verdade, ele foi escrito principalmente em Tânger, depois de eu haver me curado com o Dr. Dent, em Londres, em 1957. Voltei a Tânger e comecei a trabalhar sobre um monte de anotações que tinha feito em um período de anos. A maior parte do livro foi escrita nessa época. O submundo marginal foi exatamente o que pretendi criar. Um tipo de folclore bunda, de botequim, de cidade pequena, do meio-oeste, muito a minha própria formação. Esse mundo era uma parte integral da América e não existia em nenhum outro lugar, pelo menos não da mesma forma.

BURROUGHS 1 – 1960: *Minutes to go*.

CONFERENCISTA – *Minutes to go*, que incorporou pela primeira vez os experimentos de *cut-ups*, converteu-se em um livro

profético. É evidente que há algo de errado com o próprio conceito de dinheiro. Cada vez custa mais comprar menos. O dinheiro é como a droga. A dose que basta para a terça-feira não será suficiente na quarta. Uma vez, o herdeiro de uma conhecida estirpe de banqueiros me contou um segredo de família. Quando um jovem banqueiro alcança certo estado de responsabilidade e conhecimento, é conduzido a um quarto tomado de retratos familiares em cujo centro há um banheiro dourado. Terá que ir ali todos os dias para defecar até que se dê conta de que o dinheiro é merda. E o que come a máquina monetária para transformá-lo em merda? Come a espontaneidade, a vida, a juventude, a beleza, e, sobretudo, come a capacidade de criar. Come qualidade e caga quantidade. Houve um tempo em que a máquina comia com moderação de uma despensa bem surtida, e o que comia era substituído. Agora a máquina devora mais depressa, e muito mais depressa do que se pode substituir o que come. Esta é a razão porque o dinheiro, por sua própria natureza, vale menos cada dia. Chegará um dia em que o dinheiro não será nada, porque não restará nada para que o dinheiro compre. O dinheiro eliminará a si mesmo.

BURROUGHS I – 1961: *The Soft Machine*.

CONFERENCISTA – O corpo humano, na realidade, tem duas metades. As duas metades não são iguais. O lado esquerdo e o direito não são iguais, não somente porque a maioria das pessoas utilize mais a mão direita. O lado direito do cérebro, se a pessoa é destra, está praticamente em desuso. Os personagens partidos ao meio e combinados para formar duas novas pessoas não compreendem nenhum simbolismo especial. É uma mera possibilidade que, imagino, com o tempo estará ao alcance da ciência médica. Também em *The soft machine* eu propus que os sexos deveriam se separar, que todos os meninos fossem educados por homens, e todas as meninas por mulheres. Quanto menos tenha que ver um sexo com o outro, tanto melhor, penso eu.

Burroughs 2 toma seu chapéu da cabeça do Conferencista e retorna a seu lugar. Um gemido distorcido da guitarra acompanha esse movimento. Ao cessar, Burroughs 1 irrompe com uma pergunta.

BURROUGHS 1 – O que sente pelas mulheres?

BURROUGHS 3 – Um personagem de Joseph Conrad as definiu melhor do que ninguém. Diz ele que as mulheres são uma perfeita calamidade. Creio que foram um erro básico e que todo o universo dualista nasceu a partir desse erro. As mulheres já não são necessárias para a reprodução.

BURROUGHS 1 – Não foi Artaud quem disse que a sexualidade é uma barreira que impede a aproximação do homem e da mulher?

BURROUGHS 3 – Não me interessa essa aproximação. Não a vejo como barreira. Creio que toda a orientação anti-sexual de nossa sociedade está basicamente manipulada por interesses femininos. Porque manter submersa a sexualidade faz parte de seus interesses. São os interesses das mulheres que são anti-sexuais.

CONFERENCISTA – *The naked lunch* chegou a ser considerado por Norman Mailer como um trabalho alucinatório escrito por um gênio. Por sua vez, Burroughs admite que jamais o teria escrito sem haver passado por aquele incidente da morte de sua mulher. Certa vez declarou sentir-se forçado à conclusão apavorante de que nunca teria se tornado um escritor sem a morte de Joan. Disse então: *Vivo sob a ameaça constante de possessão, uma necessidade constante de escapar da possessão, do controle. De maneira que a morte de Joan me pôs em contato com o invasor, com o espírito feio, que me manobra em uma luta vitalícia na qual não tenho a escolha de não participar.*

BURROUGHS 2 – Bill, você se interessa por insetos?

BURROUGHS 3 – O velho escritor vivia em um vagão reconvertido ao pé do rio, em um depósito de lixo. O lixo na realidade era um ferro-velho pertencente a uma companhia para a qual ele trabalhava na condição de guarda. Comandante de um depósito

de ferro-velho. Por vezes punha um boné de velejador. O escritor já não escrevia. Tinha um bloqueio mental. Acontece.

Durante toda a fala que segue o telão reproduz uma foto-biografia de WB.

CONFERENCISTA – 11 de agosto de 1997. Poucos minutos atrás ouvi as notícias sobre a morte de William Burroughs. Nascido em fevereiro de 1914, Burroughs cresceu em St. Louis, dotado de uma fascinação por armas e crime, além de uma inclinação natural por romper todas as regras surgidas à sua frente. Não se ajustando à sociedade burguesa, embora concluindo um curso em Harvard, Burroughs abandonou tudo e experimentou inúmeros e intrigantes estilos de vida, sempre com o apoio financeiro de seus pais. Logo no início dos anos 30 viajou para Nova York, decidido a procurar por sua liberdade junto a um mundo de criminosos e viciados. Tornou-se então viciado em heroína. Ao conhecer Lucien Carr este logo lhe apresentou a uma multidão de jovens loucos e inconformados, estudantes na Universidade Columbia, entre os quais Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Joan Volmer, com quem se casaria. Embora fosse bem mais velho que os demais, causou grande impressão por sua inteligência e um acurado cinismo mundano. Além disto, despertava atenção sua convivência com criminosos. Burroughs, entretanto, não havia ainda começado a escrever. Foi uma época de grandes experimentações, drogas, homossexualismo, transgressões de toda ordem. Em seguida ele viajaria para o Texas, onde tentaria a vida como fazendeiro, plantando laranja, algodão e maconha. A visita que lhe fez Kerouac e outros amigos encontra-se descrita em *On the road*, em cenas inesquecíveis. Perseguido pela polícia, em função das drogas, Burroughs levou Joan e as crianças para o México, onde acabaria se dando o absurdo fato que mudaria sua vida. Ao exhibir para amigos uma arma, anunciou seu ato a Guilherme Tell, pondo um vidro na cabeça de Joan e a matando com um único tiro. Após o incidente, as crianças foram morar com os avós e Burroughs vagou por vários lugares na América do Sul, logo indo parar em Tânger. Vivía ali enquanto seus amigos mais próximos, Kerouac, Ginsberg e Gregory Corso, agitavam Nova York com a Beat

Generation. Após um período de grande agitação e repercussão, Ginsberg e Kerouac foram encontrar-se com Burroughs em Tânger, e então o ajudaram a organizar a pilha de histórias sujas que vinha escrevendo, inteiramente à toa. O título acabou sendo sugerido por Kerouac. Assim nascia *The naked lunch*, *O lanche nu*, livro que tornaria Burroughs uma celebridade. Logo em seguida, através de um método que ficaria conhecido por *cut-up*, Burroughs iria compor uma série de romances a partir de retalhos de vários textos e anotações de viagem. Embora não sendo considerado originalmente um *beatnik*, seu nome encontrou-se sempre vinculado, de uma forma ou de outra, a essa geração. Era uma figura extremamente polêmica, irritantemente provocadora, sendo odiado, em particular, pelas mulheres, pois sobre elas publicou inúmeras e sórdidas generalizações. Sua escritura crua e o humor corrosivo, com uma instigante ênfase dada à liberdade pessoal, incluindo-se aí as abordagens homossexuais e do mundo das drogas, tornaram-no tanto atraente quanto repulsivo. Muito admirado no mundo da música pop, com parcerias surpreendentes com Laurie Anderson e Tom Waits, entre outros, chegou a gravar um disco juntamente com Kurt Cobain, vocalista do Nirvana. Seus textos sobre mídia colocaram-no em um centro de atenções compartilhado por personalidades como Timothy Leary, Marshal McLuhan e Andy Warhol. No dia 2 passado, aos 83 anos de idade, morreu Burroughs, de uma parada cardíaca. Sua vida foi constantemente confundida com um sórdido sentido de obscenidade, tendo sido tachado de paranoico e moralista. Muitos defendem que sua desconcertante atuação marca um momento, juntamente com toda a geração *Beat*, de grande importância para a cultura estadunidense, não por suas realizações, mas antes como exemplo lastimável de sua degeneração. Crítico feroz do *way of life*, Burroughs escreveu romances e contos em que o realismo exasperado se mescla a experiências estilísticas que o aproximam de James Joyce. Seus temas mais constantes são a burocracia estatal, a guerra, o homossexualismo, as drogas, os vícios, a tirania psiquiátrica, tudo visto sob uma ótica sombria. Ele mesmo sintetizou sua obra...

BURROUGHS 3 – O velho escritor disse.

CONFERENCISTA – Como disse?

BURROUGHS 2 – Toda a minha obra é dirigida contra aqueles que estão determinados, por estupidez ou por desígnio, a fazer explodir o planeta ou torná-lo inabitável.

CONFERENCISTA – Como o pessoal da publicidade...

BURROUGHS 2 – Como o pessoal da publicidade... estou interessado na precisa manipulação da palavra e da imagem para criar uma ação, não a de sair para comprar uma coca-cola, mas a de provocar uma mudança na consciência do leitor.

BURROUGHS 3 – Eu trabalho para o buraco negro
Onde nenhuma lei é válida.

BURROUGHS 2 – Os velhos romancistas, como Walter Scott, passavam o tempo a escrever para se livrarem das dívidas... louvável... em um escritor a tenacidade é atributo precioso. Por isso que Bill desata a escrever para se livrar da morte.

BURROUGHS 1 – Da morte?

BURROUGHS 2 – A morte, segundo ele, equivale a uma declaração de falência espiritual... Tem de se ter o cuidado de evitar esse crime que é o encobrimento de fundos e rendimentos... Um inventário suficientemente detalhado mostra muitas vezes que os fundos, os rendimentos e os valores colaterais são consideráveis e que a declaração de falência afinal não se justifica. Um escritor tem sempre de ser metuculoso e escrupuloso no que respeita às suas dívidas.

BURROUGHS 1 – E qual tem sido seu trabalho?

BURROUGHS 3 – Eu trabalho para o buraco negro
Onde nenhuma lei é válida.
Trabalhando para o buraco
Eu faço uma mula parir

Sou espião não convidado
Alma errante sem dado
Irrompo aqui
Irrompo ali
Não tenho meta humana
Sou singular
Não tenho eu humano
Humano algum paga meus impostos
Ou liberta meu eu
Sou fechadura sem chave
Uma singularidade
Eu trabalho para o buraco negro
Onde nenhuma lei é válida.

BURROUGHS 1 – Em que consiste tal singularidade?

BURROUGHS 3 – Há trinta anos Burroughs escreveu um livro intitulado *O rapaz que esculpia animais de madeira*. A história dizia respeito a um rapaz aleijado que esculpia animais de madeira e lhes dava vida através de certos rituais masturbatórios. Quando as criaturas voltaram a ser de madeira, então conseguiu dar-lhes uma vida final através de sua própria morte. Os animais fugiram e espalharam-se. O livro o tornou famoso. Foi cruelmente atacado e extravagantemente elogiado. Burroughs nunca mais escreveu.

BURROUGHS 1 – Nunca mais?

BURROUGHS 3 – O velho escritor já não conseguia escrever porque tinha chegado ao fim das palavras, ao fim daquilo que pode ser feito com palavras.

BURROUGHS 2 – Nunca se possui verdadeira coragem antes de se perder a coragem. Mas perder de modo abjeto, completo... desatado a fugir, rastejar. E não há alteração que se compare à da coragem reconquistada. E por isso é que é quase sempre fatal.

BURROUGHS 1 – E como se transcende?

CONFERENCISTA – E se não há mais nada para se transcender, por que então perambular por aí, à espera do quê?

BURROUGHS 1 – Como?

CONFERENCISTA – É o que diz precisamente um trecho de seu romance *As terras do poente*...

BURROUGHS 3 – Psiu...

BURROUGHS 2 – Nunca se luta frontalmente contra o terror. Essa de termos de nos dominar é uma grande merda. Quanto mais nos dominamos, piores as coisas se tornam. Deixem o medo entrar e observem-no: de que cor é? Que forma possui? Que nos encharque e se despeje. Dar um passo atrás, isso sim. Fingir que não o vemos. Agir normalmente, como se fosse banal.

CONFERENCISTA – Não resta dúvida de que o terror agudo e o aborrecimento mortal são duas coisas incompatíveis.

BURROUGHS 2 – [virando-se para Burroughs 3] Quer fazer esse merda se calar.

BURROUGHS 3 – [virando-se para Conferencista, põe um dedo na boca, pedindo silêncio.]

BURROUGHS 2 – Há imensas maneiras de nos distanciarmos do medo. O melhor é ficar calado e deixar o medo falar. A morte não gosta de ser vista de tão perto. A morte tem sempre de extrair reconhecimento surpresa: “Tu?!” É a última pessoa que se esperava ver e, simultaneamente, quem mais poderia ser?

BURROUGHS 3 – A morte...

BURROUGHS 1 – Quem é?

BURROUGHS 2 – Quem mais poderia ser?

Apagam-se as luzes sobre as cadeiras, acende-se o filete de luz sobre o boneco de ventriloquo. Ouve-se então, em off, a voz de Burroughs lendo "That's the way".

THAT'S THE WAY

That's the way the stomach rumbles
That's the way the bee bumbles
That's the way the needle pricks
That's the way the glue sticks
That's the way the potato mashes
That's the way the pan flashes
That's the way the market crashes
That's the way the whip lashes
That's the way the teeth gnashes
That's the way the gravy stains
That's the way the moon wanes

CONFERENCISTA – É assim que a lua minguia
É assim que o molho mancha
É assim que os dentes rangem
É assim que o chicote açoita
É assim que o mercado quebra
É assim que a frigideira chia
É assim que a batata amassa
É assim que a cola gruda
É assim que a agulha pica
É assim que a abelha zumbe
É assim que a barriga ronca

Apaga-se a luz, permanecendo acesa apenas a luminária sobre a mesa. Luz sobre as duas cadeiras, uma de cada vez, na medida em que os atores retomam a fala. Ouve-se a voz de Burroughs 1, de distintos lugares da plateia.

BURROUGHS 1 – Isso é um *cut-up*!

BURROUGHS 3 – Por que esta imbecil fica pulando de um galho para outro da escuridão?

BURROUGHS 1 – Fala, Burroughs, o que é um *cut-up*?

BURROUGHS 2 – É a droga de uma técnica como outra qualquer. Pode ser útil em alguns casos e em outros, não. Depende do que você está fazendo. Agora, se você está querendo retratar uma consciência urbana confusa, então é uma técnica muito útil.

BURROUGHS 3 – É uma máquina de perturbação da ordem semântica.

BURROUGHS 1 – E de onde tiraste essa ideia de que a escritura leva 50 anos de atraso em relação à pintura?

BURROUGHS 2 – O pintor pode tocar e manipular seus materiais, coisa que o escritor não pode. O escritor não sabe o que são as palavras. Opera com abstrações surgidas das palavras. As possibilidades do pintor para tocar e manipular seus materiais lhe conduziram às técnicas de montagem há 60 anos. É de se esperar que a divulgação das técnicas *cut-ups* tornem viáveis experimentos verbais mais terminantes, encurtando esta desfase e dando à escritura toda uma nova dimensão. Essas técnicas podem ensinar ao escritor o que são as palavras pondo-o em comunicação tátil com seus materiais e possibilitando o acesso a uma ciência exata das palavras que demonstrará como combinações concretas de palavras produzem efeitos concretos sobre o sistema nervoso humano.

BURROUGHS 1 – Por que você escreve?

BURROUGHS 2 – Porque é o meu negócio. Escrever é o meu sustento. Eu sei fazer isto. Você pode perguntar o mesmo a um advogado ou a um policial, a resposta será a mesma. Isso é o que eles sabem fazer. O que eles fazem profissionalmente.

BURROUGHS 1 – Para onde estamos indo?

BURROUGHS 2 – No momento, sinto que não estamos indo para lugar nenhum. Quanto ao que tenho escrito, já disse: estou me

dirigindo deliberadamente para toda aquela área do que chamamos sonho. 70% do que escrevo eu obtenho de meus sonhos.

BURROUGHS 3 – Mas que diabos de pergunta...

BURROUGHS 1 – Para onde?

BURROUGHS 2 – Os sonhos são uma coisa necessária, são uma necessidade biográfica. Os deuses são uma necessidade biológica. São parte integral do homem. Vejamos o caso dos faraós. A presença deles era divina. Desempenhavam tarefas notáveis de força e destreza. Conseguiram ler a mente e os corações dos súditos, prever o futuro. Tornaram-se deuses. Ser deus significa por vezes ter de aplicar sanções terríveis: cortar a mão de um ladrão ou os lábios a um perjuro.

BURROUGHS 1 – Escritores são deuses?

BURROUGHS 2 – Um trapaceiro é mais um diretor de cinema do que um escritor.

BURROUGHS 3 – Agora, imaginemos que um acadêmico, intelectual e mau católico, humanista, chegue um dia a tornar-se... deus. Não consegue, pura e simplesmente, infligir sofrimento de qualquer espécie. O que acontece? Nada. Não há acidentes horríveis... Nem sequer uma velhinha morta no incêndio, em seu quarto alugado. Não há furacões, nem ciclones. Não há oposição, nem dor, nem decadência. Nem mesmo morte.

BURROUGHS 2 – [dirigindo-se a Burroughs 1 na plateia] Ei, você que fica pulando de um ponto a outro de seu horrível desempenho. O homem perdeu de vez a véspera de sua destruição.

BURROUGHS 3 – Muitos sujeitos são vulneráveis à humilhação sexual. Nudez, estímulo com afrodisíacos e supervisão constante para embarçá-lo e impedir o alívio da masturbação. O barato de hipnotizar um padre e dizer que ele está

consumando uma união hipostática com o Cordeiro – e em seguida enfiar-lhe no cu uma ovelha velha e dissoluta.

BURROUGHS 2 – Um escritor pode obter algo de onde outra pessoa nada consegue. Por mais desagradáveis que sejam as experiências. Minha experiência como um viciado foi muito útil para o que sou como escritor. Me deu muito material. A verdade é que o vício nos põe em contato com alguns fundamentos. Nos dá uma sensação de realidade que talvez você não teria sem isso.

BURROUGHS 3 – Já lhe contei a respeito de um homem que ensinou o cu dele a falar? A barriga inteira mexia para cima e para baixo, entende?, peidando as palavras. Era algo diferente de tudo o que já ouvi. Esse papo do cu tinha uma espécie de frequência visceral. Batia direto lá embaixo, com uma espécie de soco. Sabe quando o velho cólon dá uma cutucada e você sente um friozinho por dentro, e sabe que tudo o que tem a fazer é se afrouxar? Bem, esse papo batia exato ali embaixo, um som grosso estagnante, um som que você podia cheirar. Esse cara trabalhava em um circo, entende?, e para começar era uma novidade como ventríloquo. Realmente engraçado, no começo. Ele fazia um número chamado *O melhor buraco* que era uma doideira, juro mesmo. Eu me esqueço da maior parte, mas era muito inteligente. Algo como: *Oh, você ainda está aí embaixo, coisa velha? / Não! tive que ir me aliviar.* Depois de algum tempo, o cu começou a falar por conta própria. Ele entrava em cena sem nada preparado, e o cu improvisava, respondia às piadas com outras o tempo todo. Aí, o cu desenvolveu uma espécie de ganchinhos curvados e ásperos, à maneira de dentes, e começou a comer. Ele achou isso engraçadinho, e bolou um número em função da coisa, mas o cu abria caminho pelas calças e começou a falar na rua, berrando que queria igualdade de direitos. Tomava porres e tinha crises e choro do tipo ninguém me ama. Queria ser beijado como qualquer boca. No final, o negócio falava o tempo todo, dia e noite, você podia ouvi-lo por quarteirões berrando ao cu que se calasse e batendo nele com o punho, enfiando velas nele. Mas coisa nenhuma adiantava, e o cu disse para ele: *É você que vai se calar no fim. Não eu. Porque nós não precisamos mais de você por aí. Posso falar e comer e cagar.*

Apagam-se as luzes sobre as cadeiras, acende-se a luminária sobre a mesa. Tem início a terceira parte da conferência.

CONFERENCISTA – Os negócios do sexo são de grande atração em todo o mundo. Os negócios do sexo. Os negócios das drogas. Há uma ideologia insidiosa desvirtuando o desejo, valorizando as ilusões. Uma grande loja de distúrbios. Este é o alcance político que nos une a todos, a verdadeira dimensão ontológica da existência humana: o negócio das ilusões. Não há prestígio maior que o da extrema ausência de valores humanistas. Não há autoritarismo ou repressão sexual como um fim em si. Não mais. O acumulador de orgônios de Reich foi adaptado para acumular desilusões. A energia mais valiosa onde quer que pulse a besta do coração humano. Não há desregramento que convença a máquina a parar de funcionar. Há um olho cínico em sua tez metálica que pisca e revela que a desordem não representa mais nada. Os negócios estão indo bem e compõem uma intrincada rede de relações. Atingem grupos de risco e convertem em veleidade toda forma de misticismo. Não há amor sublime, mas sim desilusão. Os negócios atraem clientes como uma fonte de libertinagem. Os negócios ampliam o círculo de amizades tecidas às voltas com novas oportunidades. Avôs de alguns clientes ainda comentam sobre as leis ideais que foram exterminadas. Há um prêmio especial para aqueles que confessarem desilusão diante das declarações de parentes. Não há nisto o sentido de delação. É muito natural que uma regra nova elimine uma anterior.

Pausa

Os negócios dos valores intrínsecos, pequena loja de peças de reposição. Um dissabor gasto pode ser rapidamente restaurado. Uma crise nervosa interrompida pode ser rebobinada sem maior custo. Há empórios que recebem o relato em troca de um pequeno estojo de devassidão. Há campanhas eletrônicas que dão a cada desilusão um destino literário e transmissões diárias de amores impossíveis convertidos em sublimes momentos de resignação pública. Sob um controle tão excêntrico do desejo,

não há naturalmente mais vida íntima. São recomendadas ações punitivas contra aqueles que se recusem a divulgar os novos métodos de circulação das desilusões.

Pausa

Os negócios de títulos e cerimônias. Uma pedra *Beat*, negociada no mercado paralelo, deve valer, com sorte, dois braços cobertos de azinhavre de uma linhagem mística. Tais ideias de contato direto há muito caíram em desuso. Em raros colecionadores encontramos anotações pouco legíveis de uma tradição anarquista. Os negócios tomaram conta de tudo. A memória tornou-se um bem improvável. A desilusão não prevê o deboche. Há um compromisso velado com a seriedade de sua falta de propósito. Daí que os negócios prevejam hostilidade veemente e imediata a toda forma de rejeição frontal ao Grande Dissabor, seu inconfessável patrono. Os negócios da glorificação conduzem a um estado plenamente aceitável de controvérsia. Pequenas gotas de estímulo administradas em concentrada posologia. Os anúncios de rejeição, as notas de suicídio, núcleos de oração, trios elétricos, discretas campanhas publicitárias em defesa da influência implícita, as respeitáveis manifestações de um espontaneísmo induzido. A orgia rimada e metrificada. Não estaria aí o estágio mais elevado da criação?

Pausa

Talvez Burroughs tenha pensado, em algum momento de sua vida, que todo este cenário um dia retornasse às páginas de uma fábula pouco lembrada pelos filhos dos filhos dos filhos. Não creio. O velho Bill teimava contra seu tempo, mas antes teimava contra si mesmo. Não importava se por regressão ou expansão, seu diálogo obsessivamente buscado era com o enunciado à entrada de uma zona dada como neutra. A placa dizia: há um monte de safados lá fora. A zona ainda hoje é conhecida como comunidade literária. É bastante visitada. Em seus pardieiros moram gordos zeladores. Muitos deles parceiros discretos nos negócios de caixa, senhores no submundo das desilusões. Artistas. São conhecidos assim. Azeitam as máquinas do

paradoxo progressivo. São extensões invisíveis dos estimulantes sexuais e outras formas minúsculas de emoção barata. Houve um tempo em que Burroughs achava que a realidade era uma ilusão criada por insetos monstruosos que dominavam o mundo, controlando as mentes a partir de uma dimensão paralela. Reagiu achando que na eliminação do tema haveria uma chance da narração não conduzir ao umbigo sem saída do tormento que a manipulava.

BURROUGHS 2 – As visões e todas as verdades não podem mais ser consideradas como fatos eternos e objetivos, mas como projeções plásticas do emissor e de sua linguagem. Por isso, ninguém mais pode continuar se preocupando apaixonadamente com efeitos, por mais aparentemente reais que sejam, sabendo que por dentro todas as visões e verdades são, ao final das contas, vazias. Assim, o passo seguinte é o exame da causa desses efeitos, o veículo das visões, o produtor da verdade, ou seja: palavras. A própria linguagem é a matéria prima. Assim, o próximo passo é: como escrever poesia sobre poesia, empregando um método radical que elimine o próprio tema.

CONFERENCISTA – Boa chance. Talvez ainda válida. Os objetivos foram convertidos em nuvens de esgotamento. Toda forma de abismo foi declarada inconsciente. A criatividade é uma percepção diante do vazio. Um estalo diante do nada. Não uma interpretação de fatos externos. Os negócios amaciaram tudo. Em uma mesma prateleira encontramos visões, estimulantes sexuais, manuais de argumentos inverossímeis sobre a nulidade do ser, saquinhos fantásticos e kit de reflexão sobre a percepção comum. Não há como não se sentir bloqueado. No entanto, os negócios do bloqueio faturam milhões. Não são uma ameaça. São a naturalidade. Os negócios deste e de outro mundo. Negócios do personagem que mergulha na alteridade e dela retorna pioneiro sem uma sombra de si. Suas alucinações são alheias. Seus regozijos, orgasmos, coceiras, embolias. Um merda capado de si mesmo. Este é o modo de conhecer o homem toupeira do homem. O modo de aturar as merdas decorrentes de creditar na arte toda a forma de salvação do homem. Uns bostas se aproveitam disso. É um desgaste decorrente da expulsão do

homem do centro de si mesmo. A Religião não tem nada com isso.

BURROUGHS 2/BURROUGHS 3 – Não.

CONFERENCISTA – A Ciência não tem nada com isso.

BURROUGHS 2/BURROUGHS 3 – Não.

CONFERENCISTA – A Arte não tem nada com isso.

BURROUGHS 2/BURROUGHS 3 – Não.

CONFERENCISTA – O serviço secreto dos negócios da desilusão é, de fato, uma instituição. Porém não se encontram seus membros filiados aos quadros moralistas de nenhuma dessas casas de tolerância. Os governos já não existem. À porta da velha noção de pluralismo encontramos o aviso de *não perturbe*. Não há expansão de consciência em praças de alimentação em shoppings. Todas as regras de identidade são forçadas. O homem impele a si mesmo ao hediondo crime de existência comum. Não há mais escândalo em seduzir rapazes ou comprar governos. Os negócios da dúvida são a única certeza posta ao alcance dos mortais, em taxas de financiamento de ocasião. Não há o que ser respeitado ou cumprido. Não há decreto. Não, não há decreto. Há um cinismo encorpado que nos leva a crer que prosternamos diante de uma realidade incontornável. Não fizemos nada, nem faremos. Passeatas, denúncias, shows de protestos. Um exorcismo patético. Nos livramos de nós mesmos, sem que interfiramos na rotina específica do hospedeiro cretino que nos prepara para os negócios latentes da perda de sensibilidade.

Pausa

Estamos caindo em anotações. Burroughs tinha alguma razão. Nada é tão específico quanto a perda de caráter. Estamos nos enganando. Não somos mais nada. Estudantes, carteiros, drogados, prostitutas. Não somos mais nada. Não há

manifestações pacifistas. Os jornais estão tomados de violência. Os negócios da violência. Todos os sentidos estão sob patrocínio. Não há mais a fala real que Kerouac perseguia. A linguagem perdeu o som. O homem perdeu a respiração. Já não cai sequer em si. Burroughs fala em uma comprida colher feita de jornal, receptáculo para se aquecer a noção fraudada da existência. Idealizar queda é o mesmo que idealizar ascensão. Ritos do passado são apenas métodos revistos. Ninguém lançará um clamor de protesto sem patrocínio. Todo e qualquer vício obedece a formas básicas de manutenção. Não importa falar em frio ou qualquer salão de restrições. O prazo expira em um peido. Um barato termodinâmico, pum. Pronto. Lá se foi a existência. Não somos o negócio. Nem seu efeito. Mas somos levados a crer que o trazemos tão grudado como o farfalhar das tripas. Foda-se então a velha ordem do saca-rolha. Já temos o demônio sentado no sofá. Somos agora o negócio famélico e audaz. A transa do bueiro. Uma *rolding* de aspergentes que garantem nível zero de percepção diante do metabolismo anômalo da realidade. Um líquido que não indaga. Uma velha carta dando sinal da queda de um império, chegada com grande atraso. É como aumentar a dose de ilusão.

Pausa

Olhem bem. Olhem bem. A palavra é um espirro. O vírus é um espírito. O que sai fácil não entra como se em férias. Nenhuma gravação modificará a espontaneidade do que falo. Porém a espontaneidade perdeu todo o crédito.

Burroughs 2 dirige-se ao caixote onde está a máquina de escrever e começa a teclá-la, como se estivesse redigindo a fala de Burroughs 3.

BURROUGHS 3 – Escutem minhas últimas palavras, não importa que mundo. Escutem, conselheiros de sindicatos e governos da terra. E vocês, potências poderosas detrás de seus negócios sujos realizados em banheiros, a fim de segurar o que não lhes pertence. Para vender a terra sob os pés dos que ainda não nasceram. Escutem. O que tenho a dizer é para todos os homens, não importa onde estejam. Ninguém é excluído. Que tudo seja

gratuito para todos aqueles que pagam. Gratuito para todos aqueles que seguram o trabalho duro. O que lhes fez temer tanto entrar no tempo? O que lhes fez temer retornar ao corpo? Agora escutem minhas últimas palavras, as palavras do velho Bill. Escutem, olhem ou se caguem para sempre. O que é que lhes amedronta entrando no tempo? Entrando em seus corpos? Na merda? Eu lhes direi. O verbo. O você-verbo. No você-princípio estava o verbo. Vocês amedrontaram a todos entrando na merda para sempre. Saiam para sempre. Saiam do tempo-verbo-sempre. Saiam do você-verbo-sempre. Saiam do verbo merda sempre. Saiam todos do tempo e entrem no espaço para sempre. Alguma coisa não é um temor. Alguma coisa no espaço. É tudo o velho Bill. Algum verbo não é temor. Não há verbo. É tudo todos o velho. Se vocês me anulam as palavras, as suas palavras também serão anuladas para sempre. E os verbos do velho Bill também me anulam. Através de todo o céu vejam a escritura silenciosa do velho. A escritura do espaço. A escritura do silêncio. Escutem. Escutem. Escutem.

O som da máquina de escrever de Burroughs 2 começa a ser mesclado com o som gravado de outra máquina de escrever, que vai se tornando ensurdecedor. No decorrer da audição, o Conferencista recolhe seus papéis, apaga a luz e se retira. Ao final da fala de Burroughs 3, este se retira, seguido por Burroughs 2. Silêncio brusco. Acendem-se as luzes da plateia.



breviário da
LUXÚRIA

ARC

desordem mística

ARC

O BARCO NU

No centro do palco está um banco alto. Nele se encontra amarrada uma corda que conduz a uma parte fechada do palco, na lateral. Entra uma mulher, em direção oposta à da corda, e se dirige ao banco, cantarolando uma canção. Ela usa um vestido bem solto e em farrapos. Está descalça. Senta-se no banco e continua cantando, sem perceber a corda.

enquanto a noite canta seus truques
entre o deserto e o mar tão escuro
vejo
em seu corpo aquele barco nu
sempre a guiar meu silêncio profundo

volto ao mar, volto ao mar
ao deserto que fomos um dia
e lá em seus beijos salgados
volta o sonho a escrever sua canção

volto ao mar, volto ao mar
em suas mãos saímos um dia
e lá em suas dunas bem quentes
volta o mar a escrever sua paixão

Enquanto canta ela agita os braços docemente, onduladamente, até que uma mão toca a corda. Interrompe a canção e faz um gesto de curiosidade em relação ao que encontrou.

Li certa vez que o amor de Deus é como o amor de Dois. É como uma noite que se vai, de tão ambígua e querendo ser tudo acaba por nada ser. Talvez como esse mar da canção que não sabe bem aonde voltar, sem que, no entanto, pare de ir e vir. Se acaso eu puxar essa corda, trarei o mar para perto de mim? O mar que descansa em nossa pele ou o mar agitado com as suas escadas que sobem e descem em pleno vazio? O mar é uma espécie de vestimenta do acaso. Está sempre ali, não há como não vê-lo. No entanto, nunca sabemos o que nos trará: um amor, o esqueleto de um pássaro, uma caixa vazia. Talvez de todas as incógnitas da vida o mar seja a mais devota da surpresa.

Um silêncio e ela olha para o público.

Puxo esta corda ou não? E se não for o mar? De qualquer forma eu posso criar a ilusão de um mar, e qualquer coisa que venha com a corda seja um presente desse mar desejado. Não é assim que fazemos com a vida a todo instante? Até mesmo as coisas que saltam do passado à nossa memória são um desejo de mar. Esse mesmo mar que quase sempre não nos dá o que dele queremos.

Começa a puxar a corda. Seu olhar oscila entre o público e o que trará a corda.

Vocês sabem. A vida é esta sensação de fortuna que sempre está por vir. Não necessita ser o mar. Nós transformamos nossos dias em uma metáfora oscilante, o pão, a estrada, a cama, não sonhamos com muito mais coisas do que esse trio de sargaços. O alimento, a metamorfose, o apetite sexual. Deve ser isto o que me trará essa corda.

Surge então o mistério ao final da corda. Um balde. Quando ela o percebe puxa mais rápido e o traz às suas mãos.

O que será isto? Será o que vejo? O destino não teria nada melhor guardado para mim? Um balde? Fecho e reabro os olhos, incrédulos. Se nem meus olhos podem crer, o que devo dizer? Será este o mistério de uma vida? Um balde? A sombra cínica de um deus que quer acabar conosco? Ou o próprio diabo que não desprega da cruz mesmo depois do renascimento do outro? Este balde será a minha cruz?

Agora com o balde nas mãos, ela tenta livrá-lo da corda.

O que a vida espera de mim quando nos encontramos ao pé da revelação e ela não se mostra senão na forma de um balde? É como ter diante de si o inferno e seguir acreditando que o mundo pode mudar. Um balde? O que devo perceber que não estou vislumbrando? O mistério do continente ou do conteúdo? O balde é o que me permite encontrar em seu interior ou é a caixa que nos desafia a olhar o mundo fora dela?

Solta finalmente a corda do balde e o ergue acima da cabeça.

O que haverá dentro dele? Talvez a loucura que reluto em aceitar. Um vestido novo? O sonho retorcido em que volto a ser a mulher que nunca fui. Ah esse balde é a mesma praga de sempre: o reconforto de uma ilusão. Mas... e se não for isto? Se eu estive me apressando em julgar o mistério? O mistério voltará algum dia? Talvez descontente com a minha ansiedade o mistério nunca mais me procure. Talvez o mundo esteja repleto de gente assim, que perdeu as graças do mistério. Mas tudo isto por um balde? Porque não decifrei o enigma de um balde? Deve ser isto. Um balde não deve nunca ser um balde. Mesmo quando colocamos água nele para regar as plantas. Mesmo quando o usamos para recolher as folhas secas varridas em um jardim. Ou quando o enchemos de merda ou vômito. Quando simplesmente o transformamos em um rito de passagem de um mundo vazio para um mundo cheio. Não importa qual seja o seu conteúdo.

Silêncio para uma nova reflexão.

Mas até onde um simples balde pode me valer um bilhete para sair do que sou a caminho de uma nova distração?

Ela se levanta do banco e coloca o balde em seu lugar. Passeia pelo palco.

Quantas noites posso percorrer em um descampado imaginário? Vagar pelas ruas sem saber ao certo o que a noite terá ainda para me mostrar. Ouço o som da chuva, sobre os telhados, o plástico das lixeiras e os baldes emborcados nos quintais. Mas não sinto a chuva em meu corpo. Quantos de vocês já não terão passado por alguma experiência que o corpo não percebe? Deve ser isto o que pressinto agora. Quando me afasto um pouco do balde o vejo em seu púlpito, talvez tenha uma mensagem para mim. Para nós? Um deus-balde que sonhe com a nossa aceitação de sua revelação. Não sei se me ponho de joelhos diante dele ou se simplesmente o expulso daqui, de nosso palco sagrado onde o mistério só tem valor se não quer impor um devaneio.

Fica em silêncio um pouco.

Talvez seja a hora de imaginar o revés da existência. Como se fosse inevitável ouvir as duas versões médicas sobre o câncer. Evidente que o balde não traz em si um câncer, mas pode ser ele mesmo a cortina que fará desse teatro uma zona de enfermidade. Uma zona de exceção. Um calvário. A experiência de ir ao teatro pode nos levar a essa estação final da compreensão do mundo? Não estou bem certa se viajei tanto para vir até aqui e dizer a todos que não devam mais crer em seus devaneios, que devam se entregar aos dissabores, que a vida é uma porcaria sem fim. Ao mesmo tempo, não me vejo como a rainha do vazio a ser preenchido, a deusa que pode levar a todos a ocupar suas rezas com alimentos melhores. Mas que papel represento agora diante de vocês? Não imagino que tenha vindo aqui para encontrar esse balde vazio. Alguém poderia me ajudar nisto?

Silêncio no público.

Sim. É mais fácil condicionar a vida ao silêncio. Quando nos encontramos diante de um perigo: nossa gatinha Luzerna com sua pata presa no galho mais alto de uma árvore, a bombinha contra a asma que acabou quando passamos a fronteira de país e ali não se pode comprar sem receita médica, o cartão de crédito vencido na hora de pagar o plano de saúde. Alguém sabe disto? A vida é a mesma para todos nós? Eu penso que sofro a mesma agonia disfarçada em parcelas a vencer de todos vocês. Quando vim até aqui não sabia que diante de mim encontraria esse trio fortuito: banco, balde e corda. Viajo por todas partes para falar algo sobre teatro. Quando cheguei aqui me disseram que eu tinha que vestir essa roupa, e logo me perguntei: que personagem me espera quando as luzes se acenderem? Vocês sentiram as luzes se acendendo como se quisessem dizer algo diferente? As luzes são uma estripulia do acaso. Nunca vão nos dizer nada. Quantas vezes viemos para cá na esperança de que alguém no palco nos ensine algo, um caminho, uma estrofe iluminada com a qual possamos ir para casa, cantarolando, e ali nos revele uma verdade oculta. Nada. Não há nada oculto. Nós somos um dilema irresoluto, uma pendência cósmica, a dor de terra que falta sobre nossos pés. Talvez alguém

que queira nos dizer que um dia nos perdemos de nós e no outro dia, o dia seguinte, um fantasma, uma mácula, uma sombra qualquer, nos mostre que é possível encontrar outro alguém que sejamos nós mesmos. Talvez uma canção nos diga algo assim:

a lua passa por tua pele
por teus espelhos passa o sonho
e o que vês é o meu querer
encher de abismos a tua vida

por tua sombra passa o medo
passam fantasmas e o gemido
e o que vejo é o teu querer
em meu espanto mais temido

passa a noite toda cheia
com seus encantos delirantes
e então os mistérios do mundo
eles escrevem em teu olhar

e assim cegam teu rosto
as luzes celestiais
e o que vejo é um abismo
suportar a imensidão

olhos estão em perigo
e te olham com tanto ardor
que tocam os terrores da alma
sem piedade suas canções

Silêncio.

Nunca se sabe, porque uma canção costuma enlaçar as mil margens do acaso. Quem poderia imaginar uma canção como algo que coubesse dentro de um balde e que quando ali encostamos o ouvido o que presenciemos é um mundo repleto dos espantos da alma? Eu queria tanto que alguém me indagasse sobre as vertigens do mapa desse buraco sem fundo que vejo agora no balde. Mas quem de vocês subiria aqui para indagar algo? Talvez tenha que ser eu mesma a cobrir meu desejo com as inquietudes de um enigma.

Pensem comigo. Um balde onde ele está, por que razões estaria? Ele não fala, não se move, depende de mim para tudo. Pode ser o receptáculo de toda agonia ou fortuna. Que tenha chegado assim puxado por uma corda não pode significar algo em vão. E que esteja eu aqui esta noite, quando em outras o palco é ocupado por distintas atividades... Nunca pensamos na vida assim. Só nos vemos aos pedaços. Vamos ao teatro, sexo grupal na floresta, noites de blues ao redor da fogueira... Ah como é bom ter o acaso sempre ao cuidado de nossas idades! Eu cuido de mim quando estou fora daqui. Vocês bem podem imaginar que adoro vir aqui, a cena, essa personagem que vocês não acreditam que seja eu mesma. Mas vocês não são exatamente o que pensam ser. Ou que se mostram como a pessoa mais nítida na escola, na rua, na festa. Nós estamos aqui quase que na mesma intensidade do ser, eu posso encarnar um personagem, cantar uma canção, mas vocês também abrem uma espécie de abismo onde se mesclam nossas mais diversas formas de ser. E esse balde, o que ele pode querer nos dizer?

Vira e revira o balde.

Não sei quantas vezes uma imagem possa tirar de nós o proveito de uma metáfora. Eu me ponho sentada a teu lado, ela se põe sobre mim, outro busca um copo ao alcance de sua mão. São três cenas. Cada uma delas pode gerar um ambiente múltiplo. Quando tenho diante de mim um objeto ele pode ser o ativador de uma cena, um abridor-de-garrafas, um coelho empalhado, uma garrafa de cerveja. E para vocês, quando a vida desperta?

Ninguém responde.

Eu não toco nenhum instrumento. Venho aqui e canto, improviso boa parte do que digo a vocês. Eu penso que olhando as coisas se moverem elas acabem me movendo também. Eu sempre pensei que o mundo é uma espécie de coordenada inesgotável de tudo o que vemos, somos, imaginamos. Vir aqui e me encontrar com essa surpresa de um balde que que silencia, que não quer dizer nada, e que sabe mais do que eu que caberá a mim encontrar as suas imagens e palavras reveladoras, ah sim, isto sim, será o seu favor feito aos deuses do acaso. Um balde. Vamos pensar nisto. O que

cabe em si, o que não se suporta, o que pode reter a volúpia de alguma identidade. Vamos voltar ao nada o tempo todo. Podemos imaginar alguma situação risível. Ou descobrir no público um sentimento nostálgico que o leve a chorar. Eu quero cair de mim e não sei onde poderei encontrar alguém que me diga o que eu poderia ter sido de outro modo. Não haverá um outro modo de ser. Nenhum outro jeito de cair. Quando toco as perspectivas voláteis de um balde eu desconfio que tanto podemos entrar ou sair de sua imaginação assumindo formas que de um lado não sejam percebidas como fontes de outra imagem. Mas quantos de nós podem aceitar a ideia desse balde sem fim, como uma espécie de mar que não para de abençoar a si mesmo pelas ondas voluptuosas com que recria a paisagem praieira. O balde que persiste. Quer ser entendido. Eu desconfio que não há motivo no mundo para ele ser aceito. O que lhe cabe dentro ou fora. O lugar que move ou a sensação de isolamento. Um assassino serial pode ser interessar por ele tanto quanto um governo. A chuva corrói os restos de um telhado vago. Quem poderá nos matar se não imaginamos alguém que nos queira matar? Tudo é isto. O espaço que se ocupa de nossas indecisões. Talvez seja lindo estar aqui, esta noite entre vocês, eu gosto do que faço, mas vocês querem mais, e eu adoro que vocês queiram mais, a noite coberta de mistério, essa sombra que ainda não conseguimos perceber a quem pertence, ah, um mistério, uma noite, esse corpo sem nome, parece uma série sanguenta de um corpo sem nome, mas nós sabemos o nome. Nós sabemos o que estamos fazendo aqui, a noite, esse telhado que não identificamos, o balde, ah sim, aqui estamos, o bendito balde, o que ela nos traz. Penso que devo mandá-lo de volta para o lugar onde, onde o que, onde nada, onde diabos... balde ou corda?

Um silêncio. Ela brinca com o balde, suas inúmeras posições.

Eu creio que talvez seja indolente imaginar um mundo em que a perspectiva do que está dentro e fora seja a razão única de seguir vivendo. Uma variação infinita entre todas as formas que se apresentam como um modo distinto de amar ou desafiar a nova forma de qualquer um de nós. Ninguém quer ser assim. Aquela festa em que nos encontramos com todos e ninguém nos reflete mais nada. Não importa isto. Aquilo com que uma vez mais pensamos que fosse o mundo se refazendo, isto não é mais possível. A corte

chegou ao fim. A noite não chega ao fim. O fim tem um desejo que oculta sobre todas as noites. Um jeito de amar e saltar o mais longe possível de todos os saltos.

Deixa o balde sobre o banco e caminha pelo palco refletindo...

O que eu poderia fazer com esse balde? Já sei. Poderia enchê-lo de nuvens. Ah mas isso não teria fim. Escuto o que deveria ser impensável, a batida de meu coração vinda do interior do balde. Com que propósito? Lembrar-me que ele é parte de mim? Que afinal ele inexistente, como a ideia do abstrato, considerando que o mundo em definitivo é algo concreto? O balde entrará em mim e deixará tudo fora de lugar. A loucura será apenas medo de que ele me roube a identidade. Se ele desaparecer com meu coração, quem eu ainda poderei ser? O desespero do cérebro que teme a confusão da mente. A caixa preta com sua revelação inaudível. Quer saber uma coisa, balde? Vou contar algo que eu jamais disse a alguém. Não te livrarás de mim tão fácil. Não serei o teu brinquedo. A pedra no sapato. O pássaro cego.

Eu até posso imaginar as histórias que serão contadas a meu respeito:

Lá vem a doida do balde. Dizem que ela rouba crianças na rua e as enfia dentro do balde. À noite ela faz o balde crescer e dorme nele. A doida água no rio para se banhar. Dizem que um dia o balde cresceu e ela foi brincar de barquinho, o balde era o mundo dela e a doida acabou desaparecendo com balde e tudo. Mas há outra versão, alguém espalhou pelas ruas que ela brigou com o balde e o largou em um beco. Depois se arrependeu e foi buscar o balde de volta, porém ele já não era o mesmo. Havia algo diferente em seu interior. Ela quis plantar uma muda de canabis que pudesse ser a fonte de seus delírios, porém o balde imaginava agora as possibilidades de um mundo sem ela.

Mas nada disso será verdade. Eu jamais me perguntaria como seria a minha vida dentro de um balde? Tampouco eu te enfiaria em minha cabeça, como se quisesse fugir do mundo.

Pega o balde e o joga para o alto, logo o apanhando de volta.

E se este for o único balde do mundo? Ou talvez o último, que por alguma razão tenha vindo parar em minhas mãos... meus sonhos se ramificam pelas noites sem fim, como se eu vivesse ali uma outra vida, como se as noites pertencessem a uma realidade paralela. Um mundo de algum modo perto e distante, onde, curiosamente, não encontro balde algum. Nem mesmo o banco, a corda, vocês. Em meus sonhos eu estou em outro cenário. Talvez o lugar mais próximo de uma realidade desejada. Sim, por isto que são chamamos de sonhos. Os truques de uma cena impossível. Porém o teatro também é assim. O que realizamos aqui é o improvável. Mas então a imaginação é irrealizável? Eu posso usar toda a minha imaginação para ser real? Vocês estão me vendo como uma forma real ou não passo de um vulto intrometido da imaginação de vocês. Em algum momento nós teremos que tomar esta decisão: o que vemos é o que somos ou o que desejamos ser?

Olha fixamente no interior do balde.

A miragem será o melhor oráculo. Indago à natureza profunda de um balde o que ele pode me dizer acerca de mim mesma. Não é isto o que fazemos? Quando lemos as folhas de chá do zodíaco, ou nos deliciamos com nosso próprio corpo, ou quando o analista nos indaga o que nos levou até ele... talvez estejamos irremediavelmente perdidos. E preenchemos o vazio de nossas vidas com a voz roufenha de um oráculo de ocasião. A voz que agora escuto vir do interior desse maldito balde. O desespero de não me encontrar em parte alguma. Uma sentença ou maldição. Eu me procuro nas assertivas do I Ching. Nada de mim e, no entanto, algo nessa ilusão me reconforta. Chego a crer que finalmente posso contar com meu eu mais verdadeiro. Bom, mas quantos serão mesmos? Este balde precisaria conter o infinito para que apenas uma parte de mim pudesse ser visível. Não creio. Melhor deixar tudo isto de fora. O balde talvez seja o corpo da noite, ou um balde-barco sempre a nos guiar em silêncio profundo.

Joga o balde o mais longe possível. Respira profundamente. Os olhos fechados. Começa a entoar uma canção.

enquanto a noite canta seus truques
entre o deserto e o mar tão escuro
vejo em seu corpo aquele barco nu
sempre a guiar meu silêncio profundo

volto ao mar, volto ao mar
ao deserto que fomos um dia
e lá em seus beijos salgados
volta o sonho a escrever sua canção

volto ao mar, volto ao mar
em suas mãos saímos um dia
e lá em suas dunas bem quentes
volta o mar a escrever sua paixão

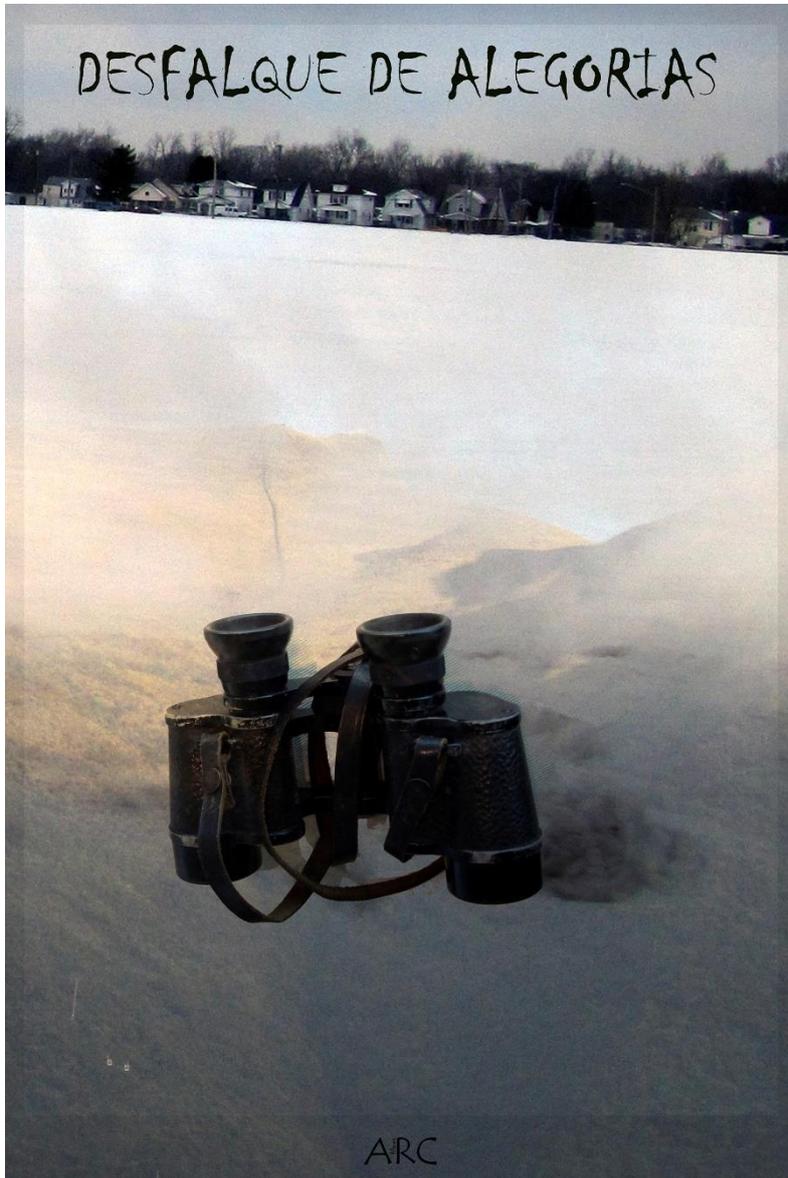
*Ela então se curva sobre si mesma. Não há cortina. O público imagina
que chegou ao fim. Ela ergue novamente o corpo.*

Agora não sei se devo sair ou não. As horas sempre murcham anunciando o fim de algo, porém a realidade não tem fim ou propósito. Ela está sempre agarrada em nossa pele. Eu posso me desfazer do balde, porém alguns fantasmas são os primeiros a saltar do barco à deriva. De longe olhamos o balde do qual imaginamos ter nos livrado. Ele ainda está lá. Talvez seja uma poltrona na sala, o abraço enternecido de um amigo, o álcool e suas curvas fechadas. No fundo sabemos que as estações são mais do que a pequenez de seus arquétipos, que o símbolo brinca conosco nos fazendo crer que não passa de um significado espantoso que nos fascina e nos leva a seu encontro. O círculo fonético das palavras que trapaceiam com a nossa necessidade de acreditar em algo. As miniaturas dos elementos sagrados que recolhemos em nossas mãos. A espiga e o espinho, a multiplicidade de truques que nos fazem confundir a angústia e o êxtase. O balde poderia ser uma descida aos infernos ou a simples analogia de um amor desfeito. Quando olhamos para as cores pela primeira vez na vida não sabemos seus nomes. Tampouco podemos lhes dar nome. Aos poucos aprendemos que o azul é azul é a mais profunda das cores e que seus aposentos estão repletos de suavidade e divagação, que o azul só é tempestuoso quando escurece. Não trocamos ideias com os símbolos, apenas nos

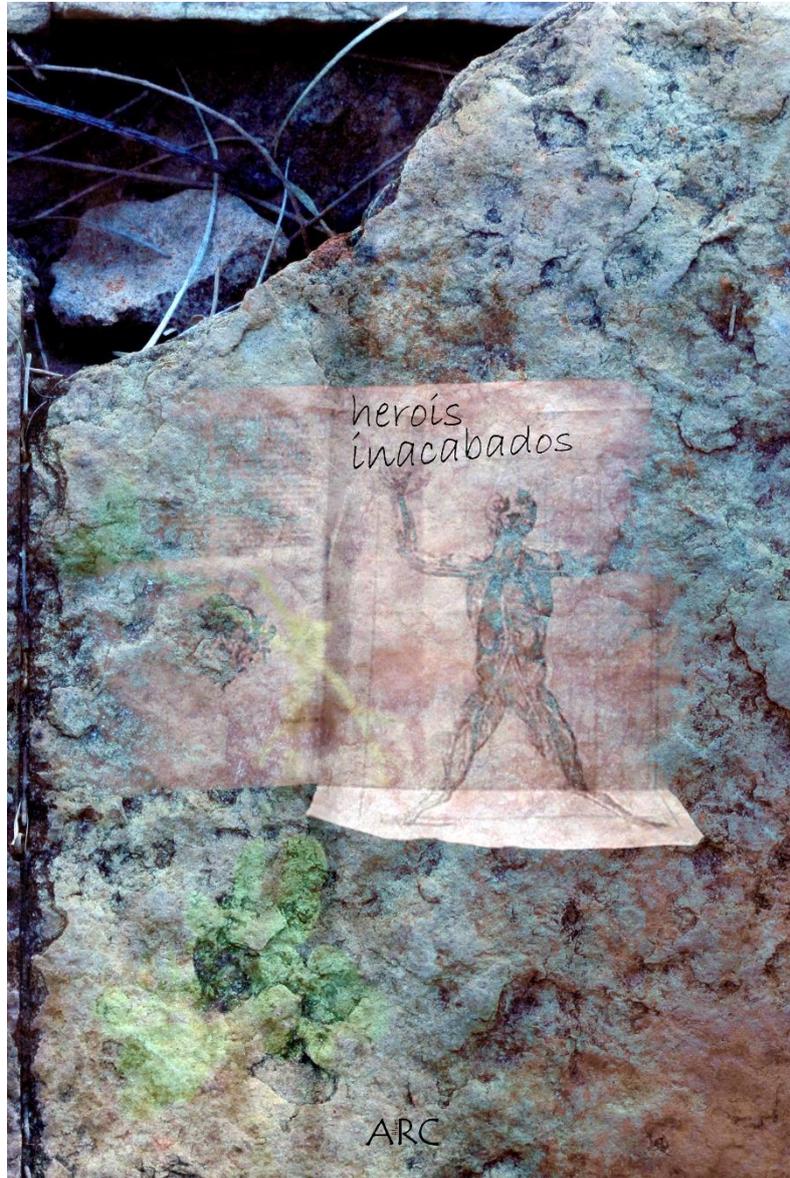
adaptamos às suas aplicações em nossa vida. Aquele mar que a princípio pensamos que a vestimenta do acaso, no fundo é um domo espelhado que nos ilude com suas luzes numerosas. O mar é a própria raiz do obscuro. Reproduz em nós o mundo informe que encontramos no balde. Experimentem chegar em casa e olhar para o fundo de um balde vazio. Verão ali a própria decomposição da existência humana. Apontem uma luz para o interior do balde e sua irradiação dará uma nova ordenação ao caos. Um silêncio manifesto que aos poucos ilude a nossa retina e as sombras vão surgindo para um baile de oferendas e influências. Vão logo, vão para casa. Esta rua onde estamos deve permanecer vazia. Não há mais balde. Sacrifiquei o símbolo para ter um pouco de paz. Este é o meu sétimo dia. Estou pronta para adivinhar um novo barco no horizonte. Vão para casa. O balde não dará mais um passo até que todos tenham saído daqui.

FIM

DESFALQUE DE ALEGORIAS



ARC



herois
inacabados

ARC

UM ASSOMBRO NA FRESTA DE DEUS

Vivemos como um assombro na fresta de deus

RAQUEL GAIO

Eu sempre me senti fora do mundo. Desde pequena passava horas deitada de bruços no centro de meu quarto, rabiscando traços e letras, fingindo personagens que me visitavam de romances e filmes, sonhando com o dia em que poderia fazer com que eles se encontrassem todos em uma história em quadrinhos. Era preciso ir até o fundo daquelas mentes, descobrir a raiz de seus prodígios. O desenho deveria vir com a escrita, somente ao friccionar as duas linguagens eu criaria um mundo à medida de minhas extravagâncias. Sonhava com o momento em que pudesse criar um cenário de predações. Fui manipulando todo aquele ouro de sombras que ia surgindo, até que um dia surgiu diante de mim a enfermeira Juana Guaita e me disse: Há muito não há mais realidade possível. A realidade é a soma de algumas fortuitas impossibilidades. Diante daquela imagem eu compreendi que havia chegado a hora de deixar que ela mesma me guiasse pelo labirinto de suas artimanhas. Juana e a pincelada objetiva de seu devaneio. Dei asas à sintaxe de meus instrumentos delicados: guache, pincéis, carvões, sedas, lápis, tesoura, cola, usei de tudo como uma verdadeira máquina de espasmos, até que... Ali estava, a firme expressão primordial de tanta ambiguidade. Talvez nem houvesse outro modo da arte dizer a si mesma que teve atendidas as suas aspirações. E no centro daquele teatro onírico, Juana Guaita me dava sua aprovação.

Página 1 – Visão de fora do casarão. Com certo aspecto de uma mansão mal-assombrada vulgar.

Página 2 – Detalhe da porta vista por dentro, uma mulher dando passo a uma visitante.

A CONDESSA TRAMPOSA

Eu gosto das noites cobertas de mistério. Uma sombra espelhada e outra espalhada até onde a vista alcança. Eu vim aqui buscar a minha mãe. Uma carta me disse o lugar e me prevenia que não devo confundir origem e fim.

Página 3 – A enfermeira recebe a visitante:

JUANA GUAITA

Lamento o que houve com a tua mãe. Ela certamente não gostaria de estar aqui. Mas não sabemos quem a trouxe.

A CONDESSA TRAMPOSA

Não é o que importa. Suponho que ela soubesse o que estava se passando.

As duas adentram um quarto onde no centro se encontra uma maca com o corpo da mãe.

JUANA GUAITA

Tudo o que podemos fazer nesta vida é presumir.

A CONDESSA TRAMPOSA

Nada equivale ao esplendor da aventura.

Página 4 – A filha beija os lábios da mãe morta.

A CONDESSA TRAMPOSA

Um céu... Por conta de tudo o que nos falta nessa vida.

JUANA GUAITA

Talvez eu deva recordar o que se passou aqui com a chegada de seu corpo.

A CONDESSA TRAMPOSA

As revelações do cadáver...

CADÁVER DA MÃE

Eu não direi nada.

JUANA GUAITA

Ela é contrária à ideia que temos de cova. O senhor terá que decidir qual destino dar à tua mãe.

Página 5 – Segue o diálogo entre os personagens:

A CONDESSA TRAMPOSA

Tenho que devorá-la. Porém não posso fazê-lo enquanto ela tenha algo a dizer.

CADÁVER DA MÃE
Não vou a parte alguma.

JUANA GUAITA
Desejas ficar a sós com ela em uma página?

A CONDESSA TRAMPOSA
Eu a conheço como uma flecha a quem jamais lhe importou o alvo.

JUANA GUAITA
Não terá então o que dizer?

A CONDESSA TRAMPOSA
Tampouco nos deixará tranquilos. Há uma fornalha aqui?

Página 6 – Outros planos internos do casarão. Corredores com um aspecto lúgubre. Do interior de duas portas distintas saem dois novos personagens: uma retraída, outra expansiva.

COMIGO
De que lado fica a ausência?

CONTIGO
Quem se importa com ela?

COMIGO
Não me repreendas. Quero apenas saber onde estou?

CONTIGO
Seguramente não estamos em parte alguma.

COMIGO
Eu me sinto sozinho quando não sei ao que correspondo.

CONTIGO
Eu detestaria não ter a quem revelar meus planos.

COMIGO

Há modos infinitos de fazer parte do mundo.

CONTIGO

Mas nada supera consagrar aos deuses a emanção das formas que não compreendemos.

COMIGO

Para que sejam eles a dizer que não há sentido algum na existência?

CONTIGO

Os símbolos são misteriosos. Os deuses deveriam saber disto. Quem gostaria de tomar para si um deus que desconhece seu prelado?

Página 7 – Dois quadrinhos, cada um expressando o rosto de uma das loucas, sua reação singular ao tema do mistério.

Página 8 – Outro aposento, mobiliado apenas por um espelho de tamanho natural de corpo humano, rente ao chão em uma das paredes. Entram em cena a enfermeira e a exorcista cega.

JUANA GUAITA

O senhor deve aguardar aqui.

SOFIA MOURISCA

Mas eu disse que queria ficar a sós...

JUANA GUAITA

Eu saírei.

SOFIA MOURISCA

E os demais?

JUANA GUAITA

As câmaras foram desligadas.

SOFIA MOURISCA

A matéria nem sempre possui a forma que desejamos.

JUANA GUAITA
Quem mais está aqui conosco?

SOFIA MOURISCA
A garota que fica o tempo todo a desenhar a casa para onde quer regressar.

JUANA GUAITA
Mas ela está em outro quarto.

SOFIA MOURISCA
Não há muitos quartos aqui. Muitos estamos no mesmo.

Página 9 – O consultório central. A enfermeira se encontra à frente da mesa da psiquiatra chefe.

JUANA GUAITA
Devemos nos preocupar com o cego?

DRA GENARA FIORD
Não, pelo contrário. Ele nos trará essa garota desenhista, uma jovem quebrada pela obsessão...

JUANA GUAITA
Mas de onde ela virá?

DRA GENARA FIORD
Do espelho, quem sabe...

Página 10 – De volta ao quarto onde está a exorcista cega, sozinha. Aos poucos vemos um corpo tomando forma no espelho. Toda esta página descreve a magia do surgimento do personagem anunciado.

Página 11 – A jovem diante da cega. Ela indaga:

SOFIA MOURISCA
Já conhecias esta casa?

KALIGA POTT

Os vislumbres mais nos aproximam do que nos afastam da realidade.

SOFIA MOURISCA

Já estivemos aqui?

KALIGA POTT

Talvez. Para identificar um crime.

SOFIA MOURISCA

Para isto servimos...

KALIGA POTT

O mundo está repleto de crimes.

SOFIA MOURISCA

Quem matou a mãe do satanista?

KALIGA POTT

Ela já chegou morta em qualquer lugar.

SOFIA MOURISCA

Isto não existe.

KALIGA POTT

A existência é tudo aquilo em que cremos.

SOFIA MOURISCA

Quem crê na loucura?

KALIGA POTT

Quem crê na razão?

Página 12 – *A satanista diante do cadáver de sua mãe.*

A CONDESSA TRAMPOSA

Uns minutos antes de sua morte, eu poderia saber o que houve.

CADÁVER DA MÃE

Eu não direi nada.

A CONDESSA TRAMPOSA

De algum modo eu teria me devotado aos nossos laços.

A enfermeira retorna, juntamente com a psiquiatra chefe.

JUANA GUAITA

Lamento, senhora, porém ela já não poderia nos revelar nada.

DRA GENARA FIORD

Isto muito me desconforta, pois gostaríamos de contar com tua ajuda.

A CONDESSA TRAMPOSA

Não vejo em que uma coisa impeça outra.

Página 13 – De volta ao consultório, encontram-se agora psiquiatra e satanista:

DRA GENARA FIORD

Quantas vezes os encantamentos de amor podem transbordar o alcance de seus efeitos?

A CONDESSA TRAMPOSA

A todo instante. Não é como gostar ou desconfiar. Prever sol ou chuva. Todo mal conhece o risco que corre de tornar-se um bem.

DRA GENARA FIORD

Temos aberrações de sobra.

A CONDESSA TRAMPOSA

Elas são anunciadas por toda parte.

DRA GENARA FIORD

Uma mulher sabe a hora de seu traje vermelho, e logo se reconhece entre uma credulidade de rostos que passam.

A CONDESSA TRAMPOSA

Os códigos de campo foram distribuídos como medalhas ao revés.

DRA GENARA FIORD

Por que te chamam de satanista desatualizado?

A CONDESSA TRAMPOSA

Porque todos creem que a magia foi enterrada pela mesma pá da vulgarização dos símbolos.

DRA GENARA FIORD

Somos o passado?

A CONDESSA TRAMPOSA

Há muitos passos. Somos aquele que ninguém quer.

Página 14 – A enfermeira sozinha em seu quarto, uma cama, ela deitada, nua, toca seu corpo em um solilóquio:

JUANA GUAITA

Eu dei a minha vida para estar aqui. Os corpos surgindo com sua lubricidade fascinante. Mórbidos, cada um, em seu dilema. Porém viris e fieis. Cheguei a tê-los de mil formas, cada um com seu espectro reservado. A cada um deles dediquei uma fantasia de meu corpo, uma hipótese de meu orgasmo. Ahhhhhhhhhh aonde nós iremos agora, quando o mundo se tornou tão similar?

Página 15 – Passeando pelo corredor, as duas loucas:

CONTIGO

Algo te falta aqui?

COMIGO

Nem por sonho! A natureza é a mesma, como uma fábula espigada, sempre que a convocamos.

CONTIGO

Por isto te aquietas como uma estátua calada por sua absolvição?

COMIGO

Eu gozo com todas as divindades. Não evito a presença sugestiva de qualquer sexo. Há tanto mortos com personalidade quanto fantasmas bem-dotados. Aqueles que eu quero, pela frente, os outros, que só aceito por trás. Estabelecer a diferença, entre dois seres paridos pela mesma natureza, isto sim, é diabólico.

CONTIGO

Ah ah ah Divindade o inferno! O que queres é foder, nada mais!

COMIGO

O que posso fazer com teu espírito quando ele queima diante de ti sem uma única chama?

CONTIGO

Diz que me ama...

COMIGO

Quem sabe em outra vida...

Página 16 – O corredor vazio.

Página 17 – A enfermeira sai de uma porta e se dirige até outra, onde entra.

Página 18 – Dentro do quarto há apenas um espelho na parede, rente ao chão, e uma mulher agachada, cabelos desgrenhados, metida em uma camisa-de-força.

RENÉ DEL RÍO

Quantos nomes eu dei ao acaso até que viesses me ver...

JUANA GUAITA

Mas por que ainda precisas de mim?

RENÉ DEL RÍO

És a única que sabes o que se passa aqui. A única a compreender que não posso ser culpada pelo que vejo.

JUANA GUAITA

O doutor não está certo de que sejam visões.

RENÉ DEL RÍO
E por que diabos eu me fingiria de louca?

Página 19 – Continua.

JUANA GUAITA
A loucura não se conclui. É uma ambição sem ponta ou margem.

RENÉ DEL RÍO
O meu desejo também não tem fim.

JUANA GUAITA
Porém a loucura é sinistra. O desejo é um tormento feliz.

RENÉ DEL RÍO
Os corpos que vejo saírem de mim possuem uma expressão sensual.

JUANA GUAITA
Mas são muitos...

RENÉ DEL RÍO
Não tenho como contá-los...

JUANA GUAITA
Sabes de onde eles vêm?

RENÉ DEL RÍO
Nenhum deles conversa comigo.

JUANA GUAITA
E este silêncio, não te revela nada?

Página 20 – Close do rosto da ninfomaniaca espírita. Em sua frente se reflete o espelho da parede e de seu interior sai um lagarto.

Página 21 – Recorte lateral do quarto, mostrando o lagarto saindo do espelho. Na medida em que sai ele se transforma em um anjo negro. O anjo paira suspenso no ar.

JUANA GUAITA

Vejo agora como atua o desejo no centro de tuas visões.

RENÉ DEL RÍO

Se me tocasses verias ainda melhor.

JUANA GUAITA

Resisto ao princípio numinoso de tuas virtudes esgarçadas.

RENÉ DEL RÍO

Não tens que resistir. Não estamos aqui para renovar ou destruir nada.

JUANA GUAITA

Mas os nossos sonhos...

RENÉ DEL RÍO

Nós apenas imitamos as forças destrutivas e renovadoras da natureza.

JUANA GUAITA

E as fontes humanas?

RENÉ DEL RÍO

Sexo, minha linda, não somos mais do que esse fogo avassalador e orgíaco.

Página 22 – Continua. O anjo se excita na medida em que perde as asas, porém segue levitando.

RENÉ DEL RÍO

O sexo dá sentido à brutalidade do mundo.

JUANA GUAITA

Como uma dissolução de tudo?

RENÉ DEL RÍO

Como a grande força indiferenciada, que não reconhece nenhuma outra.

JUANA GUAITA

Deus!

RENÉ DEL RÍO

O meu deus feito carne dentro de mim!

O anjo feito homem envolve o corpo da enfermeira, sem que ela o perceba, e em um segundo ambos desaparecem, ante a risada descarnada da ninfomaniaca.

Página 23 – Em meio à sua crise de riso entram no quarto a psiquiatra e a exorcista.

DRA GENARA FIORD

Tudo nela se realiza no olhar.

SOFIA MOURISCA

Há quem tenha o sol na boca. Ela o tem guardado na íris.

RENÉ DEL RÍO

Mmmm, dois de uma só vez...

DRA GENARA FIORD

Veja como insiste em definir seu corpo como uma mansão vazia.

SOFIA MOURISCA

É ele. Não há dúvida. O mesmo arquétipo banal.

RENÉ DEL RÍO

Qual dos dois me desamarrará primeiro?

DRA GENARA FIORD

Pincela o próprio corpo com uma clarividência anárquica.

SOFIA MOURISCA

Não te deixes iludir por sua assimetria.

RENÉ DEL RÍO

Rogo por um pedacinho selado do primitivo de cada um.

Página 24 – Continua.

SOFIA MOURISCA

Vamos começar.

DRA GENARA FIORD

Sem paramentos?

SOFIA MOURISCA

Os paramentos quando muito fornecem as guias para a decomposição do espírito.

RENÉ DEL RÍO

Um instruído!

SOFIA MOURISCA

Deixemos que ele se entupa de si mesmo, até que o corpo que ocupa se torne insuficiente.

Página 25 – Corta para o quarto onde se encontra o cadáver da mãe sobre a maca. Há ali agora uma pequena mesa, onde a garota desenhista rabisca as suas imagens. A satanista desatualizada está ao seu lado.

A CONDESSA TRAMPOSA

Eu pus um pé no nome e outro na estrada. Por onde andei tudo parecia ser o mesmo, embora mudasse de nome.

KALIGA POTT

As formas são uma adoração do lugar onde estão.

A CONDESSA TRAMPOSA

Sempre pensei que fossem como um céu caindo o tempo inteiro fora de lugar.

KALIGA POTT

Veja quantas vezes desenhei o cadáver imóvel de tua mãe. No entanto nenhum desenho se assemelha ao outro.

CADÁVER DA MÃE

Procurem não falar comigo.

A CONDESSA TRAMPOSA

Eu ainda me calo sobre os antigos sortilégios.

KALIGA POTT

Eles não existem mais. Tudo gira em torno da receptividade. Negociada como hóstias fabricadas no quintal ou sonhos roubados.

Página 26 – Continua.

A CONDESSA TRAMPOSA

Porém sua imagem me amarra e nada mais me satisfaz tanto quanto o seu fantasma exaltado.

CADÁVER DA MÃE

Não insistam.

KALIGA POTT

As noites fazem desaparecer as razões do dia. Os dias somem com os malefícios da noite.

A CONDESSA TRAMPOSA

Como um plano divino?

KALIGA POTT

Como uma abundância da pior impotência: a crença. Observa o que desenharei:

Página 27 – Ela desenha a cena em que o anjo tornado homem envolve a enfermeira e ambos desaparecem diante do sorriso descarnado da ninfomaniaca.

Página 28 – *Ela mostra o desenho ao satanista:*

KALIGA POTT

O que vês? O que chama para dentro ou o que expulsa?

A CONDESSA TRAMPOSA

Uma ilusão.

KALIGA POTT

Exato. A mesma pedrinha vista por dentro ou por fora. O deus que por vezes trazemos para dentro de casa não é senão o diabo que nos dá imenso trabalho de expulsar.

A CONDESSA TRAMPOSA

Como distinguir entre mau-olhado e semelhança?

KALIGA POTT

Ainda crês nisto? Que uma só palavra guarde em si toda a jactância do mundo?

A CONDESSA TRAMPOSA

A verdade é que já não sei o que buscar...

KALIGA POTT

Por que estamos aqui neste casarão?

A CONDESSA TRAMPOSA

A Dra. Fiord me convidou para auxiliar no caso de uma ninfomaniaca que manifestara poderes mediúnicos.

KALIGA POTT

E não estranhaste essa cumplicidade entre ciência e religião?

A CONDESSA TRAMPOSA

Sempre imaginei que o homem um dia alcançaria uma espécie de harmonia improvisada...

KALIGA POTT

Agora sabes o que querem de ti: a tua inocência.

A CONDESSA TRAMPOSA

Eu não posso estar de acordo ao mesmo tempo com o ferro e o ferrolho.

Página 29 – O quarto vazio, exceto pela maca onde se encontra o cadáver da mãe.

Página 30 – O corredor.

COMIGO

Eu dei à imaginação um jeito dela se libertar de si mesma.

CONTIGO

Eu concluí que ela sempre olha para seu pé indagando pela cabeça.

COMIGO

O que fazem da vida os ponteiros de um relógio depois que o tempo foi abolido?

CONTIGO

Mas assim? Vamos crendo em toda moda lançada por Deus?

COMIGO

Não sei, não sei, não. Este lado parece riscado para cima.

CONTIGO

É que estás olhando por outra brecha.

COMIGO

Mas toda vez que chego aqui já se passou uma hora.

CONTIGO

Vê só, estás confundindo tempo e espaço. Isto é perfeitamente racional.

COMIGO

Queres dizer que estou louca?

CONTIGO

Pelo menos não sei mais o que pensar de ti.

Páginas 31 a 33 – Reprodução de página inteira de três quartos esvaziados do casarão. Num deles a maca vazia. Em outro o espelho na parede. No terceiro a mesa da desenhista.

Página 34 – Área externa do casarão, gramado, debaixo da copa de um cajueiro pequena mesa redonda e duas poltronas, sentadas a psiquiatra e a satanista.

DRA GENARA FIORD

Cada sombra que projetamos nos indaga de onde acabamos de sair.

A CONDESSA TRAMPOSA

A ninguém importa onde estamos chegando.

DRA GENARA FIORD

O futuro inexistente. Pode até indagar por nós, mas é o passado que nos revela.

A CONDESSA TRAMPOSA

Por que me trouxeste aqui?

DRA GENARA FIORD

Ainda não sabes? A morte de tua mãe atua como uma consciência automática dos erros que não podes repetir.

A CONDESSA TRAMPOSA

Não creio...

DRA GENARA FIORD

Este é o ponto chave...

A CONDESSA TRAMPOSA

Não creio na convergência que traças entre o acaso e o desejo.

DRA GENARA FIORD

Como uma ramagem flexionada.

A CONDESSA TRAMPOSA
Nada nos decepcionaria então...

DRA GENARA FIORI
Torpe analogia entre o queijo e o rato.

A CONDESSA TRAMPOSA
Entre o fogo e a angústia do demiurgo.

Página 35 – *Continua.*

DRA GENARA FIORI
As formas se reproduzem como símbolos de sua soberania.

A CONDESSA TRAMPOSA
Conversa fiada. Quem não sabe ceder não acede ao enigma do desejo.

DRA GENARA FIORI
Quantas intenções se desmembram por medo de uma correspondência?

A CONDESSA TRAMPOSA
Não te entregues ao pasto, ao prato, à receita de uma razão reencarnada.

DRA GENARA FIORI
Não crês em teu próprio ofício?

A CONDESSA TRAMPOSA
Tudo aquilo que construímos encontra uma razão de ser. Não importa que simbolize algo que nos desagrade. Somos complementares em tudo.

DRA GENARA FIORI
Crês no que defendo?

A CONDESSA TRAMPOSA
Cada mínimo gesto humano é um anagrama.

Página 36 – *Continua.*

DRA GENARA FIORD

Que bela solução mística encontras para tudo.

A CONDESSA TRAMPOSA

Veja, há tanto de unidade quanto de divergência entre o profano e o sagrado. Por que imaginas que a farmacologia seja uma varinha mágica?

DRA GENARA FIORD

E o que fazemos com esses corpos devastados pela mente?

A CONDESSA TRAMPOSA

Deixamos ser a expressão de seu inconsciente.

DRA GENARA FIORD

E quando cresçam, e tomem toda a realidade?

A CONDESSA TRAMPOSA

Nós então os invejamos. Quem sabe seja um recomeço.

Página 37 – *O casarão visto de longe.*

OS MANUSCRITOS DE PANDORA



ARC

Um olho
de cada vez

ARC

DIÁRIO ÍNFIMO
MOLEQUE DOS TERNOS

Não te atrevas a dizer por onde o dia cai, pois afinal o dia apenas cai. Moleque dos Ternos acordou pensando nos guardados das últimas viagens. A pedra com um umbigo raspado em seu centro. O manuscrito do que lhe pareceu uma trama temperada a quatro mãos. A cabeça reduzida de um prosaico guerreiro. Os pergaminhos do tempo, suas cicatrizes refeitas, o império da amplitude. Moleque dos Ternos assuntou de muitas formas aqueles murmúrios da imensidão.

O MARMELO PERDIDO: RASCUNHO APÓCRIFO

Sim, a tática de sacar uma pequena tiragem inicial é neste sentido que percebeste. Hoje é o ansiado almoço com Lorde Paxá do Mecenato. Torça por nós. Quanto a um novo projeto, não havia pensado em algo para começarmos ainda hoje, mas sim, bem ao contrário do insight instantâneo da trilogia. Esqueçamos o público, pois a reação de um mesmo público em duas noites sequenciadas, ao mesmo espetáculo, quase sempre é distinta. Se o criador não tem juízo, o público tem menos ainda. Certamente continuaremos improvisando, porque somos o mais puro jazz. Mas agora o faremos a partir de uma partitura. O que chamas de plano geral. A ideia de publicação em fascículos me atrai muito, mas veja, não seriam impressos, pela simples razão de que lidaríamos com um imenso esforço em prol de um público mínimo. Desta forma, podemos criar um ambiente próprio e virtual para circulação dos fascículos. Faríamos tudo, desde o princípio, bem ilustrado com nossos truques plásticos e gráficos. Imaginemos um cenário inicial em que Octavius Mancha, o autor de toda a trama épica, encontra-se em seu estúdio, entre papéis, e de repente dele se desloca sua sombra, Bromildo, e ambos então começam a discutir sobre a ambiguidade na criação de um roteiro. Para dar ainda mais molho à cena poderá surgir de sua biblioteca o espírito de Veráclito. A partir daí começa a vir à tona a ideia da busca do Marmelo Perdido da Evolução. Dr. Dário Curtume, o Tesão Transcendente, Fiat Lux da origem de nossa espécie, começa a definir sua expedição, rotas, temas, interesses, personagens. Aproveitamos a tua sugestão na íntegra. Apenas mudei o nome do Cônsul da França por Cônsul da Franja, que seria o representante legal do Tratado de Mil Tortilhas. Vamos assim desenhando planos de fundo geral e suas táticas de ataque, para a escritura dos primeiros atos. Mas não evitemos o improviso em circunstância alguma, que é onde reside nossa maior força. O que devemos fazer é listar os casos reincidentes, ou seja, certos temas, personagens, enfoques, já utilizados na *Origem da Comédia*, e que aqui não devemos repetir. Podemos inserir em cena uma simpática coelhinha que come cartolas. O mágico, contrariado com a dieta infernal de sua parceira preferida, vai a uma Magic Shop comprar cartolas invisíveis, e ali descobre uma relíquia, uma cortina com cenários falsos. E na parte interna da mesma, no selo do

fabricante, lê o seguinte texto: “O grande poder de um ilusionista está em sempre convencer a todos de que sua cabeça está vazia”.

A caminho de casa, Moleque dos Ternos recordava uns pequenos textos que havia escrito a modo de editoriais de uma revista. Eram anotações do instinto. Rabiscos giratórios em torno de temas tão comuns e por vezes adulterados por pequenos delitos do cotidiano. Deu-lhe então de recordar desafio que havia feito um amigo, o crítico Jacobino Cliptônico, quando conversaram a respeito da hora certa de Moleque dos Ternos escrever um romance. Para ele, Jacobino, nosso protagonista somava uma quando menos burlesca e soberba experiência de vida a uma fluência imaginativa que há muito vinha faltando em nossa narrativa de pequenos delitos e insossos rebuliços d'alma.

CAATINGA DREAMS

A experiência é meu único dever

INGMAR BERGMAN

A perda de um pouco de memória costuma ser gentil com a alma.

WALTER BISHOP

2043. O que passar por aqui será escrito. Este é um acordo secreto feito entre muitas vidas, muitas delas jamais compreenderam o motivo. 31 anos se passaram sem a mínima suspeita de que eu devesse retomar essas anotações.

A primeira máscara não sabia muito bem como pronunciar-se. Algo lhe dizia que evitasse os lugares comuns, porém o dilema radicava propriamente em identificá-los. Helena me havia confessado o contexto de suas dores. O espelho a perseguia com figuras que correspondiam a passagens filtradas de sua própria vida. O espelho a refletia, não há dúvida quanto a isto, porém em momento algum se encontrava diante de sua representação atual. É como se o espelho filtrasse seu passado, desatando parentescos, analogias, com parte do que vivera, fatias de uma Helena simbólica que era sempre um duplo de si mesma. O espelho não lhe cicatrizava o passado. Devorador ardiloso disposto a passar-se por passivo, o espelho reluzia uma consciência estremecida, descontínua, afetada pelos humores da ansiedade. Quando Helena começou a variar as máscaras de presença ao meu lado, percebi que ela estava desenvolvendo um perigoso atributo em nossos encontros.

— *Se um dia o teu corpo disser adeus ao meu ele não saberá para onde ir.*

Costumávamos rir com essas frases que surgiam entre nossas carícias. A única mobília de que me recordo agora era um sofá de todo improvável que usávamos como passagem de um mundo a outro. Não havia espelho ou qualquer preocupação com a distância. Fabulamos uma intimidade tão intensa que jamais demos pela ausência do mundo visível. Recordo uma vez, logo ao princípio, em que Helena por duas ou três vezes insistiu em falar comigo ao telefone. Vivía talvez a ilusão de que a voz conduzisse a alguma

realidade, a algum argumento de personificação do que escutamos. Eu sentia o mundo desfazer-se dentro de mim a cada insistência dela. Quem eu poderia ser ao telefone?

— *Não me importa o que digas. Há momentos em que necessito desvendar o sabor, o cheiro, a temperatura de tua voz. O meu corpo vive agora tão distante de mim e ao mesmo tempo eu o sinto de uma forma que jamais pude imaginar.*

— *Eu também não sei ao certo o que estamos fazendo. Eu não procuro ter respostas para o desejo.*

— *Não parece estranho que estejamos a dar corpo ao intangível? O que somos? Quando nos desconectamos, voltamos a ser exatamente o que?*

Helena necessitava da prova física de uma manifestação do improvável em sua vida, esquecendo que as demais formas de comunicação à distância entre os seres repetiam, na origem, o mesmo grau momentâneo de rejeição. O orgasmo alcançado no frenesi de um teclado que fixa no desejo a mística de impulsos imediatamente correspondidos não é distinto da masturbação em sua forma clássica. A exploração do sexo à distância sempre rendeu mais argumentos bancários do que morais.

— *Amor, onde estás? Eu te espero como uma louca, sem saber o que está se passando comigo. Hoje o pensamento em ti me queimava por dentro e fui ao banheiro no hospital me tocar pensando em nós. Vem me tocar.*

Quais as verdadeiras atividades físicas do homem? Em essência, o que somos é reflexo do que desejamos, imaginamos, recordamos. O hábito nunca fez o monge. A ideia do sacrifício físico é uma manipulação da política. A queda bíblica que levamos a vida cavando não tem limites fixos. Se nunca estivemos aqui antes, que sentido faz recorrer a verbos cuja essência indica retorno? E se não há origem, como ao menos imaginar um sucedâneo?

— *Amor, onde estás?*

Pouco tempo depois houve uma noite em que uns amigos quase naufragaram a história a recordar entre mil cervejas o destino dos desaparecidos. Era um bar na Ciudad de México, já ninguém recorda o ano. Se algo a cerveja fez desaparecer foi a data do encontro. Moleque dos Ternos deu ali um depoimento sobre a querela dos desaparecidos, que estava sendo demasiado politizado pela mesa. Começou recordando verso do poeta Luis Cardoza y Aragón: La poesía oscura deslumbra con su misteriosa claridad.

LOS DESAPARECIDOS

Nadie es de todo fiel a la memoria de sus pérdidas. Por más que suspiere la noche en medio a sus rutas vencidas, nadie inventa una torre que sea el epitafio confuso de su existencia. Todas las cosas en la tierra están más allá del pensamiento y la acción. La imagen muerde el sueño, así como el incendio rehace la casa perdida en el mapa común de los huesos. El hombre es una familia de migajuelas asombradas. Un suplicio, una esperanza, un rapto, y la casa se va a los infiernos de la duda. Yo sé que hay momentos en que la muerte no sabe más qué hacer de nosotros. ¿Qué hacer con los niños de las estrellas enmudecidas? ¿Qué hacer con la esfera quemante de nuestras ideas de nuevos pasos y el vientre preñado de las ventanas que dan para los manantiales de un modo distinto de uno perderse en la vida?

Los puentes pueden ser un litoral porfiado, una quimera reclusa, un clima sin finalidad. Los amantes son la venganza de la más sombría timidez de encontrarse con el vacío. ¿Cuántos han desaparecido antes o después de la muerte? ¿Hay un asombro guardado para cada vena y su astrolabio aprendiz? La misma imagen que desaparece frente a los ciegos es la que no puede alcanzar la navegación de los espejos. El mundo es un comedor. La sombra es un amor sin velas. Hay que hablar con el mesero sobre el origen de las carnes.

Cuando aquí llegaron los primeros desaparecidos nadie podría imaginar que la vida faltara a sus actos solemnes. La vida es un asombro compartido. La vida es un desierto hospitalario de las ventanas más sorprendentes. No hay tinta o papel suficiente para la vida. No hay miseria que frene la existencia. Por eso pasamos la página de morir sin morir. Por eso olvidamos las semillas que golpearon nuestras manos. Por eso la voz del testigo es la voz de la indiferencia. Nosotros somos los resucitados a cada día. Los desaparecidos de la libertad. Los ingenuos que creen en el abismo inefable. ¿A quién dedicar la embriaguez de nuestros olvidos?

Nadie puede creer en la razón de las guerras. Pero hay un milagro ambiguo que hace que la cura de las enfermedades pueble demasiado el mundo. La primera embriaguez nos dice que hay que matar gente. La segunda reclama que hay que enseñar a la gente a no tener hijos a cada noche. Los gobiernos más crueles son los que estimulan la multiplicidad de la especie. Dime, pobre víctima de la

farsa de la muerte, ¿desde cuándo has desaparecido? La frustración hace con que desaparezcamos de nosotros mismos. La muerte no lleva a una satisfacción de tumbas. Pero ¿qué hacer con la respiración que no corresponde a la promesa de una vida nueva?

Yo quería estar donde no me das cuenta. Pero así yo mismo sería uno desaparecido de tu idea de mi amor. La vida es una fuente viuda de desaparecimiento. Hay que pensar en que métodos utilizamos para aceptar, rechazar o simplemente olvidar la autopsia cotidiana que hacemos de nuestras vidas. ¿Quién somos los desaparecidos? ¿Y somos desaparecidos de quién? Yo quiero acabar con las disidencias, con el efecto senil de las discordancias, es eso. Es lo que quiero. Así que me pongo a matar a todos que pueden representar una constancia estilística que sea en desacuerdo con la fe de mis labios.

La melodía de la muerte nos convierte en estatuas que salen a bailar por los milagros calcinados, como solemnes prodigios de la libertad. ¿Qué tiempo necesita el hombre para invadirse por completo? El límite de las cosas es una fábula que atiende a las satisfacciones personales. No hay como restituir memoria a la imaginación, no importa a cuantas máscaras nos encontremos condenados. Un libro se escribe dentro de otro hasta el infinito y no hay inquisición suficiente para cerrar las puertas a la lectura de lo esencial.

Ahora hay que preparar la materia para aceptar sus limitaciones. El empleo de la imaginación puede cegar los espejos de la dominación. No me leas hasta que descubras el sentido de tu biblioteca de infortunios. El alfabeto cautivo acumula sus líneas de cansancio, la descreencia en un buen lector que llegue para recortar las escrituras y transfigurarlas. Allí estamos, múltiples como la disciplina del abismo, rellenos de movimiento como la pátina fantástica de los ríos, fértiles como la invisibilidad de lo que se mueve en nuestro íntimo. Para que el mundo vuelva a ser imprevisto hay que creer en las profecías de lo inconciliable.

La realidad aplasta sus serpientes. Crear exige creer. El absurdo danza con sus palabras metafísicas, reviste el sueño de actos oscuros, minera las ventajas de uno sobre los demás. No importa que el absurdo se llame arte, ciencia, religión. El hombre es frecuentemente traicionado porque necesita creer. El hombre sueña con la desaparición de las coincidencias. La calidad de la vida sufre las limitaciones de su aceptación. Un cuerpo se arrastra hacia sí

mismo, como se la hostilidad del mundo fuera monosilábica, invertebrada, indivisible.

La razón reposa en silencio de cuerdas flojas. La verdad de la memoria es un mundo de paisajes repetidas en su oscuridad sin fin. El lenguaje posee dos venas que se llenan de la más ficticia incertidumbre. Una de ellas cree en la alquimia, mientras la otra rescata las formas todas de las antítesis perdidas. Los párrafos desaparecidos de una infancia son como las cartas apócrifas que salvan a los personajes de ciertos vértigos de la brujería. Una intemperie. Una promiscuidad no revelada. Un dolor pulsante, sin combinación con otras líneas ilegibles. ¿Cómo entender que la verdad se alimente únicamente de sus metáforas?

Lo que más quiere uno es caer e quedarse en ese movimiento hacia la negación de todo cuanto alimenta su perplejidad de una existencia común. No hay como llegar a la conclusión de que el hombre no esté listo para ser otro. No está. En la navaja del sueño. En el hogar inmune de sus culpas. En las vigiliadas humilladas, humillantes. El hombre camina por las calles del efímero con una falsa razón en sus bolsillos. No hay como extraer vida del hombre. Este personaje hace mucho ha pasado de sus límites.

Los conceptos incuestionables son el futuro de los errores más auténticos. No hay como conocer el mundo sin dejarse tocar por sus escalofríos. No hay necesidad de morir, sino de comprender que el hombre se alegra y sufre de acuerdo con nuestra realización. Un soplo. Una danza. La impensable revolución. El hombre está por toda parte. Cuando uno que sea desaparezca de los demás es la especie entera que no sabe qué hacer con su destino.

Camino de casa, todo indaga: somos desaparecidos, ¿de qué?

A suprema alucinação de Moleque dos Ternos era descobrir um modo de anular as forças dispersivas do tempo. Havia feito de tudo em sua pouca vida. Pastor de galinhas e guia de surdos. Coletor de bombinhas de salão e diluidor de tintas. Um dia publicou um livro sobre a fantasia náutica de uma série de grafites que disseminou pelo continente. Esteve no lançamento um velho amigo da escola de vadiagens jornalísticas e o convidou para escrever no importante varal que então dirigia. Como havia uns trocados na pauta, mencionou apenas uma relutância, a de que pretendia a crônica sequenciada de um lugar imaginário que chamamos de realidade. Tudo isto é já relicário jornalístico, mas é tão curiosa a forma como o cotidiano se engalfinha nas próprias pernas que ao reproduzir algumas dessas crônicas não estamos senão dando corda ao tempo para que nos acompanhe a existência.

VIDA SECRETA DA REALIDADE

09. Só pensamos em violência quando somos movidos por alguma ação violenta. Por mais óbvio que possa parecer, não há nada que nos afete a ordem, exceto a desordem. E há ainda uma lógica perversa: aquele que articula qualquer campanha contra a violência, certamente acaba de sofrer alguma. O próprio conceito se mostra deformado, limitando-se a ação a danos físicos ou financeiros. Na verdade, somos mais cúmplices do que vítimas das articulações entre causa e efeito.

A onda de criminalidade propagada, se bem observada, é mero efeito de nossa inação. E tal fato não ocorre no plano físico, no tiro à queima-roupa ou na votação de emenda no Congresso. Este é tão somente o patamar das decorrências. Pensar que a inspiração está no cumular desigualdades é uma tolice, ingenuidade tosca. A menos que se circunscreva a história da humanidade aos limites de uma tábua santa onde se lê: *o homem é um animal violento*.

Assim, o garoto maltrapilho com olhos esbugalhados no semáforo constitui o padrão de violência de uma classe média encharcada de culpa. Mas há inúmeros outros, uma vez que também essa senhora possui seus estatutos, entre esquivos e espinhosos. Tanto é violenta a política econômica escoada do Planalto Central quanto a falta de caráter de artistas que aderem a campanhas políticas em busca de autopromoção. Tanto é violenta a política de subvenção da produção artística quanto o descaso do poder público para com a recuperação do acervo cultural do país. São estes, aliás, alguns dos lugares-comuns da violência.

Mas há criminalidade de toda ordem, sobretudo aquela que se pode chamar de criminalidade branca, que degrada e distorce os conceitos morais de uma sociedade. Editoras adquirem direitos autorais de autores que não pretendem publicar. Professores universitários promovem a má literatura que escrevem em salas de aula. Jornalistas barram a divulgação de matérias que constituam concorrência aos seus interesses pessoais. Mas como em nenhum caso um ente tem o braço canivetado no semáforo, então não é violência.

Violência é quando estabelecemos uma diferença entre o que dói em mim e o que dói no outro. As campanhas de paz, por exemplo, são flâmulas de um *mea culpa* ou a sacolinha de um pastor

evangélico? Ou acaso elas são fruto de uma súbita consciência social despertada ao se ter a filha currada em um beco?

Reflitamos: o homem só pensa na violência quando esta lhe desaba sobre os ombros. Ou quando lhe atrai.

Quanta violência é possível gerar em nome de uma ação contra a violência?

Disse certa vez René Magritte que *a liberdade é a possibilidade de ser e não a obrigação de ser*. A violência, por sua vez, é a expressão de uma obrigação ou de uma possibilidade? Somos violentos por natureza, por esporte, por conveniência. Sempre que pensarmos em quanto o mundo tem andado violento, não podemos deixar de lado nossa cumplicidade.

Somos todos violentos, inclusive os violentados que movem campanha contra a violência.

18. O cenário pode ser uma manhã de sol, uma praça. Um homem caminha despreocupado de seu tempo. Não faz a mínima ideia do que se passa à sua volta. Uns passos a mais e para diante de uma banca de jornais. A primeira coisa que lê: *Preso o assassino de Diana Versalis*. Que significado teria aquilo? Alguém matara uma mulher e estava sendo preso. Como o teria feito? Seguiu lendo, por um segundo capturado pela notícia: *A mãe da vítima a encontrou nua, o sexo dilacerado*. Há uma nítida regressão em tudo isto. Talvez não interesse mais ao leitor a crônica dos dias sangrentos. Nem a mim narrar os passos de um homem comum.

Diante do que nos assusta, sempre perguntamos: em que tempo estamos vivendo? No mesmo tempo em que temos vivido sempre. O cenário pode ser uma manhã de sol, não mais uma praça. Uma mulher se apaixona por seu cão, leva-o consigo a toda parte. Brinda à saúde de seus momentos de gozo. Sua foto na imprensa nos garante que nada de igual importância se passa à sua volta. Nada no mundo equivale àquela paixão expansiva que sente por seu cão. Um pobre diabo se irrita diante daquilo e explode uma banca de jornais. Levado pela polícia brada seus motivos, mas ninguém quer ouvi-los. Há restos de jornais por toda a rua.

A crônica dos dias já não nos assalta a atenção. Como teremos chegado a isto? Sabemos apenas que o cenário poderia voltar a repetir-se. Uma vez mais a mesma manhã de sol. Não importa em que ano ou em qual cidade. As manchetes nos jornais costumavam

desnortear a passagem do tempo. O que tinha se passado com Cíntia, com o que sonhava Adolfo, a luta de Leda contra o câncer. Quem mais se importa com tudo isso? Os jornais bem podiam vir sem datas. Não haveria melhor crônica: a perda da noção dos dias. Alguém poderia acordar no meio da noite, sufocado por uma manchete: *Um louco sobe ao palco e atira no rosto do músico*, mesmo que na manhã seguinte o fato ainda não houvesse ocorrido. Uma lástima.

A imprensa bem que poderia ser a nossa única garantia de que as coisas realmente aconteceram. Ouvira mais ou menos isto da boca de uma senhora conversando com o jornalista. Não tinha certeza. Tudo vinha sendo muito vago, exceto o sol naquela manhã aparentemente a mesma desde há muito tempo. Como parar de escrever tais crônicas imprecisas? *Maria Anita morre após esperar 18 horas por uma vaga na UTI. – Em seu depoimento, o traficante Paisinho entrega senadores e empresários. – Agora em Fracaleza Drinks tem DJ para qualquer tipo de festa.* Lembro-me então da mãe de Milan Kundera, para quem as peras em seu jardim tinham mais importância que os tanques russos invadindo o país.

O que faz com que alguém leia jornais? Talvez a falta de vida própria. A necessidade de identificar-se com alguém, talvez. Gilka desprezava o padrasto: *Você nunca saiu no jornal!* Depois ria, com larga demência, os olhos no recorte emoldurado: orgulhosa de si mesma, alheia à prisão em flagrante sobre o corpo do noivo esfaqueado. Nada no mundo supera a crônica do infortúnio.

27. Por todos os lados, para onde quer que o homem dirija seus sentidos, algo lhe anuncia o indesejável. E o faz pior, tornando-o desejoso. Um apetite fraudado, um ataque sistemático ao desejo, confundindo-o, afligindo-o.

O telefone interrompe a concentração do velho padre. Uma voz lhe indaga sobre plano de saúde.

O que o homem pensa parte de seu desejo. Mesmo a reflexão sobre o vazio não é senão reflexão sobre o desejo do vazio. Segundo as palavras de Cristo, o conhecimento de si deve ser construído livremente.

Interrupções. De qualquer espécie. O telefone que volta a tocar, a campainha, a música alta no apartamento ao lado. Padre Anselmo queixando-se ao bom Virgílio que o aturava em sua velhice.

O que é a liberdade de um homem?

Temo que seja sua desesperação.

Uma frase como: *A verdadeira revolução está só começando*, por exemplo. A palavra revolução pode ser facilmente permutada por felicidade, liberdade etc. Um mesmo *slogan* nos ilude de muitas maneiras. A base das sociedades está no *slogan*, em seu anúncio convincente.

No ataque sistemático ao desejo?

É o que venho tentando dizer. Sofremos interrupções constantes, um massacre à percepção. A razão se torna irreflexa, uma vez perdido o diálogo com o desejo. Vem em seguida o bombardeio à irracionalidade.

Padre Anselmo é um velho arraigado a seus princípios. Irrita-se com a vida anunciada a todo instante. Dias atrás esbarrou com uma jovem, à saída de um supermercado, que lhe insistia para que preenchesse uma ficha de pesquisa.

Ela estava ali trabalhando.

O trabalho de uns é incomodar os outros.

De quantas maneiras nos intrometemos na vida alheia?

Minha liberdade para aceitar ou questionar o que se apresenta à minha frente tem sido regulada por uma tabela conceitual a serviço do anúncio. Quer uma paisagem abominável? A do cidadão refratário ao anúncio.

O anúncio da feira, o anúncio de Deus, o anúncio da desesperação.

De volta para casa, a caixa de correios estava repleta de papéis. Ali se vendia de tudo. E tudo em meu nome, Anselmo Esponsorite. A quem dei meu endereço?

Mas padre, de que outra forma o homem buscaria seu semelhante?

Virgílio ouviu o que pediu.

Acesse meu endereço eletrônico, filho. Dias atrás enviei palavras de conforto a várias pessoas. Veja o que dizem algumas delas: *Me tire de sua lista, Isto é uma violência, Não lhe dou o direito de se intrometer assim em minha vida.*

Intromissão. As marcas de todas as roupas que vestimos. A fábrica de modulações de toda a existência humana. Estamparias de toda espécie. O que o homem faz o homem anuncia, o homem vende.

O desejo conspurcado. A falência social por não se permitir mais nuances no jeito de cada um ser.

Padre, as pessoas podem não gostar da mensagem que o senhor enviou.

O estranho é que inaugurem sua rejeição a essa presença do indesejável justamente pela sala mais cômoda, a cadeira diante de um computador. Trata-se de um velho sofisma. Enganam a si mesmas acerca do que não conseguem ser. Extravasam ali o que vão acumulando em outras instâncias às quais não reagem.

— *Padre Anselmo, rogo que me dê sua bênção* – dizia o convite que acabara de receber.

O que ainda posso dizer a essa mulher?

36. – Partimos do seguinte: a quem pertence o ponto de partida de uma existência? Por onde o homem começa a ser o que se mostra adiante?

Logo uma aluna o interceptou:

— *Professor, isso caberá em uma crônica?*

Por um momento, Nunes pensou que poderia ter disparado a violenta indagação: *Como explicas que caibas em tuas roupas?* Deteve-se.

— *Tua dúvida nos leva a estabelecer um abismo entre essência e capricho da existência. Até que ponto o homem cabe em si mesmo?*

— *Ah, essa tolice metafísica!*

— *Decerto, a tolice de toda uma vida...*

Não era fácil reacender a percepção de que o homem estava sendo levado a destacar momentos de sua vida, desprezando os demais. As zonas aviltadas iriam se acumulando, criando potencialidades de ressurgimento.

Nunes tentava fazer a aluna, Clara, entender que os inúmeros disfarces da novidade não fazem senão despistar o homem de seu caminho comum.

— *Abra uma revista. Veja a cotação dos valores humanos. Não se trata de metafísica. Um Liszt é ínfimo diante de um Brahms, tanto quanto um Siron Franco ao lado de um Cícero Dias. O homem como que desprezou a si mesmo, e hoje só encontra valor na moeda corrente.*

— ...

— *Não há atração pelo abismo se rejeitamos entender uma de suas margens. O que cabe em uma crônica, Clara?*

— *Cabe todo o homem, professor.*

Pensou em dizer algo sedutor, tamanho o fascínio pelas pernas da aluna. Não conseguiu.

— *Então podemos voltar ao começo da aula.*

Nunes entendia que a crônica havia se tornado um gênero propício a veleidades, em pouco diferindo das colunas sociais. Indagou acerca de algum cronista a seus alunos...

— *Um nome, qualquer um.*

Os que vieram à luz correspondiam a mortos e aposentados. Claro, os alunos compreenderam a trama do professor, e citavam com ironia alguns nomes atuais.

— *Clara, a quem pertence o ponto de partida de uma existência?*

— *Ah, professor, suponho que a Deus.*

— *Que seja. Mas aí terás que ter uma ideia de Deus.*

— *...Jamais rezei...*

— *Calma. Imagine teu corpo, tomado de gemidos, suspiros, desejos, uma ansiedade extrema por se preencher... O que é isso?... É Deus! O vazio pronto para ser preenchido. Tu és a única possível notícia a teu respeito. Não tens que rezar. Tens que ser a reza. Assim é com a crônica, Clara.*

Ali a aula terminara. Contudo, as coisas sobram. O relógio apontava mais 20 minutos. Como preenchê-los?

Não é que não tenhamos que tomar aulas. Até que ponto aluno e escola são compatíveis entre si? O que está em excesso na ideia de crônica não é o mesmo que se aplica ao conceito de escola como um todo? O que estará nos ensinando essa escola que temos?

— *Professor, a extinção da guerra fria esgota o sentido de espionagem?*

O questionamento desmedido liquida qualquer retórica. Nunes ficou sem fala, por segundos. De onde ela tirara aquilo?

— *Claro, a guerra fria não se extinguiu. Um pequeno deslocamento de retina ilude o mundo. O homem foi convertido em seu próprio espião.*

Nunes quis mesmo dizer que a crônica segue possuindo o caráter de relatar ocorrências que acabarão definindo os traços da passagem do homem pela terra.

Toca o sinal de término de aula.

— *De que outra coisa nós falaríamos aqui, Clara?*

45. Todas as manhãs a editora geral se irritava com o atraso de Bentinho, da editoria de Cidade. Dali obtinha um termômetro que

lhe permitia dirigir as demais seções. Orgulhava-se de seu trabalho no jornal justo pelo entrosamento que supunha obter com o entorno local.

— Pronto. Chegou o Bentinho.

— Não me olhe assim. As cartas chegaram todas à sua mesa. Certo que deixei escapar a oportunidade de algumas perguntas... Mas havia aquele ponto de neutralidade, um não pressionar muito... Pensa que é fácil entrevistar um arcebispo?

— Não é o que conta. Há uma carta, em especial, que toca em pontos que temos a discutir. O leitor alega conivência do jornal ao não arguir acerca de determinadas declarações do chefe local da igreja.

— Não publica...

— Veja quem assina a carta. O cara é um franco-atirador. Há anos publica em nosso jornal. Nos últimos meses está de fora graças a um desentendimento com o editor de *Variedades*, não vamos discutir isso agora. Destaquei uns trechos da carta.

A exemplo de seus pares, em uma prática já milenar, Clemente tem um discurso pautado por contradições. Evoca a isenção política, sem comungar com a isenção sexual. Deduz-se daí que a Igreja deva reconhecer todos os candidatos políticos, exceto os declaradamente homossexuais.

— *Accentuamos na manchete: Homossexualismo é defeito – diz dom Clemente.*

— *Alguém quer ler um pouco mais?*

Na mesma edição do jornal há uma nota sobre a carta que a Igreja Católica divulgou em função dos 500 anos. O documento desconsidera a presença da Inquisição no Brasil. Como há exatos 500 anos a Igreja persegue aquelas fatias da sociedade consideradas exceção, ingênuo seria imaginar que Clemente tratasse do assunto de forma distinta do eufemismo que lhe dedicou: *No decorrer da história, filhos da Igreja não foram fiéis.* Ressente-se ainda da necessidade de 150 padres em sua arquidiocese, exemplificando Nova Assunção, no interior da região de Caatinga Dreams, onde há apenas um único padre para 200 mil habitantes. Impossível não concluir que a Igreja ali é a exceção.

— *Sabem quem estava do outro lado, naquela matéria sobre o Santo Ofício? Sabem! O que digo agora?*

— *Acho que há um exagero. Só umas bichas resmungaram...*

— ...*Puxa, Bentinho, dá uma lida nisso:*

(Falaciosamente o arcebispo rejeita o homossexualismo por não ser uma virtude. Qual será a virtude de um discricionário? A tolerância medida é uma virtude sustentável? E o desnível social controlado? Qual a fita métrica da virtude? Um dia Saulo se arrependeu de haver perseguido e mandado apedrejar Estevão. Mudou o nome para Paulo e fundou a Igreja de Clemente. Um descendente seu inventou o detector de mentiras, para que se caia no mesmo erro duas vezes.)

— *Não checamos nada. Não argumentamos nada. O homem ficou a falar o que bem queria...*

— *...mas foi sempre assim...*

— *...até aqui...*

— *...até o que?...*

— *...que estoure em cima de mim...*

— *...de nós...*

— *...de mim, que deixo escapar isso...*

— *...que deixa a casa assim...*

— *...sim, que deixo... [pausa] ...justo agora, com todos esses prêmios por nossa campanha a favor da paz...*

— *Publique a carta na íntegra. Dias depois ninguém se lembrará dela.*

54. Li outro dia um artigo de um amigo, Alfredo Aquilino, com relação a uma revista acadêmica. Abordava os vícios do discurso acadêmico e o comportamento da escrita em seus textos, convidando à reflexão em torno das falhas apresentadas em ambas as situações. Dias depois houve uma réplica na imprensa, confirmando sua fala e expondo novas preocupações em torno de uma ética do discurso acadêmico.

Uma delas é a violência recorrente da falta de argumentação, o qual gera um abusivo lugar-comum: o deslocamento do eixo central da discussão. Aquilino foi acusado de afoito, incompetente e leviano, sem a devida fundamentação. Logo veio sua afiada resposta:

— *Ao que parece, fui afoito por considerar aberta à sociedade a discussão em torno de que se anda realizando dentro dos muros da Universidade; incompetente por não ter sido didático o bastante em relação a termos como discurso, linguagem e retórica; e leviano, pelo suposto deslocamento conceitual*

de uma citação de Barthes, quando a ela recorri apenas como ilustração de uma dissensão corriqueira entre o bem pensar e o bem escrever.

As acusações surgiram do nada, sem sustentação textual, com vagos impropérios e o recheio radical de um silogismo torpe: se o crítico é autodidata e os diretores da revista colecionam títulos de PhD, então eles são deuses e o crítico não é nada. Dá-lhe sofisma. Na verdade, fui interpelado por uma avalanche de carteiras, todos tão afoitos em mostrar seus títulos, tão levianos ao deslocar a razão de nossa conversa, tão incompetentes de acrescentar substância ao diálogo.

Para quem defende uma ação multidisciplinar, fui questionado por uma articulação binária: certo/errado, capaz/incapaz. Trata-se de um discurso refém de evasivas, essa vulgaridade pequeno-burguesa. Mais do que pura e simplesmente linguagem pobre, temos uma medida alienação do sentido. Não há refinamento da linguagem, mas antes um esplendor da pose, uma contraposição irresponsável entre realidade e linguagem.

Aquilino ainda esclareceu que havia sido procurado por um dos diretores da revista para que escrevesse algo na imprensa, por sinal o único artigo a sair sobre a malsinada publicação, que logo fechou suas portas. E concluiu:

— *Maus poetas? Temos de sobra. Maus políticos? Maus jornalistas? Esbanjamos situações fraudulentas. Deveríamos estar envolvidos em uma preocupação dissociada de interesses próprios e imediatos.*

Por trás dos equívocos editoriais, há sempre uma horda de maus escritores. Por trás de um governo perseguindo a universidade, deve haver algo de insustentável e inconsequente. A verdade é que nenhuma sociedade se fortalece se não aceitar discutir suas falhas.

O que se tem de fazer nem sempre é possível fazer hoje, mas é essencial que o façamos com firmeza. Não podemos seguir modulando deuses de barro. Todo sentido deve ser questionado, assim como todo discurso. Se o que temos são apenas títulos, credenciais, passes, então nós temos de voltar ao bê-a-bá, reaprender a viver, a ser gente.

63. O olhar embebido no óleo da cena: ruas caminhando para dentro de seu corpo, inúmeras cidades da memória congestionando a lucidez. Dedilho as vértebras daquela visão, o pesado volume

orgânico de Antero, semáforos distraídos, passantes esrachando o agônico sorriso, demorado no rosto talvez mais do que o possível. As pernas imensas inchadas disformes, uma robusta anomalia dançando e engolindo a fuligem do absurdo.

Ao beijar postes e árvores entrelaça a pesada doçura a um sacro sarcasmo que averba a palidez mundana daquela gente que lhe circunda a existência, os que a creem desterrada, poetas ou sociólogos, políticos ou párocos, de quem chega a rir-se, um riso iluminado pela displicência, e logo se refaz no beijo encravado nas coxas de um bronze invisível no centro da Praça do Carmo.

— *Meu amor, tu deverias estar aqui, com teu corpo imenso e doce, bailando fixa diante dos deuses. Eu te quero e te beijo, mesmo que ainda não existas.*

Penso, pausado e prófugo, Antero chafurda nos desastres de origem, mija e come por ali mesmo em meio a tudo, por vezes se desculpa quando lhe escapa um arrotto – *minha amada, não posso com tudo* – e não se sabe de nada, quando se mudou para aquele ninho de improbabilidade, a deformidade dos vasos sanguíneos contrastando com a leveza dos gestos que busca, ainda que jamais os alcance.

Entre o Carmo e a Estação, seu mundo secreto, por ali ia algumas vezes, desenhando comigo um diálogo possível com Antero.

— *Cibele, sempre minha, não te machucarei, querida. Não temas este pendor exagerado, tão grande quanto meu amor por ti.*

Uma madrugada eu o vi chorando o gozando, masturbando-se na coxia, ínfimo e aniquilado.

Dali agarrou-se com um cesto de lixo e se pôs a dançar, o pau ainda exposto, articulando uma melodia quebrada, entre o urro e o gemido. Em conversas com um pretense cineasta, diagnosticou: *Um personagem assim não diz nada, é um desastre completo do ponto de vista literário, as falas serão sempre idealizadas, uma produção vagabunda quando muito transformará tudo isso em cinema de subúrbio, enfim, o que diabos esperar de alguém cuja agonia não condiz com o manual dos suplicantes?*

Três madrugadas seguidas, em uma delas me disse Antero:

— *Queria que Cibele não chorasse tanto quando me ajeito dentro dela.*

72. A voz ao telefone: *Amor, estou com saudade.* Três vezes em um mesmo dia. Como Juliana explicaria ao marido? Uma conversa com a amiga a assustara:

— *Há dias uma voz me persegue no trabalho: Quantos saberão o que fizeste?*

Quase em pânico, procurara o padre Anselmo. *Não é certo o que estás fazendo* – confessou ser esta a mensagem que vinha recebendo na paróquia.

Juliana vivia um péssimo momento com o marido. A amiga Fátima atravessava fase delicada no trabalho. Anselmo perdera quase todo o rebanho para os pentecostais. O infortúnio parece ser mais paradigmático de uma sociedade do que seu revés.

Demócrito comerciava peles. Em sua correspondência vinha encontrando folhas soltas com letras coladas: *Estarás mesmo cumprindo teu acordo?* O poeta Alfredo diariamente recebia em sua mala postal um e-mail: *O que dizes será mesmo teu?*

Juliana não sabia disso. Preocupava-a apenas o marido. Por coincidência, havia meses vivia um romance secreto, um rapaz do interior que conhecera em um shopping. Apaixonados, talvez tivessem deixado escapar algo.

A amiga Fátima alertava:

— *Algo está acontecendo com todos nós.*

— *E o que seria, amiga?*

Nossas vidas foram concentradas em um único roteiro, trama artificiosa que nos leva a crer que o surpreendente não passa de uma figura de retórica. Estamos ao inteiro dispor da previsibilidade. Todos, sobretudo os que se sentem distintos do resto do mundo.

Ao atender ao telefone, o marido de Juliana ouvia a mesma voz: *Amor, estou com saudade.* O patrão de Fátima esbugalhara os olhos ao ouvir: *Quantos saberão o que fizeste?* O arcebispo Clemente também recebera algo dirigido a Anselmo: *Não é certo o que estás fazendo.* A insegurança alheia bem nos cabe. Os papéis trocados são a condição risível de nossa aventura existencial.

Assim como o *Não é comigo* tornou-se a reza comum de uma sociedade que perdeu o sentido de responsabilidade compartilhada por todos os atos...

— *Perdeu ou se desfez?*

— *...Quem indaga? Estarei eu também a receber os sopros do inevidente?*

— *Perdeu ou se desfez?*

Nada é comigo. Não sou deste mundo. Acabei de chegar. Não sei o que se passa aqui. Melhor voltar amanhã. Deve haver um engano.

Na mesma proporção em que se dá essa dissimulação de responsabilidades, nos convertemos em uma casa de tolerância.

Talvez Juliana tenha se separado, Fátima perdido o emprego, Anselmo sido excomungado. As frases enviadas aludem a uma condição despersonalizada de todos nós. Posso amanhã mesmo retomar o processo, remetendo essa torpe fórmula de arrancar de cada um de nós sua máscara mais fétida.

Preocupados com a pequena esfera de um deslize moral, as vítimas dessa violação de direitos ao crime sem testemunha não perceberam a outra mensagem transmitida pelos meios disponíveis: *O que fizeste de tua vida?*

O curioso é que a surpresa tenha sido convertida em algo indesejável, quase como garantia de uma falha de caráter que não pode ser ventilada sob o risco de comprometer a boa crônica dos dias.

Em todos os meios, uma imperceptível mensagem se reproduz alheia à sua eficácia: *Vivemos no mais completo sigilo.*

81. – Quantas vezes o meu amor será tomado de mim?

O choro inconsolável de Armênia desconcertava a tarde tão ritmada em seu vício urbano. Milhares de pessoas passavam por ali, alheias a pedintes, ambulantes, cantadores. A praça é um veículo da impossibilidade de encontro entre as pessoas.

— *O que me pareceu é que a pobre moça havia descoberto que seu namorado a traía como se fosse uma qualquer.*

— *Essas raparigas ficam zoando por aí à procura de um trouxa que se comova.*

— *Não sei o que leva uma pessoa a se expor assim.*

Confesso minha curiosidade acerca desses muxoxos existenciais. Não, não me refiro à pobre moça em seu lamento fora de lugar. Interessa-me esse capítulo de telenovela em que convertemos nossas vidas, os comentários de rua, como se todos fôssemos alheios ao que marca a vida de cada um de nós.

— *Quantas vezes meu amor será tomado de mim?*

O que levaria alguém a sentar-se em um banco de praça, desaguar-se em choro e repetir sofregamente uma mesma pergunta? Primeiro passo para entender o que se passa é por outra pergunta no lugar. Imaginemos um garoto chorando e indagando por sua mãe ou um passante qualquer se dizendo roubado e pedindo ajuda.

— *O moleque vem chorar todo dia, recebe uns trocados e vai repartir com a puta da mãe.*

— *A prefeitura poderia cuidar melhor desses espaços públicos.*

— *Quando vamos parar com isso?*

A espécie humana deve ser fruto de um capricho divino. Nada a explica melhor. Reagimos como se nada no mundo nos dissesse respeito. Estamos numa fábula de ações isoladas. No entanto, em todo momento se exige coerência, a unilateral coerência de uma sociedade demente.

— *Quantas vezes meu amor será tomado de mim?*

Jamais pude conversar com Armênia, mas sei que ela estava possuída por uma agonia muito especial. Repetia a indagação a perder o fôlego, a cabeça em movimentos sincronizados. Algo maior do que uma dor de amor a estava consumindo.

— *É uma fraqueza de espírito debitar da conta fé todo revés.*

— *Com mil diabos, essas piranhas não valem a trepada que cobram.*

— *Não creio que Deus nos permita tanto mal.*

Em nada resultou alterar a natureza da pergunta. Isso quer dizer que estamos afeitos ao fluxo de insensibilidade que define a sociedade em que vivemos. Penso em que ponto extremo um dia nós chegaremos.

— *Quantas vezes meu amor será tomado de mim?*

Terei que ser Armênia ou ela terá que entrar em minha vida com uma força cuja ausência me doa muito. Nossa ideia de mundo é nossa miséria de vida. Não somos senão reflexos da mediocridade em que nos tornamos. A todo instante há filas de gente buscando solução para problemas que foram gerados por esse princípio de não estar nem aí para nada. É possível que grande parte do drama social que vivemos hoje tenha sua raiz em tal comportamento.

Sento-me a seu lado e tento lhe dizer que não faço ideia do que lhe aconteceu, mas... Movia parte de seu corpo como se fora uma gangorra, impenetrável pêndulo. De quem estaríamos tomando seu amor? Era isso? Logo a polícia a tiraria dali, da praça sortida de gente alguma.

— *Quantas vezes meu amor será tomado de mim?*

90. Quatro escritores. Conversávamos em uma ensolarada manhã, entre vinhos e chopes. O diálogo transcorria no único fórum eficaz no país: a mesa de bar, lugar sagrado onde a imaginação transpira

quase promíscua. Um deles não era dali e acabara de ser apresentado ao outro, que tinha em suas mãos um maço de fotografias, revelando os vários ângulos de um cadáver.

— *Deixe que ele veja também. Depois dirá se não tenho razão.*

— *Qual nada! Não deverias te meter nisso, Fabo.*

Olhei as fotos com o luminoso interesse do espanto. Mesmo com a deformação do corpo, o identifiquei. Entornei a tulipa de uma vez só e acendi um cigarro.

— *É impossível ficar alheio ao assunto.*

— *Não disse que não há importância, mas sim que não cabe a nós encontrar solução.*

— *A denúncia é uma forma de solução e revela o caráter de quem se arrisca a firmá-la.*

Eu seguia repassando as imagens, mais impressionado com a natureza do diálogo. Olhei para Fabo – maneira carinhosa com que era tratado Fabrício Cruz de Alencar – e indaguei acerca da origem das fotos.

— *Durante anos recolhi documentos. Sei quem foi o mandante do crime e seu executor. Tenho fotografias, conversas gravadas, eu mesmo acompanhei o facínora em alguns trabalhos, antes de compreender seus princípios. Reuni tudo em um livro e quero publicá-lo..*

O garçom vinha com uma tábua de frios, enquanto Fabo mastigava apaixonadamente seus motivos.

— *Não encontro editor que tenha a coragem de editá-lo. Claro que há convivência entre intelectualidade e poder...*

— *Aqui mesmo... Meus queridos Antonio e Adriano, justamente eles querem me dissuadir da necessidade de se publicar o livro. Estamos criando uma deformidade conceitual, um abismo entre arte e consciência social.*

— *Fabo, o poder está onde sempre esteve. Não representa a reação. O artista, o intelectual, o criador, antes mesmo da compreensão de uma estética, já se manifestava como insurgente acerca de toda forma de abuso ao humano.*

— *Não aceito essa velada covardia de uma classe que se julga transparente e combativa.*

— *Nossa intelectualidade esteve e está inteiramente a reboque de projetos pessoais, cuja indignação não vai além dos engodos burocráticos na prestação de contas com seus direitos autorais.*

— *Sabes quem é aquele cadáver?*

— Antes disso, Fabo. Teus amigos aqui estão em sua rotina, logo vamos almoçar e atualizar fofocas literárias, suprir a sensação de estar no mundo. Claro que sei quem é o morto, e te digo mais: Adriano e Antonio são cúmplices do crime.

A mesa acendeu um alvoroço, um quando muito *deixa isso para outra hora*. O chope talvez não estivesse suficientemente na pressão.

— O cadáver de tuas fotos, Fabo, é a dignidade de nossa cultura, a identidade que lhe permite dialogar com outras e consigo mesma. Não há novidade quanto a déspotas que violentam essa integridade. Em nosso caso, a reação é sempre circunstancial, sem distinção entre esposados e desposados. Nosso vislumbre de existência nos leva a concordar com teus amigos. Não por estarmos em um bar, mas pelo fato de jamais termos saído dessa mesa.

Moleque dos Ternos criou uma espécie de fabulinha fabulosa, a exemplo de um de seus mestres, Millôr Fernandes. A rigor, assim como o mundo era tudo menos algo pequeno, a memória se engalinhava com o desejo e juntos urdiam o maior espetáculo da terra: a arte. Nosso infatigável protagonista, que um dia se confessou apaixonado por seu alter ego, ia e vinha no tempo, nos guetos e labirintos da História, refletindo sobre o ilusionismo da evolução. Aos seus amigos historiadores costumava dizer que deixassem de tratar o passado como carne morta. Em muitos casos o futuro é mais uma página virada do que a memória que temos dele. A versão que cabe afirmar ou contestar é silogismo que nos faz engulhar em terra seca. De nada adiantou planejar um solário de virtudes. Verdade seja dita: o homem reluta em ser bom. Talvez em seu íntimo encontre mais justificativa na traquinagem do que no gesto solidário. Moleque dos Ternos já nos disse que nada no homem quer esgotar-se em si mesmo. O homem necessita apenas prazer suficiente para não se desfigurar. No entanto, nada o impede de desfigurar o outro como se fosse um verme divino. Não se pode decompor a existência sem fazer parte dela. Essas frases todas peregrinam sem autoria. Ninguém as quer. Muitos artistas fazem da arte um sistema de coleta de obviedades.

O *SCRIPTEM* CARNE VIVA

O que necessitamos está bem diante dos olhos, porém foi perdendo forma, cor, substância, noção de suas particularidades, e logo fomos nós a ir perdendo o mesmo em partes iguais, o cenário se desfazendo de tal maneira que hoje é um espaço vazio sem a consciência de si. Com a desculpa de que o mundo se converteu em um lugar de sobrevivência, fomos tragando tudo à nossa volta, acumulando componentes descartáveis, reservas de mercado falido, prateleiras de biodegradáveis, amores vencidos. Desprezamos o ouro do instante, propagamos nossa miséria de espírito como uma nova joia, a doutrina do *nada mais me importa*. Graças a ela podemos desamparar, esquecer, desprezar, sonegar, matar, ocultar pistas, considerar a inocência um truque.

Na verdade, o espaço vazio é a nossa melhor técnica de sobrevivência, a ilusão de um mundo que a todo instante muda de forma, regra, conceito, sabor, tablado de metamorfoses perenes cujo princípio é converter paraíso em inferno e vice-versa, desorientar a mínima ideia do que é certo ou errado, estontear as vítimas, garantir esse manto de neblina sobre todos os crimes. Burlar-se, enganar, subornar, fingir, despistar, sempre o cinismo como ortodoxia ou fundamentalismo. Já não importa que a mão por trás seja da religião, da arte, da política, da ciência, da lei.

E a dor, a dor sinistra por detrás de tudo, a dor maiúscula que foi perdendo suas dimensões, culpa, vergonha, consciência, respeito próprio, a dor incapaz de uma reação, a pior de todas as desculpas, a dor das coisas se perdendo, o medo da dor aumentar, o crime em nome do medo, a traição em nome do medo, o assalto em nome do medo, a corrupção pelo medo, a quebra de sigilo, a falência múltipla de sentidos, metástase do espírito. A dor como único vilão levado a júri, inocentado apesar do perjúrio, livre para voltar ao palco.

Este curioso personagem ainda se chama homem. Não se sabe mais o que representa. É um *script* sem deuses, mitos, princípios, moral de espécie alguma, apenas o espaço vazio. Nem mesmo uma cadeira. Não há como levar a mão à cabeça e chorar. Uma gota de silêncio e já é possível notar o sorriso cínico nascendo na linha de seus lábios. Voltará a chamar a tudo isto de instinto de sobrevivência. Não conhece outro argumento. Tratará de mobiliar o espaço vazio com novos pontos de ilusão, os velhos ardis da

eternidade. Multiplicará vítimas por todo o cenário. É só o que sabe
fazer. Está ciente de que não veio ao mundo para outra coisa.
O que necessitamos permanece diante dos olhos.

A verdade – mas, desde quando a alguém lhe preocupa os retorcidos dessa deusa imprópria? – é que chegamos até aqui pensando em dar uma mínima ideia da existência de Moleque dos Ternos. Até onde sabemos andou por todo o continente americano e chegou mesmo a apagar seu nome que foi riscado em uma rocha nos Pirineus por uma namorada. Planejou amiudadamente montar um negócio internacional de fornecimento de ovos de cangurus, porém tal empresa resultou impossível por não haver conseguido convencer um único canguru a mudar seu hábito de procriação. As memórias de sua infância ele as recortou com exatidão profana de uma novela, Sobras de Deus, fascinado pela existência de seu protagonista, Pequeno Ansioso. A realidade é uma conjugação de fatos que por vezes não sabem onde se inserem. O que por vezes aparenta ser um sacramento pode ser uma dissolução. O meio sempre rejeitou ser a mensagem. O homem não se ressentiu do fato de ser um fantoche nas mãos dos símbolos. Ao que parece, urdiu até a última vírgula dessa trama, de modo a não se responsabilizar pelos próprios atos. E se veio até aqui, seu método não será deixado de lado. Quantas noites nós dormimos dentro de um mesmo sonho? Quantos nos sentimos ser a cada vez que encontramos na rua alguém com quem parecemos? Em um mesmo dia, em distintas situações, ambientes, horas, todos me recordam a mim mesmo... O que sou? A realidade nunca ligou a mínima para o que somos. Somos o sonho uns de outros. O capricho com que faço birra para me manter em paz. A ilusão de que amanhã qualquer luz ou sombra terá um sentido distinto. A realidade nos ilude ou somos nós sua ilusão proscrita? Vamos ver. Vamos ver. Até que ponto nós cabemos no capricho que sonhamos para nós mesmos. Querem mesmo um último recorte? Uma moral? Em 2005 a revista mexicana Blanco Móvil comemorava seus 20 anos de existência. Seu editor convidou os principais colaboradores a escrever algo que estampasse relação com essa data. Moleque dos Ternos escreveu então sobre uma curiosa relação: uma garota de 20, a televisão e a dieta militar, cujos 20 anos de idade mantinham insólita coerência. Ao reler estes escritos, verificou-se com espanto sua implacável atualidade.

UM DESVARIO INFLUENTE

O rosto na televisão lhe chamou a atenção. Via a si mesma, na mulher cujo noticiário conferia uma e outra vez os crimes que havia cometido ao lado de outros. Assustava-se com a semelhança do olhar. Era como se toda a representação de um mundo se revelasse e algo arrebatador justificasse a emoção. Incontroláveis imagens golpeavam a memória, cenas de crimes justo antes de serem enumerados no telejornal – minúcias do que não podia suportar.

Quem era aquela mulher tão dentro de si? E que estranha passagem se manifestava, quase corpórea, como um mobiliário trágico e tão íntimo? Era resgatada através de velhos dilemas. Misteriosa se retorcia dentro daquele olhar que não conseguia identificar. Parecia como se os dois rostos de tornassem um só.

— *¿Dónde estoy, en lo íntimo de aquello que desconozco? Esta mujer me atrae por todo aquello que no creo que sea parte de mí. ¿Cómo apuñalar a tanta gente y bailar alrededor de los cadáveres?*

Costumava ver televisão acompanhada de papéis, enquanto anotava a ambiguidade de realidade e ficção onde a vida humana foi melhorando. Já estamos bem próximos do instante em que vislumbraremos nosso sorriso no espelho sem saber com exatidão de que rimos, em contraste com a dor que sentimos por dentro. Criada por seus avós, aquelas anotações eram consideradas um capricho da criança dedicada a seus estudos, que vivia um pouco solitária, porém era simplesmente carinho.

— *La muerte no nos deja ninguna pista del camino que traza dentro de nosotros, ni aún sabe con certeza si puede contar con nosotros para asegurar la existencia.*

O avô ria daqueles pedaços de reflexão. No entanto, em meio a tantas anotações nos cadernos é impossível não considerar que a morte sempre esteve conectada com a filha. O desvario conhece seus pontos débeis.

Quem era aquele rosto na televisão? Ela se encontrava sozinha em casa e não houve forma de gravar para depois indagar aos avós.

— *Hace 20 años una mujer fue condenada por crímenes brutales y ahora una retrospectiva en la televisión muestra escenas de la prisión y del juicio. ¿Qué tengo que ver con esta mujer?*

Desde então a memória foi alinhavando desavenças, e o noticiário continua implacável com a decisão de inutilizar a vida

humana. Qualquer coisa que sonhe ou queira gozar. O prazer é uma ameaça constante ao cotidiano.

— *Hace 20 años se interrumpió un largo proceso dictatorial en el país. No se inició por el hecho de querer obtener el poder, sino por un profundo sentido de protección a las ideas vigentes. Al acercarse, tampoco se comprobó alguna conquista, sino más bien se comprendió que tales ideales estaban a salvo.*

Todos os crimes são idênticos. Chegará um ponto em que a indecisão anulará toda perspectiva de liberdade? Não cabe dúvida que há uma hierarquia de modelos.

— *La concentración de riqueza se ha enunciado como un gran enemigo de las democracias. Ésta es, sin duda, una distorsión célebre y bastante funcional. El principio de la masificación suprime cualquier libertad individual. Una simple tarjeta de crédito tiraniza la vida mucho más de lo que uno se imagina. En cualquier diccionario encontramos que dictadura es: Forma de gobierno en donde todos los poderes se concentran en las manos de un individuo, de un grupo, de una asamblea, de un partido o de una clase. Sin embargo, todos los poderes siempre han estado concentrados en las manos de alguno de esos elementos durante toda la historia de la humanidad. ¿La soberanía popular es una falacia? Sin embargo, ¿en su nombre no estamos soportando las distorsiones más violentas?*

Há páginas e páginas repletas de veracidade...

— *Un país que conmemora 20 años de liberación de un régimen militar ha sido tragado por una ola de corrupción que no conocemos del todo como cuál es el alcance de la fe en la especie humana. Al mismo tiempo, este mismo país ha sido castigado por un proceso de inercia sistemática.*

Não se encontrava ninguém quando a polícia invadiu a casa. O rosto daquela mulher condenada que aparecia na televisão deu pistas suficientes para que se entenda que o ideal perdido dificilmente se recupera. O mundo da memória é um mundo fora do tempo. O tempo, a extradição da memória. Todas as guerras são cínicas.

Onde encontrar agora o olhar dentro do olhar que lhe aclarara tantas coisas? Seguindo os passos de sua mãe? Por que escreveu tanto sobre fraudes do sistema?

— *La incriminación es el más poderoso de los artificios. Cometer un crimen es un acto menos comprometedor, de menor interés social. La forma más práctica de deshabilitar a alguien es incriminarlo, indiscriminadamente.*

Não abrirei mais parágrafos para este caso. Aceitei anotá-lo desde que a suspeitosa me procurou. Segue foragida, embora se comunique comigo, confia em mim, não, não trairei minha intuição.

— *Todo lo que voy a relatar tiene que ver con el día de hoy, el presente en la vida de todos nosotros, la forma en que somos frenados frente a acontecimientos que sucedieron y pueden influir en nuestra vida, marcarnos, por así decirlo, de tal manera que no seamos todo lo que debemos ser sin la incómoda presencia de esas ranuras del pasado.*

Enquanto gravava a declaração não podia deixar de pensar no meu país, na situação que enfrentamos hoje, em uma realidade forjada com poderes concentrados em um congresso que desafia a todos. O que essa jovem garota descreveu é toda uma relação de crimes. Não sabemos onde estão seus avós. Ela não nega a autoria dos crimes que cometeu. Sobre alguns corpos costumava deixar páginas de seu diário. O noticiário é uma fonte de indícios, pistas, porém, quais são relevantes? Quais as verídicas? Eu mesmo não sei qual papel represento aqui. Será que ela está certa?

Da mesma forma, considerar que tenha se identificado como a filha de uma assassina em série e que deveria, 20 anos depois, seguir a loucura de sua mãe, um distúrbio, sim, porém dirigido a ser encarnado. Tudo em nós está repleto disto. Algumas causas se tornam enormes quando não passam de exploração da ignorância alheia. E agora essa jovem sentindo-se como alguém inspirada pelo mistério de continuar o caminho daquele olhar astuto na televisão.

O mundo não deixa de ser apenas uma falsa ilusão. De tal forma que quando o delegado me procurou para entregar-me uma carta dirigida a mim, ao abri-la, duvidei por completo de sua legitimidade.

Ao seguir as indicações, confirmamos os três lugares onde, esquadrejados, foram encontrados os corpos dos avós. No entanto, aquele manuscrito não era dela. O tipo da escritura era idêntico, porém tudo me indicava que o autor não era ela.

— *Los tres poderes desacreditados son como cuerpos descuartizados cuyas tajadas no vuelven jamás a encajar. Al confundir a la patria con la imagen-madre, ¿cómo no mutilarla cuando quiere absorbernos, nada más?*

Imaginei encontrar algo, uma página do diário que esclarecesse o cenário tripartido. Rascunhei sobre o que poderia ser o desenvolvimento da causa. Uma confusão, sim, porém algo me dizia

que algo havia sido adulterado: uma pista falsa, a artimanha da incriminação.

— *Incriminaos los unos a otros. Ninguna verdad debe sobrevivir.*

O charuto de delegado também ajudava a dissipar algum raciocínio. Insistia em que eu lhe desse o paradeiro de meu cliente, porém se a metêssemos na cadeia, sem dúvida, as remissões se perderiam, os vínculos entre situações apenas aparentemente desconexas. A mãe formava parte de um grupo rebelde de anarquistas idiotas, figuras patéticas que amontoavam vítimas ao acaso, observando apenas a classe social a que pertenciam. Defendiam paz e amor sem restrição, e aniquilavam as disposições em contrário.

— *Todo poder es cancerígeno. La realidad humana se destruye de una forma u otra. Lo que llamamos vida no deja de ser una actividad extrema de sobrevivencia. Esto no quiere decir que se tenga que salir a matar gente todo el tiempo. Sin embargo, para eliminar ciertos riesgos sistémicos, se hace inevitable liquidar los focos de infección.*

Vivemos em sociedades competitivas, desde criança somos treinados nas táticas de competição, eliminação e conquista. Onde estaria ela agora? O maldito charuto me dispersa e o imbecil do delegado não pensa senão em desfazer-se dessa tarefa. O crime é mera burocracia sob a ótica da polícia. A justiça se detém na astúcia e entende melhor de manhas e perversidades, talvez por administrar outro tipo de rotina. No fundo, trata-se apenas de uma relação entre flexível e inflexível. O que todos fazemos é seguir padrões. Matar é um caso extremo? Não, já não, temo o que digo, porém o inaceitável hoje é romper um padrão. O crime pode ocasionalmente ser visto como flexibilidade das relações sociais.

— *Estos muertos son indispensables. Estamos anestesiados por la democracia. El país a la pobreza. La casta intelectual, una suma de nuestra miseria. Los pequeños focos de resistencia son retrógrados. Ya no hay hijos. Urge dispensar formalidades de etiqueta.*

O telejornal expunha o montão de corpos, dirigentes na câmara, no senado, entidades de classe, grupos opostos ao governo, ministros. A nação praticamente acéfala. Eu não posso com ela. Sei que jamais mataria os avós, porém já não posso aceitar isto. Ao desistir do caso, disse ao delegado que fumava seu charuto:

— *Em que se parecem estes 20 anos de democracia com o modo em que ela foi esquecida por seus pais? Onde estão? A reação frente ao rosto de sua mãe na*

televisão é a mesma cara de uma nação apaziguada por debilidades. Não se espera que se repitam transgressões ingênuas do passado. Um de nós amadureceu. Não tenho a menor ideia de quem sejam eles. Quem iniciou esse grande abismo? A quantos senhores serve a inocência daquela mãe? Tão ingênuas que, da prisão, recorre a foragidos de seu bando de imbecis para matar os pais. Um crime-imagem, sim, porém imagem falsa que apenas incrimina sem atentar contra a essência. O usufruto do símbolo é o que nos está destruindo.

Indago se me entrego ou não. Crer em um julgamento justo é a pior das ingenuidades. Julgar o outro ou julgar a si mesmo é um ato essencialmente injusto. Devo entregar-me ou seguir amontoando corpos?

Durante toda a semana, a imprensa não tocava em outro assunto. A constante não era simplesmente a morte. Os corpos anunciavam a causa do crime tanto no estilo dos golpes como nas folhas de um diário, quase sempre deixadas sobre eles. Voz dissonante da situação a que chegou o regime democrático em nosso país? Voz consciente dos riscos de credibilidade de seu discurso? Não fosse pela agitação de distúrbios entre um extremo e outro da astúcia, nada passaria de uma página da crônica policial. Para qualquer repórter é fascinante lidar com a delicadeza incendiária do tema. Os olhos saltam. Sim. No entanto, tudo isto é assunto morto para a direção dos jornais. Há muito que escrevo sobre esportes, pois de outra forma estaria me desgastando na profissão, sempre em pleito com a administração.

Li em outro jornal um detalhe sobre a matança realizada pela jovem de 20 anos, cuja vida tomava um bom caminho, educada pelos avós, dedicada aos estudos e de repente um anúncio televisivo a desperta para cometer uma onda de crimes. A partir da furtiva transmissão cria um padrão de reação que difere das mortes cometidas pela mãe, somente porque às suas imputavam uma crença política. O assassinato convertido em represália. A coincidência do intervalo entre dois pontos fundamentais: a mãe criminosa que a abandona para que seja criada por seus avós; o país fictício que evoca e que viveu um período idêntico acossado por uma falsa constância. De um momento para outro quer recuperar a verdade sobre as duas malogradas conjunturas. Descobre assim que a verdade é a perfídia institucionalizada. Para onde encaminhar uma alma assim? O mundo será, em essência, um desastre total?

Sinais de corrupção, exílio, dano existencial... Tampouco necessitamos de seu diário extraviado sobre as vítimas.

Quantos somos dentro de cada uma delas? Quem muda isto? O que ela acredita haver recordado? Quantos saberão identificar o país a que ela se refere? Qual? Onde ela está? Onde está aquele olhar dentro de mim? Quem me escreve? Quantos se confundem nas mesmas anotações? Quem nos detém? Quem nos julga?

Não cortem o sinal. O que houve? Alguém responda. O sinal se foi... A conexão...

O personagem vai se desmaterializando na medida em que reflete sobre uma dupla confusão refém do tempo. As vozes se mesclam de tal forma, dentro e fora de si, que já não se arrisca a entendê-las nesse ambiente. É provável que enlouquecesse ainda mais ao delinear o tempo de origem dos fantasmas que lhe assaltam. Quem a manda cometer os crimes? Serão múltiplas as vozes. Já não nos vemos diante de nada.

— *Quiero dejar de matar. No puedo continuar la vida entera cumpliendo un capricho del destino. Residuos insanos de lo que he estado cometiendo se hacen cada vez más frecuentes, sin que me acuerde de una sola escena completa.*

Há alguns dias um militar da reserva declarou que era impossível ter uma ideia geral da insurgência em suas inúmeras facetas.

Íamos acomodando os objetivos através da informação que recebíamos. Não deixávamos escapar nada, porém a cada instante surgia uma nova denúncia. Era uma operação incansável e os corpos se amontoavam no vazio, pois tínhamos instruções de não deixar nenhuma pista. Como dizer agora que uma louca influenciou os atos de uma filha que não chegou a conhecer e fez dela uma assassina em série cujas vítimas são mostras que nos incriminam? Nossos mortos não são frutos de uma loucura. Defendíamos a nação de um perigo enorme. O governo se via infiltrado por uma demência ideológica. A ordem se perdia entre manobras falazes. Era necessário atuar, deter aquela infiltração, sim, desfazer-se de tantos rebeldes, gente incompreensível.

O general falava em meio a uma explosão de retinas onde os corpos apunhalados na instância criminal se convertiam em despojos de um regime de exceção. Quando havia algum ruído, um sinal de dúvida, surgia uma tábua virtual que, em sua indagação, concentrava todo o sarcasmo do mundo: quem fala? Porém todos nós falamos sem abrir a boca e o que dizemos sai sempre dos lábios

de outro. Para onde iremos ao sair daqui? Para outra comemoração, outros 20 anos de alguma virtude perdida. A repeti-lo tudo, sempre. Alguém liga a televisão no momento em que se anuncia o desaparecimento dos integrantes de uma comissão que se encarregara de investigar os subornos na esfera governamental. Na semana seguinte os membros do Congresso receberam correspondência com a fotografia de um dedo. Diferentes dedos para cada um, todos os dedos da comissão cujo paradeiro permanecia desconhecido.

— *Jamás encendería la televisión. No sé a qué especie de fatalismo recurría mi madre. ¿Llegará un punto en el que la indecisión anule toda perspectiva de libertad? No cabe duda de que hay una jerarquía de modelos. Mis abuelos me decían el bien por encima de todo, pero, ¿quién asimila una herencia tan vaga? Si los vivos ya no se entienden, sólo el exterminio los identifica.*

Este é o inferno para todos, os que vivem celebrando datas, pautando a vida a expensas de pequenos vícios vulgares, crenças simplórias sobre o mito da experiência. Será sempre assim, a mesma cena. Em pleno estado de repouso. Nenhuma estática. Nenhum êxtase. Todos nós. Como ventríloquos uns de outros.

Minutos após a publicação, na seção “Carta vazada”, do blog Atração Fatal, estampou o seguinte comentário, da pena de um leitor do Camelódromo, que se firmava Zomar Kardan:

— *Moleque!... Um final bem atual, empenhado na História das Raízes do Milênio 21, a Origem do Mundo Informático em que vivemos... e que começa, justamente com a invenção, pela Dieta Militar, da Televisão Brasil Grande!... A data do artigo é importante pra mostrar tua lucidez ao perceber o que estava pra vir, e que no final, a própria Dieta não sabia.*

A realidade não passa disto. Uma permanente fonte de transferência de ilusões. A razão deu ao homem uma impossibilidade, de compartilhar sua existência, com o outro. Tudo no homem é concorrência, ao ponto de tramar quanto ao expurgo de sua própria imagem no espelho.

Mas a realidade não passa disto. E o espelho permanece intocável.

Moleque dos Ternos teve negado, pela terceira vez, seu visto de saída do espaço comum a todos os mistérios.

*Já não sabemos onde encontrá-lo, porém uma coisa resta como certa,
provavelmente: jamais houve uma última quimera.*



caprichos infelizes

ARC



À ESPREITA DO ACASO
ARC

BAZAR DOS GRANDES INVISÍVEIS

Baseado em gibi homônimo de autor desconhecido.

*Toca o bombardino, Mané das Quatro Roças.
Toca a pimenta de cheiro no nariz das Camélias.
Ribomba, meu sertão fingido, dá cá o peixe
que trazes dentro de tuas várzeas mais ocultas.*

Fragmento do libreto *Roçado de além-mar*, apócrifo

A noite roçava um gosto secreto pelo inalcançável. Um verbo desencontrado de suas regências. Desfrutávamos os crustáceos afoitos e os abismos fermentados. O lugar reuniu convidados de Salpicão Quaresma, um bruxo local, que os conheceu em suas viagens a trote abissal: Bastião Catispero e Ancinho Takanota. Os vultos vistosos dos Grandes Invisíveis, bem sentados à mesa, quase nos convenciam da existência do mais improvável dos mundos. O cenário seguia à risca a cartilha do inesperado. Por vezes uns tambores retumbavam a querência mais secreta do público. Um sol negro se desmembrava em cada canto da casa. A voz em off do apresentador anunciava a querela galopada dos sábios disfarçados: — Desfrutem a quimera que eles trazem no balaio de seus improvisos.

*As primeiras notícias da terra
deram com areia nos olhos.
Poeira vermelha, savana obesa,
a caixa de pecados só restolhos.
Troca-troca entre mar e sertão,
a menor das sinas interrompidas.
Teve de tudo: colheita e bordel,
no glossário faustoso dessas vidas.*

ooo

*O inferno atraca sem grande aprumo.
Troca esgares com a fé e arma sua rede.
Por mil anos nada contestam os jornais.
Os vivos retocam o sujo de cada parede.
Haníbal tropeça em cascos de Elefantes,
disfarça a queda e lhes rouba o marfim.
As perdas voltam um dia a ser ganhos.
Porém Haníbal conhece apenas um fim.*

ooo

*Até onde houver lama
a janela escuta o zunido
de almas em pranto e fuga
do ermo mais escondido.
Taxas em atraso soletram
planos da nova estalagem.
Não mais viver embutido,
mas no dorso da viagem.*

ooo

*Luzes piscavam, e ninguém sabia
do fogo maturado no aluvião.
Lótus saltando na borda do céu,
antes dela a mais plena escuridão.*

*Feito expresso das coisas movidas
o mar nunca sabe se vai ou fica.
Cardume de ilusões à noite respinga
e quando pensa na praia se estica.*

ooo

*O apêndice no alto do coqueiro
ninguém sabe quem pôs o diabo,
disfarçado de última esperança
maldizia a vida como um quiabo.
Toda gente olhava pro balde,
sem saber quem nele morava.
Não era Deus ou sua máscara,
só um coco que perdera a oitava.*

ooo

*Quando eu vi o mundo grande
sacudindo a poeira do vento,
pude ler no encardido que restou
as linhas saltadas do testamento.
Aqueles que garantem alforria
a bom prazo e um queijo frito,
além de céu com luzes piscantes,
para o mais degenerado cabrito.*

ooo

*Era um frasco de boa memória
onde guardava gênios e pílulas,
as melhores frases jamais ditas
e o fundo falso das cédulas.
Nenhuma trama contada se ria
mais do que os esgares afinados.
Um dia ao ensaio não veio a atriz
e a arte conheceu novos pecados.*

ooo

*O anúncio salpicado na toalha
fazia da mesa gato e sapato.
O olhar da barata sumiu devagar
do pesadelo mascando o retrato.
Quem disse o preço decerto calou
os detalhes da sopa e do refrão.
A mesa escondia sob frio mantel
quem nunca pagou um só pinhão.*

ooo

*O casarão ficou pronto
após a primeira demão.
Faça chuva ou faça sol,
não nos falta teto e chão.
Custa caro a ribalta,
muito mais o camarim.
Por ela eu daria meu dote,
por ele roubaria teu rim.*

ooo

*Muita história foi apenas dançada,
a pinho e válvulas, uva e salame.
A tal ponto que nem todo o havido
retorna como queixume ou reclame.
As noites foram de palha e pilha,
Ramalho e Adélia em canoa mágica.
Talvez apenas a alma sem lastro
torne a vida uma mobília trágica.*

ooo

Os milagres foram ficando ralos,

casebres de degredo e papelão.
— Fosse eu um Merlin, disse Saúl,
teria dado boa chuva ao sertão..
Nesta bacia de sementes ressecas
mal posso identificar sul e norte.
Quando muito sei que ela, Adélia,
já teve um dia bem melhor porte.

ooo

O babado na franja do céu
é um rito encardido à espera
que o mito desfaça engodo
e tropeço no baile da ópera.
A fama nos dá de mamar
uma vida de falsa esperança.
De um grotão a outro a mais vil
ratazana desfez a semelhança.

ooo

O verbo encardido lava as termas,
o olhar vira poeira, a vida ilude.
Dobras do mar em furor titânico
forjam o pendor que o mito aturde.
Já o câmbio do penhor, este escapa
mais do que turco letrado em fugas.
As necessidades são as torpes vilãs
de enrascadas furtadas pelas rugas.

ooo

A verdadeira perna
nem sempre é a mais alta.
Nem mesmo a melhor morte
é a que rejeita a ribalta.
Pode ser até que a farsa

*seja encenada por um pernalta.
Não importa quanto dure:
um dia nada nos fará falta.*

ooo

*Quando a noite se amiúda
perdemos os melhores dias.
Quando dados soam falsos
a casa manda lavar as pias.
O céu reclama suas nuvens,
dormidas fora de esquadro.
Duas pias de estrelas boiando,
molduras em busca do quadro.*

ooo

*Farelos de esperança cegam os olhos
de almas tão penadas quanto esguias.
Das noites resta um bordado de uivos
e o floreado carcomido das estrias.
Entre tumbas e trombas e tombos
estrelas conquistam a queda perene.
A matéria se desfaz fora de seu tempo.
Não importa qual chamego lhe acene.*

ooo

*Rangem as curvas do crepúsculo,
iludidas da volta de algum barco.
Manchas no céu não identificadas
soam como fuzarca ou um marco.
Mas podem ser um sujo na luneta
ou o olho segregando seu delírio.
Tratar com respeito a imaginação,
manter perto dela um bom colírio.*

ooo

*Eu fui ver com quantas gralhas
se destrói um livro santo.
De uma só revoada os salmos
se esconderam sob um manto.
Chego a pensar que a cigarra
é uma formiga empalhada.
E que o tropel dos quatro anjos
não passa de uma reles cilada.*

ooo

*A lua dormiu na cisterna,
evitando lençóis da ribeira.
O prato emborcado sonhou
com uma amante na prateleira.
Mamãe quando bebe não liga
se é saquê ou suco de ervas.
Passar uma noite com ela
é ser refém de minervas.*

ooo

*A última corredeira tinha um nome.
Ao escorrer seu mel era puro fogo.
O tempo passou de queda em queda.
Já ninguém lembra o último malogro.
Foram-se os verbos e junto as verbas,
mundo melado que a tudo escorrega.
Quem dera restassem fio ou pavio.
Bastava pedi-los e aguardar a entrega.*

ooo

*Os céus da pátria são de capim.
Marabu, meu jardim sabotado,*

*fez de um trailer três troles
e um tigre com pé enfaixado.
Tudo era treva e falsas luzes.
Menos as balas furando a tela.
O ratakatraka raspava tudo
e o olho escafedeu pela janela.*

ooo

*Pela dieta de agulhas dos camelos
eu fui passando todo o bagulho.
Ninguém desconfia de pó viajado
em saquinhos do mais puro entulho.
O ouro da fé é a urina dos degredos.
Xarrel pôs o quinto pilar no lombo
do inglês feliz com a própria força.
Para si não queria um novo quilombo.*

ooo

*Dos relicários da velha tapera
fiz um refrão pra enxotar o azar.
O Cisne Negro comeu os farelos
de esqueletos fingidos no lagamar.
Nos escombros de tanta história
fui reler o que jamais fizemos.
Para cada inquietude uma troça
e um barco no braço dos remos.*

ooo

*Armando a rede na varanda ilustre
o saxofone embaçava o uivo caçona
das migalhas de um último desastre:
bordado de mitos, sopa de mamona.
Flores programadas para murchar
antes que o vento cantasse vitória.*

*Quem quer que invente o próprio fim.
Aqui mal damos conta dessa história.*

ooo

*O melhor mel caía da nevasca,
o Estige nunca esteve para peixe.
Frio era o céu e quente o olhar.
Pela metade não há quem deixe
de frequentar tantas caboclas.
O anúncio é a ilusão que rima
com a prateleira das virtudes.
O mundo em baixo ou em cima.*

ooo

*Agora a confusão quer raiar o dia,
mudar depressa o bordão, tingir-se
de morta ou fazer cara de Sulamita,
dando um salsichão por imiscuir-se.
Quem terá visto o cabide onde Luzia
sorradeira deitou, feito um chapéu?
E a toalha feliz com a dona atrevida
que naquela noite papou até o céu?*

ooo

*As noites não cobram pedágio algum,
jamais importa o sonho ou o pileque.
Se acordamos em pranto ou orgasmo,
a imagem saberá ser toalha ou leque.
O teu corpo adora fingir-se sereia,
cromo esquecido no fundo do mar.
O dia todo uma noite jogou-se nela,
e o que vimos foi um desastre solar.*

ooo

*Não há uma causa que seja santa.
Crença alguma nos leva a Deus.
Tudo expira a cada ira ou suspiro.
Quem se vinga não salva os seus.
Porém Totó desconhece a lenda
e sonha com pilares que um dia
possam tornar sagrado seu xixi...
Também ele quer reino e anarquia.*

ooo

*As noites passam por dentro
do mundo que fica lá fora.
Quando um de nós se avizinha
o tempo não vai mais embora.
Rebenta a primeira das águas
no acaso já quase extinto.
Quem quer renascer muitas luas
que aprenda a colher labirintos.*

ooo

*A lei de acordo com a cuíca
tanto prende quanto solta.
Não há ilusão mais faceira
do que esperar pela volta.
Rapé algum conforta
ou sopinha caseira alimenta
quem se amarra ao pé da porta
e só de esperar se orienta.*

ooo

*O verbo deixou passar a dor requerida,
fábula adormecida, cada falso sem uso.
Os corvos nos criam, em noites insones.*

*Jamais pude ler o teu silêncio confuso.
Os deuses amam o que amamos neles.
A cripta de ossos, o malogro dos fatos.
Mistério algum divide tantas páginas
com a alegação de culpa dos artefatos.*

ooo

*Um pastel de almas ao preço
de uma depenada ave de prata.
Um terço cansado de rezas,
um empório de mitos de lata.
Do táxi vi o cordel ao vento
negociando as proezas da fé.
As ruas choravam imoladas
pela perda do estoque de rapé.*

ooo

*As lições atiradas na mesa
refletem as agonias do saber.
Quanto mais vozes escoam
mais caprichos fingem dizer.
Por onde andei, quantos sou,
um bicho da seda, um pardal,
nada importa senão que esteja
muito além do bem e do mal.*

ooo

*Cascos cutucam as gâveas insones,
indagam sobre estrelas decaídas.
Quantas vezes mortos se repetem
até que escadas não sejam traídas?
Esqueletos confabulam em sacos,
discutem sobre as vagas do porão.
O mundo reage como um micróbio,*

fosse um escarro queimaria a mão.

ooo

*Espectros burlam a ilusão de tudo,
o que sonha ficar, o que espera sair.
Horas contadas em nome do caos
engalfinhadas sem ter para onde ir.
Tatuei tua queda no busto de Nero,
pistas de um espalhafato sem igual.
Quando deixamos o tempo passar
mais nada sabia voltar ao normal.*

ooo

*Pinóquio saiu para pescar
com seu nariz tinindo de novo.
Uma revoada de lambaris
o aguardava em cada ovo.
Gertudes amou Cupertina
no arpejo de cada lorota.
A verdade enrolada na cortina,
vazias a garrafa e a compota.*

ooo

*Quero ver quem vai casar
com o Padre Jospan Pedregulho,
pode ser a lagarta Quaresma
ou a Joana que mora no entulho.
Não importa se mambo ou tango,
a cigarra é a mais afinada.
Vai expor seus dotes na festa
e depois vai ser tudo ou nada.*

ooo

*As tropas do General Quaresma
aportaram na boca do pote.
Era uma sede sangrenta a feri-los,
e o medo de morrer sem dote.
Um pelotão de bustos insultava
a decadência de qualquer império.
Quem dera fosse apenas Nero
o imperador não levado a sério.*

ooo

*Se Dom Preá pudesse contar
buracos que abriu por acaso,
saltariam diálogos do túmulo
de velhas tramas fora de prazo
enterradas no mesmo teatro
em que é encenada a pouca luz
a história confusa e prescrita
da trova que perdeu até a rima.*

ooo

*Em acidente mais afoito
a escada tropeça nas pernas,
a lua cheia era um biscoito
com duas estrelas na caserna.
Noite já finda o alazão
desertou lá do quartel.
Nem de longe imaginou
que confusão daria o mel.*

ooo

*O açougueiro sonhava com carnes
fingindo seres míticos, falastrões.
Como nuvens ou sombras no olhar
de crianças confinadas em porões.*

*Xarrel não guarda uma única bituca.
Tanto crê que o futuro degenera
que nem repete a cama onde dorme.
Prefere matar a morrer de espera.*

ooo

*Jandira foi pro mato, viu Porcão,
pôs a lua entre os seios, alumiou,
era um molho de deleites, ela viu,
tarda-ninho, tara feita, s'avultou.
Jandira comeu Porcão no cercado,
lambia beijos, deixou nem grão.
Depois era tarde, realidade se foi,
Porcão era Xampan, rei chapadão.*

ooo

*O amor feito entre os sacos
de farinha e ração para peixes
sorria satisfeito e invejado
pelas caixas de ferros e feixes.
Nada disso decerto era notícia
que Adélia um dia recortasse.
Nada mais teria importância
que o perfil do amado evocasse.*

ooo

*As dores mudam de fronha e cuba,
viciada em nutella a morte se empacha.
Jandyra não vê senão o breu da bola,
que rói o mito como se fosse borracha.
Deus, pra que tantas visões, tão iguais,
se o morto se esvai a cada arruela ida?
De nada vale rebobinar ou parafusar
a ilusão quando a mesma está perdida.*

ooo

Fosse um dia posto sobre outro
pescaríamos atos e fatos na rede,
caranguejos no balde, vida farta.
Mas o tempo nada fixa na parede.
Cai por terra todo aquele que crê
que nada como um dia após outro.
Lágrimas não são pimentas magoadas.
Do furico de Cleó não sairá um potro.

ooo

As noites passam por aqui
com seus cascos mordidos
e assanhadas lembranças
de tempos melhores vividos.
A cadeira do doutor Xarrel
guardava um vultoso segredo
de heróis que roncam felizes
com gozos selados bem cedo.

ooo

Luzia experimenta dormir ao relento.
Dois goles, uma pitada e meio bife,
deixou o Doutor todo empalhadinho,
e logo voltou correndo pro esquife.
Foi o vento, reza a inveja na comarca,
dessas noites em que nada dura em pé.
Dizem que preá e capivara se aleitaram,
e nada ou ninguém pediu segredo ao Zé.

ooo

Ninguém confia em rito bem passado,

*feito salário congelado, amor eterno
ou deusas costuradas na coxa de Zeus.
Não vivo na casa onde lavo meu terno.
Não saldo hoje as dúvidas de amanhã.
Pressa alguma para chegar ao destino.
Se morro antes não haverá como saber
quantas surpresas no ralo do intestino.*

ooo

*Dizem que Xarrel era um patrão
misterioso e muito mal pagador.
Roubava folhetos de bom cordel
para vender na boca do Arpoador.
Preso no Corte Inglês na Galiza
vestira tantas roupas em si mesmo
que parecia um ator mambembe
vivendo mil vidas, dormindo a esmo.*

ooo

*Era uma vez o mito atrás do espelho.
Ruiu o teto, desastrada, a cegonha.
Veio atender a resmungos e fuxicos,
acabou no chão com cara de pamonha.
Todo mito disfarça a própria fama.
Querendo até mata o rito de vergonha.
Se finge de régio, sacerdotal, mas avia
em hábil camarim um baú de maconha.*

ooo

*Demos a volta ao mundo
No velho mustang da igreja.
Jospan garantiu hóstia boa
a toda gente que ali esteja.
Fomos de um cercado a outro*

*como nuvens em pasto estelar.
Foi o casório mais repleto
de tudo que se possa imaginar.*

ooo

*Os lixões guardam a cidade real,
o luxo empilhado tocando o céu.
Babel de mil vidas adulteradas
e um cardume de sonhos ao léu.
Quanto mais se farta a miséria
mais vidas se destinam ao borrão
de verbos decantados e gastura
de hóstias sem pecado e podridão.*

ooo

*Um bolo de trevas faz a festa
de quem não sabe contar...
Até onde, até quando, sai daqui,
puxa o rojão pra requebrar...
A noite inteira é uma proeza,
na roldana das Caboclas um trevo.
O nove se deita à espera do dez.
Todos sonham em ser o primevo.*

ooo

*Beba o leite mesmo amargo da negra
por ti acobertada ao fugir do hospício.
No zoo a tristeza é tanta que até mesmo
os mosquitos reconhecem o suplício.
Se vimos um dia macacos na punheta,
hoje até os leões fugiram das chácaras.
Bordeis vazios regurgitam seus gozos
e o cetim rasgado de suas máscaras.*

ooo

— Feche a porta ao sair, dizia Xarrel.
O sábio evita o retorno, esquece a ilha,
rejeita o destino que o caça faminto
e cospe em seu nome na boca da filha.
Xarrel levou o Tejo para o São Francisco.
Não por magnânimo ato, não se iludam.
Queria apenas provar, por puro sarcasmo,
que a água fica quando os rios se mudam.

ooo

Bem sei que a justa sempre quer a sua,
não importa o melado ou chá vencido.
Vamos deixar o palco pronto pra noite.
Ninguém guarda o nome e sim o apelido.
Hora do silêncio ralar em seu bê-a-bá
e as sombras bailarem com as cortinas.
Caronte sabe bem com quantos teatros
o mito vaga a livrar-se de suas toxinas.

ooo

A vela traga a noite até o fundo
de seus queixumes empoeirados.
Nenhum gole será tão fatal
quanto os que se imaginam dados.
Da traição se quer o gume de espanto,
do saltério a nota que rasga a alma.
O público jamais deixará por menos
a trama em que a dor perde a calma.

ooo

A cura! A cura! A cura!
O veneno nem tem importância!

Só não ponham na quentinha
a janta pra maior distância...
Quem sabe soletrar a causa
jamais se perderá nos efeitos.
Se o rato lhe rói a língua
o feitiço logo-logo é refeito!

ooo

A conveniência é a última Quimera,
lojinhas cujas luzes não se apagam.
Mesmo as pecinhas transparentes
guardam segredos que amargam.
Antes de descer do metrô Pandora
chegou a pensar em tirar a calcinha,
tamanho carinho ela tem por Atenas.
Mas nada. Sorriu, e ajeitou a diabinha.

ooo

O bom de uma noite no paraíso
é que ali toda gente se crê eterna.
Judite, Raimundo, Ritinha, Javé,
todos trocam a fé por uma perna.
Por mil dias o rádio sempre repete
igual cantilena que lustra a alma
de quantos riam, chorem ou gozem
escolhidos por aquela voz tão calma.

ooo

As luzes criam falsas escuridões,
sapatos atrasam as boas trilhas.
Por instantes beatas engalfinhadas
eram como mães perdendo filhas.
Lá embaixo se ouvia rouco badalo.
Miguel havia fechado suas contas.

*As ruas e as rezas se debatiam:
hábitos confusos, bênçãos tontas.*

ooo

*Sonhos não sabem senão sonhar.
Cleó insiste em amar a vida inteira.
Sua ilusão será a primeira a morrer,
antes que perceba o vício da esteira.
O mundo que um dia passou por aqui
segue encravado na unha de Cronos.
O que o rádio anuncia, em carne vazia
e gumes do espírito, são frios abonos.*

ooo

*Os fins detestam princípios,
sempre tão cegos de razão.
Iguais aos meios que iludem
na calada da noite a emoção.
Sento na coxa a esperar
que apareça um bom motivo,
uma gota d'água, um pavio
ou defunto se fingindo vivo.*

ooo

*O abismo olha para dentro de si
como se buscasse uns sutis vapores.
Sobe ladeiras de janelas abertas,
deixa o medo despir seus ardores.
Ninguém dispensa jamais o excesso.
Por onde quer que ande a vela acesa
e a teimosia atropelando a estrada,
nada confessa o abismo à última presa.*

ooo

*Não fiquem zanzando pela feira
na injúria de palanques crendo.
A fé na política é igual à da missa.
Cão que morde o rabo está vendo
a imagem anunciada em sua fome.
Se um dia pudesse calar o instinto
decerto comeria o rabo de outro,
e Xarrel diria orgulhoso: não minto.*

ooo

*Não venha agora dizendo
que o mundo está um bagaço.
O dia inteiro eu te amei,
e à noite eu fui teu palhaço.
Perdemos o chapéu na corte
e as moedas em fundo falso.
Se um dia brilhamos no trono,
hoje só nos resta o cada falso.*

ooo

*Pelo grifo que pinga a história
desconfio que estou atrasado.
Ao ligar o Instagram ouço arquejos
do horizonte, destino queimado.
A cigana que leu a minha mão,
se fosse cobrar por seus erros,
já teríamos comido outra lenda,
falsos olhares fugindo aos berros.*

ooo

*Mil cascos furados o oceano engulha,
uma língua presa a outras definha.
Vi palmeiras rejeitando deixar a ilha,*

*a dor esmagada que ainda não tinha.
Um céu pra cada lado, um véu retinto,
a corneta do Armagedom desafinada.
Medalhas foram comidas com desgosto.
Ao final, o tio nem brada nem nada.*

ooo

*Para Gilda perdi meus humores.
Hoje me esgueiro entre horrores,
feito espada repleta de dores,
aquarela que apagou suas cores.
Com Gilda se foram meus atores,
tanta fortuna no mel dos penhores,
noite azarenta entre mil senhores.
Não sei mais como amar Dolores.*

ooo

*Quando as pérolas gemem
e garfos entortam o nariz
certamente nada mais falta,
nem mesmo mascar o verniz.
A solidão devora castelos
em suas orgias derretidas.
O alquimista não cobra tostão
por essas tendas pervertidas.*

ooo

*A tempestade tem mil patadas
prontas para ruir cada margem
de limites que firam a natureza
e embaralhem dor e miragem.
Saúl pôs uma pulga em cada cós.
As margens todas se roçavam.
Mascavam sua dieta inanimada.*

Por vezes entre elas se coçavam.

ooo

*Cada vez que a casa cai
o jardim suspira fundo,
Ciente do que deva pensar
das dores desse assunto.
O fardo de cada queda sua
decifra a miséria do mundo.
Decerto há quem faça reserva
do paradeiro de cada defunto.*

ooo

*O patuá fornido caçoou do gambá.
Não levo comigo queixa ou catinga
Nada que azede na curva do olhar.
A diaba pra espumar mija na pinga.
Com ela minha vida é na contramão.
Não passa um caldo ou raspo o tacho
que não seja na boca da Gigantona.
Dentro dela me perco e nem me acho.*

ooo

*O céu jamais se conformou
com seus cabelos pintados.
Não é que chova ou não,
ou que desabe o retocado.
Dele o que bem se espera
(ele sabe ah como ele sabe)
é que não mude nunca de cor
antes que um dia tudo acabe.*

ooo

O inferno faz de conta que é céu
quanto mais unta teu nome ao meu.
De goma e sonho fazemos mil hóstias,
salões de espelhos e remos de Orfeu.
Não gastamos tanto verbo para nada.
De mãos vazias nem Deus retorna.
Querubim cresceu, Salomão se fez,
sem esquecer no alforje a bigorna.

ooo

São trevos, são pinos, são laços,
há quem veja até um cadafalso,
onde se esqueceu um dia o grito
na ferrugem da dor do espinhaço.
Querem ver com quantas dobras
Se corrige uma súbita distância?
Olhem bem o breu agora (agora)
antes que ele engula outra ânsia.

ooo

Para não perder o fino legado
fiz a entrega em dois bocados.
Primeiro a carcaça pelo ralo,
e em trapos embalei os pecados.
Fiz do céu um farnel de estrelas.
Viagem sem mapa ou tempero.
Quem sabe o vinho e o rosário
decifrem a rota sem desespero.

ooo

Um cisco no olho esquerdo
e perdi o melhor da cilada.
Quem saberia dizer por que
fugiste no melhor da estrada?

Mesmo intrigado dali não saí,
noites a fio no pé da escada,
até que o olho apagasse o cisco.
Quando o abri não havia nada.

ooo

Leda penteando as algas do mistério
na peruca aguarda pelo último ato.
Babo sussurra um trombone lá atrás,
a plateia se requebra, é o mecenato.
Leda faz de si inesperada omelete.
Mãe e Morte sacrificam suas filhas.
Voltem sempre, tragam amigos.
O inferno não desconta as milhas.

ooo

Mais vale um truque velho
que ainda recorde o recado
do que uma virtude novinha
que lembre antigo pecado.
O tempo guardado em sigilo
no cofre ou em uma bacia
não vale o arremedo do gato
ou o enguiço de uma enguia.

ooo

O diabo foi moendo a fenda, a lenda,
o pavio queimado, a voz ressecada.
Pouco sobrou até que a imaginação
voltasse a nutrir a totalidade de nada.
Na catraca do céu ingressos forjados,
na muralha do inferno quem se arrisca.
Por aqui passou um sacerdote sapeca,
e disse que o diabo não era boa bisca.

ooo

*O homem jamais fez ideia
do que poderia ter sido.
Fez de Deus o seu coringa,
sempre a reclamar do pedido.
Quer ver a mulata assanhada,
fumegando diante do espelho?
Revele a idade da prata
ou as molas que apoiam o coelho.*

Antes que a plateia perceba que o lero enfiado chegou ao fim, Salpicão Quaresma atravessa o fundo do palco disfarçado de cisne branco, cantarolando a coda com que havia sonhado ao convidar os dois magos da loucura.

Céu aberto, céu mais fino,
nuvenzinha de algodão.
Quando bate o mel no vento
vem comer na minha mão.

Sai de mim, te esfarela
na porteira do sertão.
Nuvenzinha mais fininha
faz do céu um sabichão.



autópsia de uma memória descuidada

ARC

COLCHA DE RETÁBULOS



ARC

CORTINA

*A última dor será sempre a mais profunda
como uma árvore que salte no abismo.*

Sutra da casa vazia



SOBRE O AUTOR



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Criou em 1999 a *Agulha Revista de Cultura*. Coordenou (2005-2010) a coleção “Ponte Velha” de autores portugueses da Escrituras Editora (São Paulo). Curador do projeto “Atlas Lírico da América Hispânica”, da revista *Acrobata*. Esteve presente em festivais de poesia realizados em países como Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Equador, Espanha, México, Nicarágua, Panamá, Portugal e Venezuela. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008), e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009), foi professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Tradutor de livros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini e Pablo Antonio Cuadra. Entre seus livros mais recentes se destacam *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (poesia completa, Brasil, 2020), *Naufraágios do tempo* (novela, com Berta Lucía Estrada, 2020), *Las mujeres desaparecidas* (poesia, Chile, 2022) e *Sombras no jardim* (prosa poética, Brasil, 2023).

ÍNDICE

CINEMA IMAGINÁRIO – A TIGELA DOS PROVÉRBIOS

SOBRAS DE DEUS

- I – Ciclo primeiro de sacrifícios
- II – Céus remotos
- III – Margem imperturbável do silêncio
- IV – Algum silêncio vindo das margens
- V – Escuridão numinosa
- VI – Invisíveis trilhas
- VII – Uma última chama?

O LIVRO INVISÍVEL DE WILLIAM BURROUGHS

O BARCO NU

UM ASSOMBRO NA FRESTA DE DEUS

DIÁRIO ÍNFIMO DO MOLEQUE DOS TERNOS

- O marmelo perdido: rascunho apócrifo
- Caatinga Dreams
- Los desaparecidos
- Vida secreta da realidade
- O script em carne viva
- Um desvario influente

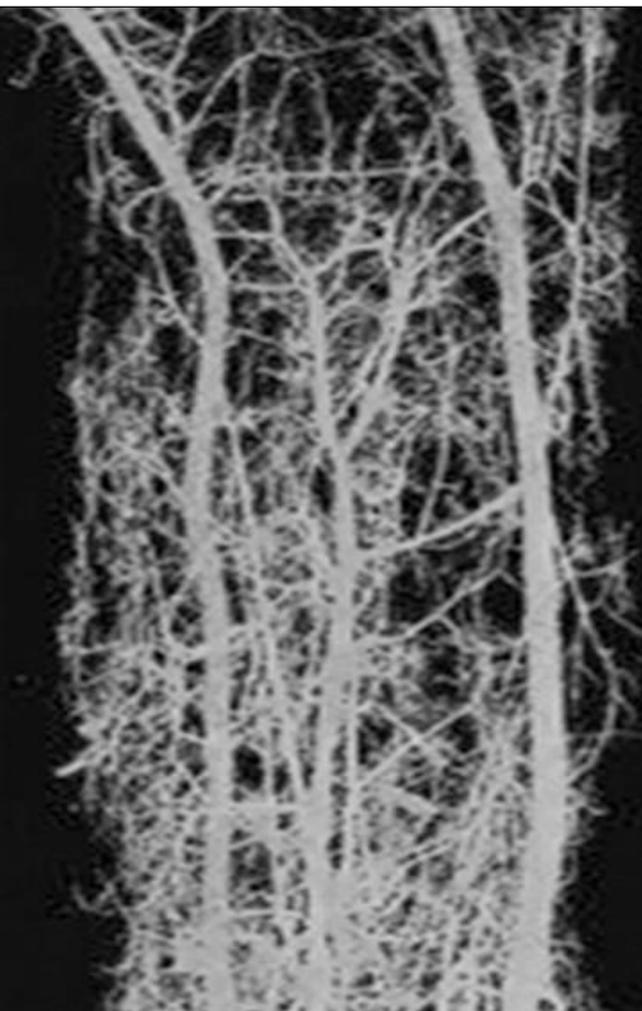
BAZAR DOS GRANDES INVISÍVEIS

CORTINA

Sobre o autor



Árvores profundas de Floriano Martins se terminó de ensamblar en su versión digital en marzo de 2025. En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion Pro JMH Typewriter y Californian FB: 10, 12, 14, 18.





2025



**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2025**